

JOÃO LUÍS SAPORITI MACHADO DA CRUZ BUCHO

**AS TERAPIAS EXPRESSIVAS E O BARRO:
VEÍCULO DE AUTO-CONHECIMENTO, CRIATIVIDADE E
EXPRESSÃO**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, Junho de 2011

JOÃO LUÍS SAPORITI MACHADO DA CRUZ BUCHO

**AS TERAPIAS EXPRESSIVAS E O BARRO:
VEÍCULO DE AUTO-CONHECIMENTO, CRIATIVIDADE E
EXPRESSÃO**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, Junho de 2011

JOÃO LUÍS SAPORITI MACHADO DA CRUZ BUCHO

**AS TERAPIAS EXPRESSIVAS E O BARRO:
VEÍCULO DE AUTO-CONHECIMENTO, CRIATIVIDADE E
EXPRESSÃO**

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Criatividade e Inovação, sob a orientação da
Professora Doutora Maria Antónia Jardim.

RESUMO

Este trabalho consiste num estudo que tem como principal objectivo descrever como o material barro poderá funcionar como veículo que promove o desenvolvimento do auto-conhecimento, da criatividade e da expressão no sujeito.

A fundamentação teórica assenta em autores e referências no campo da psicologia do desenvolvimento, como Freud, Piaget, Vygotsky, Erikson - no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem e da pedagogia nos sujeitos; Bachelard, Winnicott e Vygotsky - em relação à importância da imaginação e do simbólico e como instrumento de observação usado nesta abordagem utilizou-se o Continuum das Terapias Expressivas, ECT, defendido por Kagin e Lusebrink (1978) e as Versões de Sentido, VS (Amatuzzi, 1996).

Na elaboração do estudo empírico, foi utilizado um modelo de investigação aplicada ou investigação - acção participativa, efectuada em diversos ateliers e workshops desenvolvidos, com adultos, nos dois últimos anos, dos quais foram descritos apenas dois.

Como resultado do estudo foi possível observar as múltiplas potencialidades do barro como elemento objecto facilitador no estimular do pleno desenvolvimento do potencial criativo dos sujeitos, promovendo o conhecimento e ampliando o campo expressivo. Sendo uma investigação qualitativa e de carácter exploratório, esta dissertação apresenta algumas restrições, já que os resultados obtidos não podem ser generalizados, mas permitem retirar conclusões que poderão ser aplicadas à realidade próxima da apresentada neste trabalho.

Palavras-chave: Terra, barro, argila, criatividade, expressão, desenvolvimento pessoal.

ABSTRACT

This work involves a study that have as a main subject to describe as the material clay will be able work as a vehicle that promote the development of the auto-knowledge, creativity and the expression in the subject.

The grounds theory draw heavily on authors and references in the field of the development psychology, as Freud, Piaget, Vygotsky, Erikson - in what it says regarding to development of the learning process and the pedagogy on the subjects; Bachelard, Winnicott e Vygotsky – in relation to the importance of the imagination and the symbolic as a observation instrument used in this approach, we used the Continuum of the Expressive Therapies, ECT, defended by Kagin and Lusebrink (1978) and the Versions of Sense, VS (Amatuzzi, 1996).

In the preparation of the empiric study, it was used a diligent investigation model or investigation – participating action, made in several ateliers (studious) and Workshops development with adults in the last two years, which were describes just two.

As result of this study, it was possible to observe the multiple potentialities of the clay as enabler in stimulate the full development from the creative potential from the subjects, promoting the knowledge and extend the expressive field. Being a qualitative investigation with exploratory character, this dissertation presents same restrictions, because the results cannot be generalize, but they allow to take conclusions that will be able to be apply to the next reality presented in this work.

Keywords: Earth, Clay, Creativity, Expression and personal development

Nascemos originais e morremos cópias.

Carl Jung

Porque podemos ser muito mais do que meras cópias, este trabalho é dedicado a todos os investigadores, professores, pais, estudantes e público em geral, que acreditam nas potencialidades da imaginação e da criatividade, como veículo de aprendizagem, da transformação e renovação.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho resulta de vários anos de trabalho e experiência, contudo não estaria completo nem seria possível, sem o contributo de várias pessoas e até mesmo instituições, que permitiram e facilitaram este “parto”.

À minha família, pai e mãe, porque o que sou hoje certamente se deve graças a eles. Obrigado por tudo aquilo que me transmitiram e pela confiança que depositaram e depositam em mim que me fez ter confiança em voltar à universidade e elaborar este trabalho.

À Ana, companheira inseparável, o meu muito obrigado pelas inúmeras horas de ausência, assim como pela sua paciência, entreaajuda e amizade revelada ao longo deste últimos dois anos.

À professora Maria Antónia Jardim, por ter contribuído na minha formação enquanto pessoa e profissional, através da sua dedicação, orientação, estímulo e confiança.

A todos aqueles que participaram neste trabalho, pela sua disponibilidade e entrega total, nas diversas actividades, o meu muito obrigado pois sem a sua colaboração nada teria sido possível.

Muitas mais pessoas haveria a agradecer, contudo todos eles saberão o quanto são importantes na elaboração deste trabalho, estando sempre disponíveis e ajudando-me a superar as minhas angústias, incertezas e dúvidas existenciais. A todos eles, um sincero obrigado

Obrigado a todos por me terem permitido trilhar este caminho!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – A SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS	5
1.1. O Homem actual.....	6
1.2. A importância da criatividade	9
CAPÍTULO II – A EXPRESSÃO E AS TERAPIAS EXPRESSIVAS	20
2.1. A importância do não verbal	20
2.2. A relação terapêutica	23
2.3. O Continuum das Terapias Expressivas (ETC).....	32
CAPÍTULO III – A ARGILA	35
3.1. Sua localização e propriedades.....	35
3.2. Uso da argila ao longo dos tempos	38
3.3. Geoterapia.....	40
3.4. Geografia	45
3.5. Características técnicas e simbólicas do barro	50
CAPÍTULO IV – ESTUDO EMPÍRICO “BARRO: EXPRESSÃO DO CORPO E DA ALMA”	73
4.1. Objectivo da investigação.....	73
4.2. Metodologia	73
4.2.1. Tipo de pesquisa	73
4.2.2. Participantes	74
4.2.3. Instrumentos	74
4.2.4. Procedimentos metodológicos	76
4.3. Resultados.....	83
4.3.1. Avaliação a partir da percepção dos criadores/participantes.....	97
4.3.2. Avaliação a partir da percepção do facilitador	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	110
Anexo 1 - Mapa resumo principais vantagens do barro	111
Anexo 2 – Plano de actividades workshop	112
Anexo 3 – Versões Sentido	113
Anexo 4 – História “As minhas mãos”	119
Anexo 5 – Exercícios propostos	137
Anexo 6 – Como fazer barbotina.....	141
Anexo 7 – Materiais necessários para trabalhar com o barro	142
Anexo 8 – Glossário de termos e ideias	144

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: A relação terapêutica.....	24
Figura 2: Dimensões no ser humano	30
Figura 3: Áreas do saber.....	31
Figura 4: Biscoitos de argila Haiti.....	48
Figura 5: Biscoitos de argila Haiti	48
Figura 6: Biscoitos de argila Haiti	48
Figura 7: Biscoitos de argila Haiti	48
Figura 8: Biscoitos de argila Haiti	49
Figura 9: Biscoitos de argila Haiti.....	49
Figura 10: Capela Sistina, Criação de Adão, de Miguel Ângelo.....	51
Figura 11: Cueva de Las Manos	53
Figura 12: Maurits Cornelis Escher, as minhas mãos	53
Figura 13: A mão.....	55
Figura 14: Vantagens psico-educacionais da utilização do barro	70
Figura 15: Principais diferenças entre hemisfério esquerdo e direito	71
Figura 16: Matéria-prima: barro utilizado para trabalho	83
Figura 17: Matéria-prima: barro utilizado para trabalho	83
Figura 18: Partilha a dois sobre trabalho efectuado	83
Figura 19: Contacto, percepção, sensação, expressão e emoção.....	84
Figura 20: Contacto, percepção, sensação, expressão e emoção	84
Figura 21: Marcas de passagem e de identidade	85

Figura 22: Mural de identidade	86
Figura 23: Trabalho “História das minhas mãos”	86
Figura 24: Trabalho “História das minhas mãos”	87
Figura 25: Exploração do barro	89
Figura 26: Criação no barro.....	90
Figura 27: Criação no barro.....	90
Figura 28: Criação no barro.....	90
Figura 29: Criação no barro	91
Figura 30: Criação no barro	91
Figura 31: Fase de partilha e reflexão final	92
Figura 32: Dinâmica de abertura	92
Figura 33: Dinâmica de aquecimento corporal.....	93
Figura 34: Conhecimento e descoberta através do toque	93
Figura 35: A alegria, a emoção da cor – sensações palpitantes.....	94
Figura 36: As mãos e a tinta: exploração e emoção	94
Figura 37: O livro de presença	95
Figura 38: O trabalho no barro	95
Figura 39: Construção de história	96
Figura 40: Representação da história.....	96
Figura 41: Leitura de Vs e dinâmica de despedida	97

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Modelo de continuum das terapias expressivas	34
Gráfico 2: Modelo de continuum das terapias expressivas	34
Gráfico 3: Domínios de aplicação das argilas	39
Gráfico 4: Mãos no barro, duplo movimento	69

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Propriedades do barro.....	37
Tabela 2: Formas de administração das argilas	43
Tabela 3: Aplicação das argilas no campo medicinal.....	44
Tabela 4: Resumo da VS	98

INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão abordadas as principais características técnicas e simbólicas do material argila/barro, factores extremamente importantes a que o Terapeuta Expressivo deve ter em atenção. Neste sentido, o objectivo desta dissertação será demonstrar que o barro, pode servir como um veículo facilitador do potencial criativo e expressivo no sujeito, no campo educativo e terapêutico.

Este tema foi escolhido, devido à forte relação pessoal que é mantida com o barro, que advém da prática profissional enquanto Psicólogo e Terapeuta Expressivo e por parecer um campo de intervenção que merece ser estudado e aprofundado. Como psicólogo, desde cedo foi sentida a necessidade de completar a actividade clínica através de outras formas de linguagem que não o verbo, daí surgindo o especial interesse, inicialmente pela Arte-Terapia e posteriormente pelas Terapias Expressivas, como novas áreas de conhecimento, que além de se revelarem extremamente úteis, demonstram ser excelentes auxiliares para facilitar a abertura de novos canais comunicacionais e relacionais nos sujeitos. Ao mesmo tempo o contacto com os diversos materiais permite aceder a uma dimensão lúdica e de prazer constante, ampliando a capacidade criativa e imaginativa, explorando e ousando a livre experimentação.

As diferentes linguagens expressivas, funcionam como uma verdadeira chave que permite aceder ao outro, ao seu mundo interno e fantasmático de forma livre e protegida. A utilização de metodologias e técnicas expressivas e neste caso em específico graças à utilização do barro, propicia que os sujeitos que o manuseiam, possam ter acesso de forma livre e sem receios, a determinados aspectos seus e dos outros, do seu próprio mundo interno, fantasias, angústias, sentimentos e emoções que por vezes através da simples verbalização se torna muito mais difícil de alcançar.

A utilização dos recursos expressivos, a que chamamos mediadores, proporciona aceder a uma área transitiva, área de jogo, área lúdica, onde se permite jogar e brincar. Actualmente no nosso mundo tão competitivo, racional e rotineiro, as actividades lúdicas são afastadas e muitos de nós entendemos que brincar é uma actividade restrita às crianças e não pode ser extensível aos adultos. Porque continua a ser vedado ao

adulto o prazer de brincar, de jogar e de divertir-se em tudo o que ele faz, produz e cria? Porque será que a capacidade criativa, característica que nos diferencia dos animais, surge em criança, mas depois vai adormecendo até ficar completamente inibida na fase adulta?

Este trabalho, incidirá nas múltiplas qualidades do material argila, a que vulgarmente chamamos barro e de que forma poderá contribuir para a ampliação do conhecimento, da criatividade e de expressão no sujeito.

O barro, material amorfo, ao qual podemos facilmente atribuir uma forma e vida própria, permite-nos manter um diálogo interno e externo. Trata-se de um material vivo, plástico, mágico, com múltiplas significações e que facilita o despertar e explorar do lado criativo e imaginativo, que por vezes se encontra escondido em todos nós. Pouco a pouco, pudemos tomar consciência de outros aspectos de nós próprios, assim como dos outros, ampliando a nossa percepção de ver as coisas e o próprio mundo envolvente.

Através do contacto estabelecido com o barro, construímos o nosso próprio mundo, tornando-nos verdadeiros artistas criativos, ao mesmo tempo que ampliamos o nosso conhecimento. A experimentação livre com o barro, permite-nos sermos transformadores e sermos transformados, brincando, crescendo e aprendendo e ao mesmo tempo tornando-nos mais nós próprios e mais autênticos.

A metodologia utilizada é o método qualitativo, tendo por base um modelo de investigação aplicada ou investigação - acção participativa¹, efectuada em diversos ateliers e workshops desenvolvidos com adultos, nos dois últimos anos, dos quais descreveremos dois. Esta modalidade de investigação científica dirige-se à compreensão e descrição dos fenómenos, neste caso tendo em conta as múltiplas especificidades do barro. A sustentação teórica terá a base em autores e referências no campo da psicologia do desenvolvimento, como Freud, Piaget, Vygotsky, Erikson no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem e da pedagogia nos sujeitos, Bachelard, Winnicott e Vygotsky, em relação à importância da imaginação e do simbólico e como instrumento de observação usado nesta abordagem recorreremos ao Continuum das Terapias

¹ O resultado será um triplo objectivo: produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar os actores (Simões, 1990: 43)

Expressivas, ECT, defendido por Kagin e Lusebrink (1978) e às Versões de Sentido, VS (Amatuzzi, 1996).

Esta dissertação apresenta algumas restrições, neste caso em específico graças ao poder da subjectividade do próprio barro e das análises efectuadas, assim como nas próprias conclusões obtidas. Os limites temporais e espaciais, poderão dificultar a generalização dos resultados, no sentido de encontrar uma regularidade, contudo esperamos poder contribuir na divulgação das múltiplas potencialidades do barro, enquanto objecto mediador da criatividade, do conhecimento e da expressão.

É neste sentido, com o objectivo de estimular o conhecimento e a exploração das potencialidades do barro, que foi construído este trabalho. É composto por quatro capítulos e os anexos. Os três primeiros, destinam-se à fundamentação teórica referente à temática a tratar e no último descreve-se a actividade desenvolvida e apresentam-se as principais conclusões.

No primeiro capítulo, é apresentada a sociedade actual e o Homem que vive amedrontado pelas constantes crises existentes, para posteriormente se realçar o papel e a importância da criatividade e da inovação. O segundo capítulo, aborda as Terapias Expressivas, com especial valorização na comunicação não verbal e na relação terapêutica que se estabelece entre Terapeuta/Cliente, que se diferencia da relação convencional.

No terceiro capítulo é descrito o material, a argila e destaca-se a sua importância ao longo da história. Ao se falar na argila, descreve-se de onde tem origem, como é construída, ao mesmo tempo que se faz uma breve viagem histórica sobre a sua utilização ao longo dos tempos, dando uma panorâmica geral de como é utilizada. São abordados termos como a geoterapia, a geofagia e apresentam-se as características técnicas e simbólicas do barro.

No quarto e último capítulo é descrito o estudo empírico, que está na base desta dissertação, onde foi efectuado, por quem, quando e como. As conclusões retiradas da análise e avaliação do estudo, são expostas assim como são descritas as principais dificuldades sentidas e vividas, apresentam-se propostas e sugestões para futuros trabalhos nesta área, assim como são revelados pontos que poderiam ser melhorados.

Nos anexos são apresentadas algumas informações pertinentes, que vão desde um mapa resumo sobre as principais vantagens do barro, passando pela descrição das actividades efectuadas nos workshops, pelas versões de sentido efectuadas, assim como os trabalhos sobre as “histórias das minhas mãos”. Foi construída uma proposta de dez exercícios que poderão ser efectuados com este tipo de material e por fim explica-se como se faz borbotina, assim com se apresentam os materiais necessários para se trabalhar com o barro, concluindo os anexos um pequeno glossário de termos e conceitos referentes a este tipo de material, de forma a facilitar uma maior familiarização com a temática.

CAPÍTULO I – A SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS

Nos nossos dias é por demais reconhecido, que vivemos num mundo em constante alteração e renovação, muito em consequência dos avanços da técnica e da ciência, nos vários campos de intervenção. A longevidade do ser humano cresceu exponencialmente nos últimos anos, muito em graças a este avanço e em particular graças ao avanço da medicina, das novas formas de tratamento disponíveis, bem como das políticas sociais em vigor. A esperança média de vida aumentou consideravelmente nos últimos anos, reflectindo-se no conseqüente envelhecimento demográfico na Europa e no Mundo, surgem novas realidades, que até aqui não eram tão evidentes, o número de nascimentos reduziu, reflectindo-se nas baixas taxas de natalidade, o homem começa a preocupar-se com as questões ambientais, as próprias relações mudam, surgem novas formas de relacionamento, criticadas por uns e defendidas por outros.

A civilização é racionalista, separa-se a razão, dos sentimentos e das emoções. O “*saber objetivo*”, a racionalidade, tornou-se o valor básico da moderna Sociedade. A verdade científica ocupa hoje o lugar ocupado pela verdade teológica na Idade Média. Esta é a lógica que rege a moderna Sociedade industrial, cada vez mais fechada sobre si mesmo, na qual os indivíduos devem produzir num esquema racionalista, sem deixar as emoções e os valores pessoais interferirem no processo. Em consequência, as actividades lúdicas e expressivas são afastadas do nosso dia-a-dia, sendo substituídas pelo trabalho não criativo e mecânico.

A sociedade é informática, audiovisual, tecnológica, vivemos numa constante corrida contra o tempo, que nos esgota e consome. Ouvimos, muitas vezes, dizer que a sociedade privilegia o “*Ter*” em detrimento do “*Ser*”, numa óptica de um consumismo desenfreado. A sociedade é caracterizada pelo racionalismo e automatismo, baseada no trabalho rotineiro e repetitivo, assente numa grande padronização, palco de actuação do “Homem mecânico”, sob uma economia cuja principal preocupação é a produção de capital. Nos dias que correm, somos constantemente bombardeados com o apelo ao consumismo de forma compulsiva, não sabemos bem de quê, mas consumimos. Aquilo que desejámos ontem, hoje o compramos e amanhã deixa de fazer sentido e fica de lado.

Nas palavras de Stern (1974), a insatisfação permanente é o estado de espírito dos consumidores, sendo que consumir quer dizer fazer da mesma maneira que, ser

parecido com toda a gente, vestir-se segundo determinado modelo, comer, viver como outro qualquer. Para este autor, o consumo despersonaliza, cria modelos, modas, maneiras certas de nos comportarmos.

“O mesmo molde, diríamos, serve para o corte das calças e da filosofia. O indivíduo já não ousa agir; porque tem a preocupação constante de se integrar na equipa. Como um rebanho, a massa dos consumidores segue o bode publicitário” (Pg 36).

1.1. O Homem Actual

O homem moderno é um ser ocupado, cansado e stressado, demonstrando um grande medo em se expor, medo em errar, medo que pode ser embaraçoso e até mesmo humilhante. O Homem isola-se, aborrece-se e tem medo do seu próprio vazio, muitas vezes toma atitudes de desprezo e desrespeito perante os outros de forma a conseguir assegurar a sua própria subsistência, assegurando desta forma o seu bem-estar e qualidade de vida.

Vivemos numa época caracterizada pelo pensamento operatório (raciocínio concreto, orientado para o real com interesse no actual e factual) onde pouco se liga às emoções, não há ligação à actividade fantasmática, o pensamento está ligado à acção.

No mundo actual, mundo do conhecimento, vivemos cada vez mais mergulhados em altas tecnologias, diversões electrónicas, onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, prostrados em frente do computador, ou no sofá em frente da televisão ou jogando na playstation, PSP, com seus corpos imobilizados, comendo e bebendo, sem regras, nem hábitos de alimentação equilibrada, assim como sem o hábito de recorrerem à prática do exercício físico, tornam-se e revelam-se crianças que escrevem mal e muito mal falam. Nas palavras de Leite & Malpique (1986), as crianças tornam-se “*teledependentes*” e os adultos agradecem a ajuda que a televisão lhes dá. Em consequência, a criatividade vai sendo anestesiada, até adormecida, por completo, já que não é necessário criar nada de novo, o novo já existe à nossa disposição nas grandes superfícies, no computador, na televisão, nos telemóveis e demais instrumentos que hoje em dia se tornaram tão imprescindíveis para a nossa própria subsistência.

Associado a esta revolução tecnológica e científica, o próprio registo em que vivemos, torna-nos impacientes, rígidos e conduz a ambientes hipercríticos que levam à inibição da criatividade. Fomos e somos educados no conformismo, as próprias

sociedades querem Homens adaptados e com adesão às normas vigentes, adaptados ao rotineiro, ao repetitivo. Contudo, embora continuemos a elogiar a nossa riqueza, técnica, científica e espiritual, continuamos a ter muitos e graves problemas tais como, desemprego, problemas de saúde, muitos de nós temos hábitos de vida não saudáveis e comportamentos de risco e alguns chegam mesmo a viver à margem da sociedade, sem casa, sem família, chegando a falecer prematuramente.

“ Nascermos sabendo voar com a imaginação. Como adultos, perdemos essa liberdade, inibidos pelo compromisso com a realidade ”.

José Predebon, publicitário, professor e escritor

“Toda a criança é artista. O problema é como permanecer artista depois de crescer.”

Picasso

Tudo o que nos envolve é artificial, muitas das vezes falso, vivemos alienados, escravizados e robotizados. O nosso dia-a-dia é caracterizado por uma grande mecanização tanto física como mental e psicológica, levando à atrofia e hipertrofia dos nossos sentidos. Vivemos dominados pela competitividade, pela indiferença, sufocados pelo egoísmo.

O Homem moderno é um reflexo da sociedade, já que o obriga a virar-se para dentro de si próprio, demonstrando grandes dificuldades em se expor e em comunicar, tornando-se numa pessoa com sentimentos de grande desvalorização e inferioridade perante os outros, baixa auto-estima e complexos de culpa.

No actual momento de tanta agitação económica, política e social, basta-nos uma palavra para definirmos este mal-estar social: crise. A crise social, económica e financeira. Estamos em crise, vivemos em crise e continuamos em crise. Tudo é culpa da crise. Às tantas, nem sequer sabemos que crise é esta. Aparece-nos perfeitamente adulterada e transformada num grande vulcão que brota lava incessantemente e que devasta e arruína tudo por onde passa. Afastando esta visão metafórica da crise, importa salientar que só com uma visão criativa e imaginativa, poderemos reconstruir e construir de novo o mundo em que vivemos.

Face a este panorama deveras negro e sombrio, torna-se fundamental mudar e adoptar novas estratégias de luta contra a crise social, contra a pobreza e exclusão

social, dotando a sociedade de novos recursos e meios capazes de fazer frente a todas estas adversidades. No mundo actual, marcado por mudanças profundas contínuas e face à actual conjectura, na era da globalização, surge a importância de se estimular o potencial criativo e de inovação dos vários intervenientes, neste caso através da participação activa dos cidadãos e das instituições. Torna-se necessário dotar os cidadãos de capacidade empreendedora (capacidade de transformarem ideias em algo concreto e real, em actos), no sentido de encontrarmos soluções criativas para alterarmos a situação actual, para podermos ajudar e contribuir na evolução da moderna sociedade em que vivemos. É necessário abrir portas à criatividade e deixar passar o sopro da inventividade e da imaginação para conseguirmos inovar formas e estratégias para superar esta fase em que vivemos

O desenvolvimento da criatividade é de vital importância para nos podermos preparar e adaptar à moderna sociedade em que vivemos e de forma a melhor nos prepararmos em relação ao futuro. Trata-se de um enorme desafio, já que constatamos que os modelos antigos e padronizados não se revelam adequados nem satisfazem as nossas necessidades actuais, daí ser esta a melhor altura para mudarmos a nossa postura e comportamento, fazendo algo novo, diferente, original e com valor prático. É necessário mudar mentalidades, mudar a forma de pensarmos para podermos encarar a realidade interior e exterior de outra forma. É necessário viver a mudança como algo natural e construtivo e não ameaçador nem aniquilador.

Teremos de ousar romper com o passado, com a repetição, estabelecendo novas dinâmicas criativas, imaginativas, encontrando novos caminhos, diferentes e inovadores. A repetição equivale à própria inércia, regressão e rigidez e a consequente morte. Urge sermos criativos, inovadores, transformadores. Trata-se de uma dinâmica regeneradora, que modifica a forma de estar e ver o mundo. Só conseguiremos mudar a realidade exterior se conseguirmos mudar a forma de pensar a realidade, interior de cada um de nós.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma o nosso corpo, esquecer os nossos caminhos que nos levam aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos”

Fernando Pessoa

Segundo Vale, Wilkinson & Amâncio (2008), no mundo caracterizado por um vertiginoso processo de transformação, a inovação é a “*mola mestra*”. A inovação constitui a base para a sustentabilidade, o crescimento e fortalecimento da sociedade e do homem em particular. O desenvolvimento é possível, quando ocorre a inovação. Novas áreas de conhecimento surgem e se interpenetram, campos do saber se multiplicam numa actividade constante, interactiva e dinâmica. Com isto podemos afirmar que o binómio criatividade/inovação representa uma poderosa vantagem competitiva para todos nós humanos, assim como para as diversas organizações e instituições. O sucesso depende da articulação entre estes dois conceitos. Ambos, apresentam-se como conceitos em constante metamorfose, tendo ao longo dos tempos vindo a recriar-se e a reinventar-se a uma velocidade estonteante.

Para sermos inovadores, devemos estimular e motivar as práticas criativas. Acreditamos e defendemos que a criatividade livre e imaginativa desempenha um papel de destaque, como iremos enaltecer ao longo deste trabalho.

1.2. A importância da criatividade

Graças às mudanças estruturais que o mundo de hoje apresenta, exige e requer a presença de profissionais, capazes de manifestarem originalidade, flexibilidade e fluidez de pensamento², além de revelarem abertura à inovação, à mudança, à mobilidade de novas ideias de novas áreas de actividades. Ao mesmo tempo, o homem moderno, deverá ser capaz de demonstrar uma postura reflexiva, crítica e com uma grande capacidade interventiva. Terá de ser capaz de ser criador da sua própria existência e ser um agente proactivo e dinâmico, responsável pelo sucesso individual e institucional. Só através desta capacidade empreendedora baseada em princípios criativos e inovadores, é que conseguirá tornar-se competitivo e produtor de riqueza.

² As três características que a maioria dos autores consideram estar presentes na personalidade criativa. Originalidade – diz respeito à produção de algo novo, descoberta de novas soluções; fluidez – capacidade de imaginar e produzir muitas respostas para um problema, para uma solução, implica grande mobilidade de pensamento; flexibilidade – conjugação das outras duas, diz respeito à capacidade de mudar estratégias na procura de soluções.

Se até aqui, a maioria de nós navegou em mares mais calmos, numa lógica cartesiana, baseada num raciocínio lógico e linear, dito pensamento convergente, actualmente perante as adversidades do mundo contemporâneo, já não é possível ficarmos a olhar para algo e termos só um sentido, um significado. As águas dos mares agitam-se, já não são tão claras e translúcidas, tornam-se profundas, turvas e em constante agitação e revolta, implicando que os navegadores adoptem novas posturas e adquiram novos conhecimentos e competências. A multiplicidade de perspectivas implica um novo olhar, mais profundo e mais abrangente sobre o assunto a tratar. Daí surge a criatividade que tem de ser algo em constante renovação e inovação activa permanente.

Acreditamos que a criatividade é a chave para o século XXI. Aliás, podemos afirmar, que a criatividade se tornou numa ferramenta, numa habilidade extremamente valiosa para cada ser humano: criança, jovem, adulto ou velho, poderem conseguir adaptar-se a esta sociedade tão competitiva e racionalista, onde o valor que impera é o da produção e da optimização dos resultados.

A criatividade surge como uma disciplina científica (Sousa, 1998).

Quando falamos em criatividade e embora muitos de nós não o saibam ainda definir, remete-nos para algo único, original, novo. Trata-se dum baú cheio de potencialidades e segredos, tipo uma caixa de Pandora, uma pulsão, uma necessidade que urge ser satisfeita. Implica uma motivação, intrínseca própria do sujeito e extrínseca, facilitada pelo meio ambiente, em que está inserido. A criatividade é tudo isto e muito mais.

Em todo o acto criativo é necessário uma dose de risco, é necessário ousarmos e arriscarmos, aventurarmo-nos em novos caminhos, novas ideias, novos rumos. Criar implica trabalho, dedicação e disponibilidade. Célebre é a frase de Thomas Edison: *“A criatividade é 1% de inspiração e 99% de transpiração”*

Face a isto, importa então apelarmos ao pensamento empreendedor e criativo. Além de ser inovador, é exploratório e aventureiro, o próprio criador é atraído pelo desconhecido e indeterminado. O risco e a incerteza estimulam-no. Ao invés o não criativo é cauteloso, metódico e conservador (Kneller, 1978).

Criar supõe a produção de coisas, até aí inexistentes³, supõe a presença da imaginação, através dela o homem projecta aquilo que não existe, diferente do animal que está preso no aqui e agora. A actividade criativa por si só, constitui-se, como uma actividade de rebeldia, já que o criador nega o que se encontra já estabelecido, o existente, propondo algo de novo. O novo surge a partir do descontentamento com o já existente.

“O importante é criar”, “Nada mais importa: a criação é tudo”

Picasso

“A imaginação é mais importante que o conhecimento”.

“ Quem nunca errou nunca tentou fazer algo de novo”

Einstein

A Criatividade supõe um balanço dinâmico entre divergência e convergência, implica uma constante interacção entre o pensamento convergente (pensamento vertical, lógico) e divergente ou lateral/paralelo.

Ao criarmos estamos a construir e desconstruir, atribuindo um novo sentido e significado. Através da expressão criativa, tornamo-nos agentes de mudança, deixamos de ser meros receptores e espectadores para sermos agentes activos e participativos, transformando-nos em artistas criadores, comediantes, intérpretes, encenadores e realizadores. A criatividade livre e imaginativa permite que abandonemos as velhas teorias e dogmas, as rotinas e os hábitos repetitivos, as crenças e estereótipos e permitenos enfrentar novas situações, novos desafios e problemas com maior confiança. Desta forma, deixamos para trás os receios, medos e amarras, ampliando a nossa capacidade de nos vermos a nós próprios e ao mundo envolvente. Através da criatividade expandimos as nossas potencialidades e reconhecemos novas aptidões, conhecimentos e competências.

Ao sermos criativos, abandonamos hábitos e rotinas egoístas, centradas em nós próprios na nossa teimosia e arrogância, para adoptarmos uma nova postura mais flexível, altruísta e mais justa e nos transcendemos a nós mesmos, criando. Neste

³ Por vezes existe a falsa ideia de que ser criativo tem de ser fazer algo novo, contudo podemos muito bem-fazer algo de novo através da transformação de alguma coisa já existente em algo novo.

movimento dinâmico de criação e recriação do nosso próprio ser, promove-se o encontro com o si - mesmo, e nos superamos. Desta forma nos auto-realizamos enquanto seres vivos e transformadores

Assim se incentiva e estimula o desenvolvimento da iniciativa, a desinibição e principalmente a valorização pessoal aumentando a auto-estima. Em relação à valorização pessoal, vários autores têm falado sobre a criatividade, importa destacar Carl Rogers, no livro *Tornar-se Pessoa*, que define a “*criatividade como a tendência do homem para se realizar a si próprio, para se tornar no que em si é potencial*” (Rogers, 1977: 302). Para este autor, o processo criativo é a expressão do ser autêntico e singular.

Mas afinal o que a criatividade?

Criatividade advém da palavra criar, que tem origem no verbo *Creare*, significa originar, gerar, formar, qualidade de conseguir pensar de forma inovadora desenvolvendo o sentir e em consequência provocar transformações, tornando o velho novo. Acreditamos que o potencial criativo é Universal, i. e. inerente ao Ser Humano e não como alguns “*velhos do Restelo*” ainda defendem que a criatividade é só de alguns e para alguns. Consideram-na como se fosse uma dádiva, um privilégio de alguns, que se encontra presente apenas em alguns seres predestinados e talentosos tais como: crianças, artistas⁴, inventores, cientistas e determinados tipos de personalidades, como sobredotados, gênios e pessoas muito talentosas.

O ser humano é eminentemente um ser criativo. Picasso dizia: “*Assim como respiro, pinto*”. Ostrower (1987:10), artista plástica que graças ao seu trabalho deu um forte contributo na área da educação, apontando imensas possibilidades dos seres criativos, refere-se à criação como uma necessidade do ser humano e as suas possibilidades, potencialidades transformam-se em necessidades para a sobrevivência.

⁴ Edward de Bono, fala num dos grandes mitos da criatividade, que consiste na percepção errada que criatividade tem a ver com a arte e em sua consequência os artistas são as pessoas mais indicadas para lidar com o ensino da criatividade. Para este autor, a criatividade tem a ver com a mudança de conceitos e percepções, como com uma forma de pensamento lateral que por vezes, nem todos os artistas possuem. Muitas vezes aliás, muitos artistas acabam ficando num único estilo e revelam alguma dificuldade em serem flexíveis, incorporando outras novas formas de expressão.

Chega a afirmar:

“O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta e sim porque precisa; ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.

Ideia errada, mas também muito comum, é a da criatividade surgir como uma característica que nasce com as pessoas, inata, e por isso não pode ser ensinada, nem estimulada nem aprendida. Nos nossos dias, observamos que existem algumas forças do poder, que ainda enfatizam de uma forma exagerada o pensamento analítico, convergente e lógico. Se afirmarmos que brincar é típico das crianças, e que é através da expressão lúdica que a criança aprende, como uma forma natural de aprendizagem, em relação a isso ninguém terá qualquer dúvida, contudo se o fizermos em relação aos adultos, aí tudo muda. Alguns de nós até torcemos o nariz e dizemos: Brincar eu?

Alguém nos diz: Os adultos não brincam, produzem!

Se verificarmos encontramos-nos presos a determinados pré – conceitos, quiçá moldados aos valores e ideias da Sociedade. O nosso corpo é um bom exemplo disso, já que se encontra modelado e aprisionado.

A criatividade resulta da interação multidisciplinar entre várias áreas do conhecimento. Se fossemos para a rua perguntar a quem passa o que entende sobre a criatividade, certamente que seríamos surpreendidos com as respostas dadas, tal é a multidimensionalidade que este conceito poderá abraçar. Para uns, teria a ver com explicações ambientalistas (resultante da interação e estimulação do meio, como as condições socioeconómicas, relacionais e culturais), outros dariam explicações inatistas (criatividade encarada com relação com a genética, hereditária), muitos outros considerariam a criatividade como algo metafísico (relacionado com um dom, uma dádiva que só alguns possuem, ou é uma forma de inspiração divina, superior, uma graças superior, transcendental, espiritual, ou sobrenatural), outros até consideram a criatividade como sinónimo de genialidade, talento, sobredotação, prodígio e até mesmo comportamentos excêntricos, ousados, loucos e muitas das vezes até ditos marginais. Certamente que muitas destas respostas, advêm de crenças, valores e interesses dessas mesmas pessoas, contudo reflectem também o próprio olhar da Sociedade perante este novo conceito.

O potencial criativo é indispensável para o nosso bem-estar físico, psíquico e mental e como tal deve ser estimulado a todo o momento. Desta forma o sujeito adquire maior alegria em viver, maior autonomia, independência e satisfação pessoal, sentindo-se agente activo e criativo, visualizando e contemplando o mundo de forma diferente e mais rica. Consegue transformar o difícil em fácil, o desconhecido em conhecido, o ordinário em extraordinário, imaginando inúmeras e múltiplas possibilidades de agir e se relacionar com o mundo.

O acto criativo é fundamental para a mudança, permitindo transformar o estranho em conhecido e o conhecido em estranho. Maior criatividade conduz a maior flexibilidade e diversidade de soluções, implica a capacidade de ver as coisas de um ponto de vista novo, i. e. a capacidade de resolver os problemas de forma inovadora, questionar toda e qualquer permissa. A criatividade torna-se essencial para a sobrevivência dos homens, permitindo e facilitando o crescimento e desenvolvimento pessoal e social. Lembramo-nos do poeta Português, Pessoa que dizia: “*Viver não é necessário, o que é necessário é criar*”.

Abrir a porta à criatividade⁵, é acordar as múltiplas potencialidades humanas, que muitas das vezes se encontram adormecidas.

⁵ A criatividade não se trata dum fenómeno simples, é ao contrário algo dinâmico, complexo e multifacetado, dependendo para sua expressão tanto de factores do indivíduo, como de estilos de pensamento, abordagens para a resolução de problemas, traços de personalidade motivação, assim como de condições favoráveis no ambiente circundante: família, escola trabalho e comunidade. Em relação aos diferentes tipos de pensamento, destaque especial para o pensamento convergente vs divergente, (Guilford, 1951); pensamento holístico, (Jan Smuts, 1926); pensamento lateral e vertical, (Edward de Bono, 1970); passando pela Teoria das Inteligências Múltiplas, inspirada na mente científica cognitiva de Howard Gardner (1985), o conceito de Inteligência Emocional defendido por Daniel Goleman (1995), assim como às diferenças entre hemisférios cerebrais (Sperry, 1974). O pensamento convergente é aquele que busca uma única resposta determinada e convencional. Encontra uma única solução para os problemas que em geral possam ser conhecidos. Outros autores o chamaram de lógico, convencional, racional e vertical. O pensamento divergente ao contrário move-se em várias direcções, na busca da melhor solução para resolver problemas que sempre os enfrenta como novos. Não tem padrões de resolução, tenta dar mais que uma solução correcta possível de resolução do problema. Este tipo de pensamento tem mais a ver com o conceito de criatividade, e foi chamado de pensamento lateral por De Bono.

Pensamento holístico – Jan Smuts, percebe as coisas no seu conjunto e não analisa as suas diferentes partes. Holismo é a palavra que descreve a tendência da natureza em criar conjuntos mediante a ordenação organizada de muitas unidades. No “todo”, a nova estrutura não é apenas o somatório das estruturas individuais de cada parte. O todo é criativo e forma uma nova e diferente estrutura que não é a mera agregação mecânica de partes. Pensamento lateral e vertical - De Bono chamou de pensamento lateral, que permite gerar novas ideias, para diferenciar do pensamento lógico, que chamou de vertical. Dizia que estamos habituados a pensar numa só direcção, de frente, obedecendo a planeamentos lógicos e com o pensamento lateral/paralelo se pretende suscitar soluções imaginativas, que não são aquelas que se esperam. Traçamos ideias, ou linhas de raciocínio paralelamente umas às outras, não há choque nem disputa, nem julgamentos verdadeiros/falsos. Exige uma mudança de atitude mental e um enfoque aberto à solução de problemas. Ambos os processos são complementares e não antagónicos. O pensamento lateral é útil para gerar novas ideias e novos modos de ver as coisas e o pensamento vertical é necessário para a sua subsequente avaliação (selecção e elaboração final) de forma a ser posto em prática.

Ao falarmos em diferentes tipos de pensamento, espaço para a personalidade criativa e a inteligência e para o conceito de Howard Gardner, nos seus livros “*Estruturas da mente*”, “*A teoria das inteligências múltiplas*”, 1994, e “*Mentes criativas*”, 1995, onde demonstra que a existência de um único tipo de criatividade, assim como um único tipo de inteligência é um mito, ambas são plurais. Reconhece a existência de sete tipos de inteligências básicas, diferentes e independentes que podem interagir e potenciar-se reciprocamente, a que chamou a teoria das inteligências múltiplas: Inteligência linguística, Lógico – matemática, espacial, corporal - cinestésica, a musical, a interpessoal e a intra pessoal. Gardner faz a interpretação de sete diferentes personalidades célebres, em função dos sete tipos de inteligências. São eles: neurólogo e psicólogo: Sigmund Freud – linguístico e pessoal; o físico: Albert Einstein – lógico, espacial; o artista e pintor: Pablo Picasso – espacial, pessoal, corporal; o músico: Igor Stravinsky – musical; o poeta: T. S. Eliot – linguístico; a bailarina: Martha Graham – corporal, linguístico e o líder político e espiritual: Mahatma Gandhi – pessoal, linguístico. A sua obra estava inspirada segundo um modelo da mente científica cognitiva. Posteriormente outros autores, mencionam outras inteligências aumentando de 7 para 8, 9, ou mais. Daniel Goleman, aluno de Gardner, desenvolve a inteligência pessoal, centrada no campo das emoções, como foco da inteligência e desenvolve o conceito de Inteligência Emocional.

Espaço também para falar em Sperry (1974), neurocientista que obteve o Prémio Nobel de Medicina em 1981, pelos seus valiosos descobrimentos acerca das funções do cérebro, os hemisférios cerebrais no processamento das mesmas informações. O hemisfério esquerdo tem a seu cargo os aspectos globais da comunicação, analisa a informação ouvida, escrita e a linguagem corporal. Esta parte do cérebro dá origem ao pensamento convergente apresentado por Guilford, já que trabalha de forma estruturada e se fixa em detalhes, contudo fracassa nas relações abstractas e complexas. Quanto ao hemisfério direito, este tem a ver com o processamento das informações não verbais. Interessa-se pelas imagens, as sensações, as emoções e as informações espaciais. Nela habita o pensamento divergente que processa ocorrências, fantasias e intuições.

Quando a pessoa perde a capacidade de ser criativa surge a rigidificação, o estéril, o vazio, a doença, a pessoa fica aprisionada, ao invés a criatividade permite a experimentação, renovação e libertação.

Assistirmos hoje em dia a uma separação cada vez maior entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, reflexo dos próprios ambientes educativos⁶ que atribuem uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos emocionais. Para o Professor António Damásio, esta primazia dada ao desenvolvimento das capacidades cognitivas em detrimento da esfera emocional é um factor que contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna. O desenvolvimento emocional faz parte integrante do processo de tomada de decisões e funciona como um vector de acções e ideias, consolidando a reflexão e o discernimento. Sem um envolvimento emocional, qualquer acção, ideia ou decisão assentaria exclusivamente em bases racionais. Um saudável comportamento moral, que constitui o alicerce sólido do cidadão, exige a participação emocional (*Roteiro para a Educação Artística – Desenvolver as capacidades criativas para o Século XXI, Comissão Nacional da UNESCO, 2006:7*).

Ao falarmos numa consciência criativa, no espaço escola e na nossa vida podemos recorrer ao pensamento de Edgar Morin, quando afirma ser necessário reformular o pensamento da instituição, para assim se conseguir alcançar o pensamento complexo nas relações ensino - aprendizagem. Desta forma se reconhece os valores simbólicos, lúdicos, estéticos e culturais, que todo o trabalhar criativo despoleta, despertando o imaginário. Para sermos criativos é preciso sermos muito mais que inteligentes, é necessário irmos buscar energias às nossas emoções. Ao criarmos estamos a descarregar a tensão existente. Damos sentido às nossas representações internas através da criação. Esta capacidade criativa revela-se como algo que nos impede de enlouquecer, torna-se um caminho para a saúde e para o bem-estar e harmonia. O mergulho criativo, é a viagem ao interior mais profundo de nós, ao eu

⁶ Vários autores, ao longo dos anos, têm destacado a importância negativa da escola, no desenvolvimento do ser, e na necessidade da “Escola”, ser repensada e reformulada, já que ainda se encontra muito voltada para a reprodução e memorização de conteúdos, ao invés de exercitar a capacidade de pensar, imaginar e criar (Vygotski, Piaget, Picasso, Stern, etc)

profundo, ao mundo mágico e onírico e depois voltar à superfície, à realidade, trazendo algo novo.

Einstein dizia, *“não sou mais inteligente que mais ninguém, sou apenas a pessoa mais curiosa que conheço”*. Podemos então afirmar que a criatividade implica uma certa dose de trabalho, de investimento e de disponibilidade. Obviamente, que uma criança que desde cedo seja estimulada a fazer e a pensar de forma diferente, que seja estimulada a ser criativa, certamente que terá mais hipóteses de vir a se tornar num adulto criativo.

A livre iniciativa, a espontaneidade e impulsividade da criança⁷, equivale no adulto ao desânimo, falta de interesse e ao medo em enfrentar o novo, o desconhecido, a crítica. Revelamo-nos pois como pessoas dependentes, imaturas, inseguros, com baixa auto-estima, desvalorizando-nos a nós mesmos, sempre desconfiando dos nossos recursos. Vários autores, tentaram definir as principais características das personalidades criativas⁸, podemos apontar, entre muitas: a autonomia, autoconfiança, tolerância à dúvida e incerteza, capacidade de manterem um problema em aberto até encontrarem a solução final. São pessoas flexíveis, aventureiras, desafiantes, ousadas, gostam da complexidade, revelam grande curiosidade, demonstram interesse muito amplo, além da sensibilidade estética.

Precisamos então de pensar e repensar como colocar a criatividade ao serviço das pessoas. Ao nível da educação, acreditamos que não preparamos os alunos para o futuro sem que eles desenvolvam a sua capacidade imaginativa e criativa, perdendo o receio e medo de fazer de forma diferente. A própria escola ainda trata muito as crianças com grande uniformização, como se fossem máquinas. Através da criatividade podemos ter a oportunidade de criar livremente e de descobrir.

⁷João dos Santos (1998), médico pediatra e um grande pedagogo Português, relata-nos o caso de uma criança, quando chega a casa, vinda da escola infantil na posse de uma pintura muito bonita que queria mostrar à mãe. Após a mãe lhe ter dito que achava a pintura muito bonita e que ele sabia pintar muito bem, a criança perguntou-lhe: «Tu sabes pintar?». A mãe respondeu-lhe que não sabia pintar tão bem como ele. Respondeu a criança: «Ah, mas é muito simples, disse o miúdo, Olha, tu arranjias um pincel, e depois é só ter tinta e fazer festinhas no papel, com o pincel».

⁸ Anthony Storr – The Dynamic of creation

Desta forma estamos a proporcionar a oportunidade para desenvolvermos os nossos talentos, algo que até aqui era desvalorizado, relegado para segundo plano e esquecido. A partir daqui o empenho, a envolvimento é manifestamente maior, porque as pessoas sentem-se bem, sentem-se motivadas e realizadas com aquilo que fazem e aprendem, já que as realizam de forma livre a partir dos seus interesses e motivações. A criatividade permite facilitar a abertura de novas portas, tornando-nos mais autónomos, valorizados, confiantes e respeitados. Assim se consegue aceder a um novo mundo, pleno de novas oportunidades e possibilidades.

Não pode existir mais, uma educação⁹ e formação que continue a hiperestimular somente um tipo de pensamento, o pensamento linear, lógico e abstracto, em detrimento do pensamento emocional, não favorecendo o desenvolvimento integral do sujeito. Certamente que estaremos apetrechados para tirar grandes notas e quiçá podermos até mesmo entrar nas faculdades de medicina e matemática, contudo não estaremos preparados para as dificuldades e os desafios que a sociedade cada vez mais nos vem exigindo. Quando falamos no aspecto educativo, podemos ampliar a nossa visão e integrar também o aspecto empresarial e institucional. Compete às instituições, como à Sociedade em geral, promoverem, estimularem e motivarem comportamentos criativos e inovadores para fazer face à situação de impasse actual, em que vivemos.

A criatividade tem obrigatoriamente de ser encarada com foco nos sistemas sociais e não nos indivíduos. Destaque para as ideias do psicólogo norte-americano Mihaly Csikszentmihalyi (1996, citado por Bahia, 2007)¹⁰, que também ressalta o aspecto da complexidade no estudo da criatividade, defendendo a abordagem sistémica, considerando que a produção inovadora e criativa é resultante da relação e da interacção entre três factores: o domínio (área do conhecimento), o campo (de especialistas que fazem o julgamento/aceitação e rejeição, validando ou não a inovação) e a pessoa (o biológico e as suas experiências). O importante na sua proposta é investigar onde a criatividade se encontra e de que forma o ambiente social, cultural e histórico reconhece ou não uma produção criativa. Nesta perspectiva, a criatividade é entendida como um

⁹ O actual sistema educativo ainda incentiva muito a capacidade de reproduzir ao invés de incentivar a livre produção, baseada na observação em detrimento da imaginação criativa. A prática pedagógica ainda é pautada maioritariamente no verbal, transmissão oral de conhecimentos ou práticas.

¹⁰ Inseriu o contexto cultural e social que determina a produção criativa.

acto, ideia ou produto que transforma ou modifica um domínio existente. Para que isso aconteça é fundamental os sujeitos terem acesso aos sistemas simbólicos e o contexto social ser receptivo a novas ideias.

Destaque também para os trabalhos de Gardner, que salientam a importância da família, da escola, do meio sociocultural na actividade criadora. Vários autores, ao longo dos anos, têm vindo a destacar a importância da interacção constante do indivíduo com o meio, dos quais podemos salientar os grandes teóricos da psicologia do desenvolvimento, que defenderam a importância do meio no processo pelo qual o organismo recém-formado muda até atingir a maturidade, tais como Freud, Piaget, Erickson, Bowlby, Lorenz, e muitos outros, até passando pelos teóricos da antropologia cultural, dos quais destacamos, R. Benedict e M. Mead, que defenderam que a variedade do carácter e personalidade humanas são moldadas pelas diferentes tradições culturais.

A relação individuo – meio torna-se assim indissociável, sendo uma questão que actualmente a todos nos preocupa e que se revela como tema de debate, estudo e investigação. Importa responder a problemas tais como: quais os factores que contribuem para o desenvolvimento do potencial criativo? Que factores do ambiente familiar, escolar e social constituem obstáculos à activação do potencial criativo, à imaginação e realização de produções criativas? Quais são as técnicas e recursos que poderemos recorrer de forma a facilitar o processo criativo?

Um autor que merece especial destaque, pela sua postura criativa e inovadora, pela sua persistência e motivação, assim como pelos trabalhos apresentados na área da criatividade e pelo seu empreendedorismo na divulgação e implementação de diversos programas¹¹, nos últimos anos, vem salientando a importância da criatividade no mundo actual é David Prado, através dos activadores criativos. São meios estimuladores que facilitam e promovem vários processos e actividades divergentes, inovadores e inventivas, desencadeadores da criatividade, da imaginação e da fantasia. Cada activador desencadeia aspectos diferentes (Diez, 1998).

¹¹ Projecto Educrea, explicita a multiplicidade de olhares possíveis sobre a criatividade.

CAPÍTULO II – A EXPRESSÃO E AS TERAPIAS EXPRESSIVAS

2.1. A importância do não verbal

O valor da expressividade, é por demais reconhecido nas mais variadas Sociedades e culturas humanas, desde as mais primitivas até aos nossos dias. Há milhares de anos, na Pré-História, já os povos antigos utilizavam todos os meios disponíveis para expressar os seus sentimentos e ideias. Embora, ainda não conhecendo a escrita, expressavam-se de forma não verbal, através de gravuras, desenhos e pinturas que faziam nas paredes do interior das cavernas, assim como através das esculturas em marfim, osso e pedra, a que hoje chamamos arte rupestre.

Para Stern (1974), aquele que se exprime não pensa, substitui por ordem do intelecto, a obediência do gesto às vibrações do organismo. Desliga a sua mão do circuito intelectual e liga-a aos impulsos do seu corpo, ditado pelas sensações. Para este autor,

“aquele que se exprime não conhece nem o sucesso nem a derrota, só tem o prazer de criar” (pg 64).

A expressão é libertadora de energias contidas, muitas das vezes desconhecidas para o próprio e desencadeadora de um processo que de forma geral contribui para o desenvolvimento harmónico do sujeito e nalguns casos para a sua *“re-educação e reconstrução”* (Leite & Malpique, 1986). A expressão é a exteriorização pessoal da vida interior (Santos, 1977).

Ao viver, o homem exprime-se, revelando-se em tudo aquilo em que faz. Ao exprimir-se o homem está a entrar em relação consigo e com os outros. Tudo aquilo que sente, pensa e sabe pode ser expresso através de múltiplas formas de linguagem, pelo olhar, pelo movimento, gesto, choro, riso, mímica, desenho, pintura, modelagem, escultura, pelo teatro, pela música, pela dança, pela escrita e poesia. A expressão é parte integrante da vida de uma pessoa, de um povo, de uma sociedade, de uma cultura. Todos nós, enquanto Humanos, temos potencial para nos podermos expressar, quer seja através da expressão artística, quer através de jogos e brincadeiras, o essencial é descobrir como e ampliarmos essa capacidade (Bucho, 2010)

Já Aristóteles, apontou às diferentes artes expressivas a função catártica, ou seja a catarse como uma técnica usada com o fim de conduzir o sujeito a exprimir emoções e sentimentos. Explicava que era a libertação das paixões humanas através de métodos específicos, nomeadamente pela representação dos seus sentimentos, falando na purgação (*catharxis*).

Na realidade, ao quisermos falar sobre Terapias Expressivas e ao quisermos caracterizá-las, deparamo-nos desde, logo com o problema de delimitar o seu campo de estudo. Em princípio, todas as terapias, são ditas “*expressivas*”, já que visam facilitar e ampliar a expressividade do sujeito, visam a expressão do indivíduo no seu íntimo, de forma a permitir o encontro e reencontro com o seu verdadeiro “*eu*”. Actualmente existe uma grande generalização e difusão do termo Terapia Expressiva, onde podemos integrar tudo e mais alguma coisa, o que por vezes em nada abona este campo de actuação. Tudo aquilo que faça uso de outro tipo de expressão que não a verbal é considerado Terapia Expressiva. O próprio termo e o seu carácter deveras atractivo leva à banalização do mesmo, contudo as Terapias Expressivas, encontram-se já implantadas na Europa e no Mundo, gozando de um grande reconhecimento.

Um factor que sobressai desde logo, é que estas apelam ao não verbal, estimulado através de diversos recursos que não a palavra, privilegiando os chamados mediadores e técnicas de expressão, que valorizam o sentir, a emoção, as memórias, os sentidos, a vivência.

Podemos então afirmar, tratar-se de uma abordagem não verbal, multidisciplinar, multimodal e integrativa, sustentada numa aproximação vivencial de diferentes formas de linguagens expressivas, das quais se destacam as artísticas, tais como: as artes plásticas, o movimento, a dança, a música, o som, o drama, a escrita, a poesia e as lúdicas, que incluem outros processos criativos como o brincar, o jogo, como veículos de expressão, nas suas vertentes terapêuticas, promovendo assim o bem-estar, crescimento e desenvolvimento pessoal e da comunidade. Por vezes ao falarmos nas Terapias Expressivas referimo-nos apenas às Terapias Artísticas Expressivas, TAE, o que no nosso entender é manifestamente insuficiente e limitativo, na medida em que o campo da expressividade humana contempla muito mais do que somente a expressão artística (Bucho, 2009).

Em relação ao jogo, já o filósofo grego, Platão afirmava:

“Pode-se descobrir mais sobre uma pessoa numa hora de jogo do que num ano de conversação”

O Terapeuta Expressivo é um técnico, um especialista da comunicação não verbal. Atendendo ao facto do Homem ser um ser social por excelência e um ser relacional, estabelecendo diferentes tipos de relações com os seus semelhantes, a comunicação assume desde logo um papel de destaque e uma função muito importante. O Terapeuta expressivo, na sua abordagem está sempre atento à comunicação (verbal e não verbal), assim como a todas as respostas comportamentais e emocionais.

A concepção das Terapias Expressivas não podem, nem devem de forma alguma confundir-se com mais uma forma de arte-terapia, de musicoterapia, dança terapia, poesioterapia, dramaterapia, teatroterapia, ludoterapia, ou qualquer outra forma de intervenção expressiva, ainda que vá beber a todas essas práticas e que utilize todas essas contribuições. A sua principal característica é que não privilegia nenhuma forma de expressão específica, obedecendo a uma perspectiva integrativa.

Ainda que tenham uma origem eminentemente clínica, psicoterapêutica, é importante fazer a diferenciação entre as Terapias Expressivas e a Psicoterapia Expressiva. Entendemos que assim conseguimos transformar o terreno pantanoso e podemos aceder a um terreno mais firme, acedendo a uma maior solidez, assente num quadro teórico de referência, já que a teoria pode conceber à técnica um quadro referencial que permita a mudança do fazer para o saber fazer.

Podemos então, claramente, definir duas áreas de intervenção, são elas:

- Terapias Expressivas
- Psicoterapia Expressiva

No caso da Terapia Expressiva o objectivo é facilitar todo o processo expressivo, facilitando o bem-estar e dotando o sujeito de maior número de recursos disponíveis, ampliando assim o seu campo expressivo, permitindo-lhe maior plasticidade mental, ajudando-o a despertar e estimular as suas capacidades. Tem a ver com a aprendizagem e aquisição de novas competências, aproxima-se mais do campo da arte educação e dos ateliers de expressão criativa e artística. Insere-se mais, numa dimensão pedagógica e didáctica. Trata-se de uma forma terapêutica que facilita o crescimento pessoal e

promove o desenvolvimento do potencial humano, e não se refere ao tratamento de doenças mentais.

Defendemos a ideia de que as pessoas podem procurar ajuda a nível do desenvolvimento pessoal e conhecimento próprio e não obrigatoriamente porque são necessariamente doentes ou loucos. Há que afastar a estigmatização, o rótulo que por vezes impera na nossa Sociedade que indica que quem consulta o terapeuta expressivo é louco, ou na linguagem popular “*tem um parafuso a menos*”, ou “*está fora de validade*”, comentários muito frequentes feitos aos frequentadores de clínicas, consultórios, ou locais de atendimento.

A Terapia Expressiva é um processo de auto conhecimento, útil a qualquer pessoa. Implica da parte do terapeuta, um conhecimento técnico e prático das diversas modalidades de expressão e o manejo de modelos teóricos sustentados em pressupostos Cognitivistas e Humanistas, nomeadamente Gestalt e Análise Transaccional. Construtos Existencialistas e Rogerianos, assim como ideias oriundas da Educação pela Arte e da Psicopedagogia.

Na psicoterapia expressiva, a pessoa chega-nos com uma queixa, ou um conjunto de várias queixas e sofrimentos específicos, que deseja ver resolvidos, neste caso a dinâmica e os objectivos são outros, utilizam-se recursos expressivos com fins psicoterapêuticos, inseridos numa relação psicoterapêutica, num espaço e setting específico com regras e tempos bem definidos, visando facilitar a comunicação entre terapeuta e cliente. O grande objectivo será facilitar a identificação, reflexão/elaboração e alteração de dinâmicas internas do sujeito. Exige um nível elevado de diferenciação por parte do psicoterapeuta expressivo, assente em diferentes construtos teóricos, que dependem da visão do profissional que a executa, podendo caminhar desde a abordagem Junguiana, Gestáltica, Comportamental, Psicanalítica, Antroposófica, Centrada na pessoa, Construtivista, Eclética, etc,

2.2. A relação terapêutica

A relação entre o terapeuta e sujeito é uma relação diferente da convencional, já que se reveste de qualidades e propriedades muito específicas e baseia-se na interacção

activa entre os diversos participantes: Sujeito (Criador/Exprime), a Expressão/Objecto de criação e o Terapeuta (Receptor).

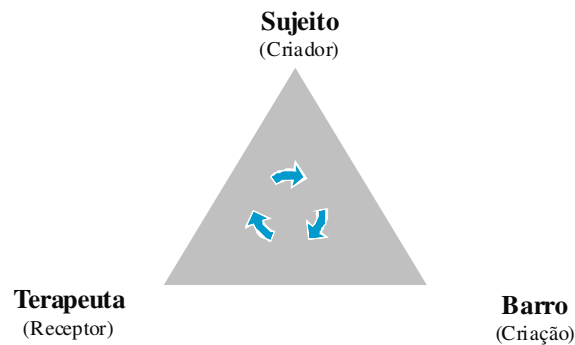


Fig.1. – A relação Terapêutica em Terapia Expressiva

A relação que se estabelece, baseia-se numa experiência dialógica, já que não se focaliza só no cliente nem só no terapeuta, mas sim em todo o processo. Existe uma alternância rítmica de vários momentos de encontros e desencontros que se vão estabelecendo. A própria predisposição do terapeuta ao diálogo (verbal e não verbal), funciona como um convite para o cliente se poder exprimir. Valoriza-se a vivência emocional, a expressão advém da experimentação. Neste triângulo comunicacional e relacional, a comunicação não é unidireccional entre E/R (Emissor/Receptor), já que é mediada pela expressão, pela criação, pelo produto. Trata-se de uma relação triangular e polimórfica, onde a criatividade e a imaginação têm um papel de destaque já que será sempre o pano de fundo do Terapeuta Expressivo.

Quanto maiores forem os recursos disponíveis do sujeito se exprimir, maiores serão também as diversidades de soluções, conduzindo a maior flexibilidade e também maior capacidade de ver as coisas de um ponto de vista diferente, sendo o sujeito capaz de enfrentar os desafios e problemas do seu quotidiano, assim como os medos das situações que por vezes não domina, conseguindo ultrapassar e resolver os problemas de forma inovadora.

O auto-conhecimento, permite-nos abrir várias janelas do nosso mundo interior dotando-nos de novos olhares e visões sobre o mundo exterior. A viagem ao interior de si mesmo, permite-nos uma maior compreensão do nosso mundo interno, assim como estimula o funcionamento psíquico integrado e harmónico, através da desrigidificação do nosso psiquismo previamente programado. Se formos criativos pensamos de uma maneira completamente diferente, de uma forma mais fértil e nova.

Só há criatividade na diversidade. Existem autores, que defendem a ampliação da consciência, através da capacidade transformadora que a criatividade exerce, conduzindo ao desenvolvimento e crescimento pessoal, assim como a apontam com potencial terapêutico.

A expressão funciona como uma forma de comunicação, através de uma linguagem metafórica na qual a tríade, terapeuta, cliente e expressão se relacionam e se comunicam, de forma eficaz, directa, livre e não ameaçadora. A pessoa sente-se valorizada, amada e aprende a amar os outros. De uma forma directa sem medos de se expressar e de se revelar naquilo que faz e naquilo em que se exprime.

O uso de imagens e de formas não verbais abre ao cliente um caminho alternativo para a auto-exploração e comunicação (Rogers, 1999). Já Freud, nos dizia que o inconsciente se manifesta por imagens e que estas escapavam com mais facilidade da censura da mente que as palavras.

As Terapias expressivas podem-se aplicar em diferentes contextos profissionais: Educação, Saúde, na Empresa ou Instituição, em trabalhos ou serviços de acção social, em contexto prisional, hospitalar, escolar, com populações desfavorecidas (sem abrigo, inserção social, exclusão social), com população de risco (toxicodependentes, alcoólicos, 3ª idade, em comunidades de apoio à vítima), em famílias, grupos e casais.

O trabalho pode ser individual ou em grupo, abrangendo todas as idades e ambos os sexos. Além disto, permite que todas as pessoas possam conhecer o potencial expressivo e criativo dos recursos utilizados, assim como promove o desenvolvimento de competências criativas. Para isso utilizam-se vários mediadores. É importante que o Terapeuta Expressivo tenha conhecimento sobre os diversos materiais¹² assim como

¹² Importa conhecer a técnica dos materiais, conhecendo as suas possibilidades e limitações, mas não nos devemos esquecer que a prática é a melhor conselheira. Trabalhar com barro despoleta emoções e sentimentos diferentes do que se trabalhar com tintas, o que nós sentimos em pintar sentados é completamente diferente do que sentimos ao pintar em grandes superfícies, de pé. É necessário e importante, que o terapeuta tenha passado por um processo vivencial em que tenha experienciado, nele próprio, essas mesmas vivências. Referimos agora as principais características e diferenças entre o desenho e a pintura. Desenho pode remeter-nos para experiências muito precoces, já que se trata da primeira forma de expressão pictórica da criança. Nesta modalidade expressiva, a coordenação fina

sobre as suas formas de utilização; já que cada um deles tem características próprias, mobilizando da parte do participante, diversas áreas de funcionamento, apelando a diversas emoções e sentimentos, que variam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. Quanto mais materiais e técnicas o Terapeuta Expressivo conhecer e saber utilizar integrando, mais contribuirá para a ampliação da capacidade de expressão e da criatividade de quem as utiliza.

Defendemos a utilização polimediada, isto é a utilização de vários mediadores integrados, de forma a podermos abranger as diferentes dimensões do Ser Humano, já que este não pode ser reduzido, nem tão pouco fragmentado apenas a uma nota musical, nem só uma gota de tinta, tem de ser teatro, canto, dança, movimento, jogo, etc. Isto é o mesmo de dizer, que privilegiamos uma actuação integrativa de várias formas de expressão, tendo em atenção à complexidade que o ser humano apresenta, como um ser holístico, devendo ser encarado como um todo, (*Holos*), e o seu estudo ser multifocal (Bucho, 2009).

Assim possibilitamos que as diversas linguagens expressivas se cruzem, interpenetrem e se complementem. Queremos com isto dizer, que vários conceitos são respeitados e que uma única visão da realidade se torna redutora, porque não contemplará toda a realidade do homem enquanto ser humano. Só desta forma, conseguiremos proporcionar uma visão integral do ser, compreendendo as diversas

motora é muito trabalhada, estando associada ao controlo, ao rigor, à minúcia. O desenho está sobretudo relacionado com o reconhecimento do objecto, isto é, a sua forma, estando directamente relacionado com a precisão, o desenvolvimento da atenção, da concentração e da coordenação viso-motora e espacial. Os materiais empregues podem ser o lápis de cera, pastel seco e/ou óleo, lápis de cor, carvão, grafite, entre outros. A pintura transporta-nos mais para a fluidez das tintas, das pinceladas, para o campo das diferentes cores e da ressonância dos afectos. O próprio acto de pintar, lembra muito o fluxo da respiração. O movimento das pinceladas, de ir e vir, remete-nos para a nossa respiração, para a inspiração e expiração, mobilizando diferentes estados emocionais. Facilmente podemos entender a sua função libertadora, catártica, permitindo que as emoções e sentimentos fluam livremente, conduzindo ao movimento, activando todo o corpo. Os materiais utilizados são: o guache, a aguarela, anilina, tinta óleo e acrílica, pincéis de tamanhos diversos, rolos de pintura, esponjas, assim como diferentes meios que funcionam como suportes. No caso do desenho, a forma tem mais a ver com o aspecto racional, enquanto na pintura espelha mais a cor, apelando-se mais ao emocional. O desenho é exploração da forma, fecho e a pintura é expressão livre de emoções, abre novos canais de experimentação.

dimensões: biológica, psicológica e a social. Espaço para acrescentar uma quarta dimensão, que vários autores apontam como fazendo parte integrante do ser humano para o seu desenvolvimento pessoal e comunitário que se prende com o transpessoal – o espiritual. Basta recordarmo-nos dos tempos antigos, em que eram os religiosos, padres, pastores e rabis, que tinham a tarefa de ajudar as pessoas a descobrir o (s) sentido (s) da sua existência. O quadro religioso assegurava e continua a assegurar, a conexão espiritual da vida humana.

A existência do transpessoal possibilita que nós enquanto humanos, nos situemos fora da nossa própria personalidade, gerando a possibilidade de sairmos do automatismo repetitivo e atingirmos assim um nível superior de possibilidades.

Já que falámos de mediador, torna-se então necessário dar uma ideia do que é. Podemos afirmar que o mediador, em sentido geral, trata-se de tudo aquilo que permite facilitar a expressão do “*eu interior*” e a sua relação com o meio exterior, permitindo assim o diálogo, a comunicação e o acesso a determinadas áreas que anteriormente estão barradas e são difíceis de verbalizar. Trata-se de um processo de intervenção através de um elemento intermediário existente numa relação, a qual deixa de ser directa e passa a ser mediada.

Tal como a linguagem e as palavras são importantes para a expressão verbal, as técnicas, os materiais e os jogos são importantes para as Terapias Expressivas. Através da sua utilização, torna-se mais fácil o acesso ao diálogo, à comunicação e partilha do mesmo, pois o sujeito além de exprimir o que criou, consegue verbalizá-lo, permitindo-lhe ao mesmo tempo um certo distanciamento, já que não está a falar dele próprio, mas sim do que expressou, do que representou, da imagem expressa e criada.

Através destes elementos, facilita-se a relação, o vínculo entre terapeuta e sujeito, permitindo aceder a uma área de experimentação, “*do faz de conta*”, do jogo, da dramatização, do lúdico, do brincar, das actividades em grupo, estimulando a criatividade a fantasia e a imaginação. Tal como Silveira (1994:13) afirma, as actividades expressivas são aquelas que melhor permitem a espontânea expressão das emoções, que dão mais larga oportunidade para os afectos tornarem forma e se manifestarem, seja na linguagem dos movimentos, dos sons, das formas e das cores.

O Terapeuta Expressivo, fará as suas escolhas em função dos seus gostos e preferências pessoais, assim como atendendo ao projecto desenhado e aos objectivos pretendidos, tendo em atenção às necessidades e metodologias terapêuticas escolhidas. É normal que cada um de nós, enquanto Terapeutas Expressivos, estejamos mais à vontade na utilização de um determinado meio de expressão que outro em particular, contudo é necessário que ampliemos o nosso conhecimento teórico e experimental sobre os diversos mediadores e materiais de forma a nos encontremos aptos para trabalhar com todos estes, caso assim seja necessário.

O contacto com os diversos materiais, além de proporcionar um sentimento de agradável prazer, envolvendo quem os utiliza, nas várias actividades desenvolvidas, permite também o despertar do sensorial, o cinestésico é muito investido, assim como toda a postura corporal é activada, já que coloca o corpo em acção, permitindo a descoberta e re-descoberta dos vários sentidos, ao mesmo tempo que promove a estimulação da autonomia do sujeito e a sua transformação interna.

Nas Terapias Expressivas é dado especial destaque para o papel do indivíduo ou o grupo já que estes são os protagonistas e os verdadeiros responsáveis na construção de todo o processo, tal como na perspectiva existencialista, o homem é um ser de relação, é através da vida que constrói a sua maneira de ser e de pensar. Nesta perspectiva é possível ser novo a todos os dias, ser responsável na construção do seu próprio projecto existencial, escolhendo e criando o seu próprio destino, transcendendo condicionalismos, tal como defendiam Wilhem Reich e Victor Frankl. O cliente não é apenas um produto do meio, devemos acreditar que pode interagir com este de forma criativa e transformadora.

O Terapeuta Expressivo, adopta uma atitude flexível¹³ e disponível¹⁴, baseado numa postura empática e contentora, o mais próximo da concepção humanista, o mais

¹³Ser flexível, já que por vezes a própria programação da sessão, pode e deve ser alterada atendendo a uma multiplicidade de factores que advém da prática vivencial. Poderíamos realçar outras qualidades humanas tais como: atenção, escuta activa e permanente, tolerância, compreensão, respeito, etc.

¹⁴Segundo João dos Santos (1997), estar disponível, é ter os nossos problemas internos suficientemente equacionados e tranquilos para que estes interfiram o menos possível na nossa relação com as pessoas. É necessário que o terapeuta se volte para fora para dar atenção a quem lha pede. De outra forma,

fenomenológica possível, considerando a realidade tal como ela se apresenta no “*aqui e agora*”, no vivido e experienciado, já que só assim é possível tentar compreendê-la.

Acreditamos que descrever é muito mais importante que interpretar, o como precede o porquê, proporcionar a vivência imediata é essencial, tal como é percebida ou sentida corporalmente, já que a experiência é única de cada um. O fenómeno implica uma totalidade. Ao falarmos na totalidade, estamos a abordar o indivíduo nas suas diferentes dimensões: sensoriais, afectivas, intelectuais, sociais e espirituais (visão gestáltica)¹⁵. Aceitamos o outro tal como ele é, com as suas potencialidades e fragilidades, respeitando a sua verdadeira idiossincrasia, isto é o seu quadro de referência pessoal, o conjunto de características que definem a sua própria identidade pessoal (ideias, opiniões, princípios, valores, maneira de pensar, sentir e agir).

Ao terapeuta caberá a função de guardião, acompanhante, de facilitador, interagindo com os materiais e com os clientes, valorizando o contacto autêntico e genuíno com o outro. Numa linguagem metafórica, podemos afirmar tratarmo-nos de “verdadeiros parceiros”, que facilitam todo o processo expressivo, num “*ambiente suficientemente bom*”, acolhedor, *também* ele facilitador e continente que assegure a privacidade, o sigilo, a confidencialidade e que seja estimulador da criatividade e capaz de permitir a expressão livre e espontânea como possibilidade de expressão do verdadeiro self. Analogia a Winnicott, com o espaço suficientemente bom.

Importa salientar que as Terapias Expressivas não requerem preocupações estéticas, já que o seu objectivo é possibilitar e facilitar a expressão, daí ser importante realçar sempre que não é necessário fazer bem nem bonito, a expressão e/ou criação é desprovida de valor artístico, deixando o outro à vontade para se exprimir, criando ou não, o que quiser sem qualquer juízo de valor ou preconceito em ser avaliado ou julgado pelo que está fazendo. A tónica é colocada no sujeito, este é o centro da gravidade, não interessa o produto final, mas sim todo o processo em si.

podemos afirmar tratar-se de despir o seu “eu” e abrir-se psicologicamente ao outro, de forma a vê-lo tal como ele é.

¹⁵A Gestalt oferece uma importante contribuição para as Terapias Expressivas, já que aborda o comportamento humano como um todo, em vez de o fragmentar e dividir o seu funcionamento em determinadas categorias fixas e estanques, tais como: percepção, aprendizagem, emoção, e outras.

Segundo N. Rogers (1999), o mesmo equivale a dizer que deixamos a estética e a perfeição artística para os profissionais. Não é importante o produto final, uma nota musical bem afinada e/ou uma canção harmoniosa, uma pintura com cores e formas bem definidas, o que nos interessa é o processo, a forma como o sujeito vivencia essa experiência com o objectivo de facilitar-lhe a expressão do seu verdadeiro eu, a sua essência, permitindo-lhe o bem estar e autoconhecimento promovendo o desenvolvimento pessoal. Esta autora, foi pioneira da terapia de arte expressiva, integrando as Artes Criativas na sua prática terapêutica. Descobriu relação entre as diferentes formas de expressão a que veio chamar de conexão criativa (1993), quando uma forma de arte nutre outra, com o objectivo de facilitar a verbalização e compreensão dos factos pelo cliente. O principal objectivo era a cura emocional e a resolução de conflitos interiores. Encorajava as pessoas a acrescentarem as Artes Expressivas às suas vidas pessoais e profissionais para melhor se conhecerem e se relacionarem. Dizia que:

“O terapeuta expressivo combina movimento, arte, escrita, imaginação guiada pela música, meditação, trabalho corporal, escrita livre, comunicação verbal e não verbal, para facilitar o auto conhecimento, a auto expressão, a criatividade e estados mais alterados de consciência. Este é um processo integrador, que utiliza nossas habilidades intuitivas tanto quanto nossos processos de pensamento lógico e linear, dentro de um ambiente facilitador, centrado no cliente/grupo”.

Podemos afirmar, que as Terapias Expressivas promovem o desenvolvimento das seguintes áreas/dimensões do ser humano:

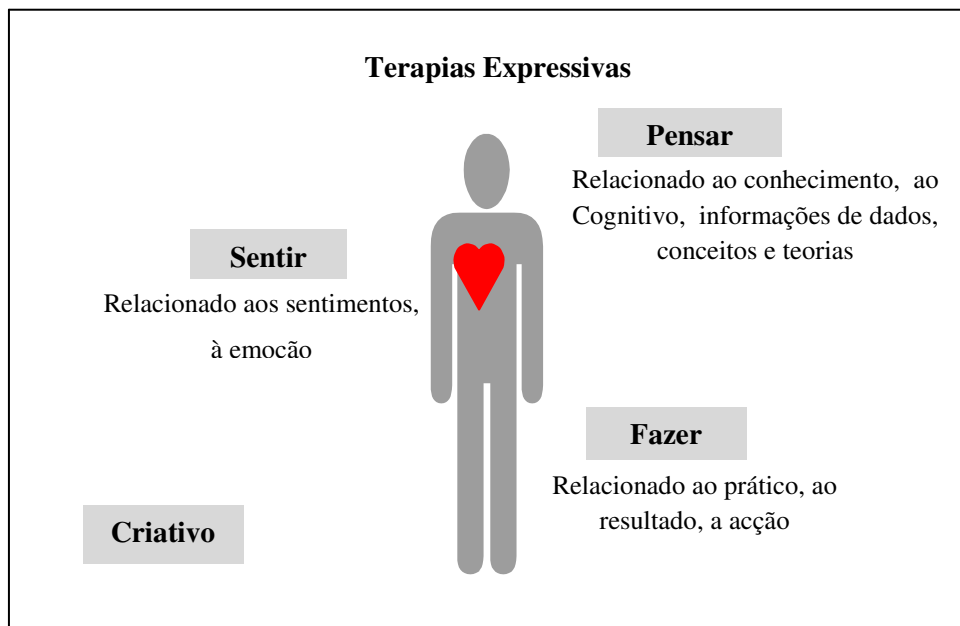


Fig. 2. Dimensões no Ser Humano

Ou de outra forma, podemos afirmar que a expressão humana, através das artes e dos jogos, proporciona não só o bem-estar, como também o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e relacional. Podemos também destacar os tão conhecidos saberes, aos quais as Terapias Expressivas vão activar e pôr em funcionamento as diversas áreas do Ser Humano.

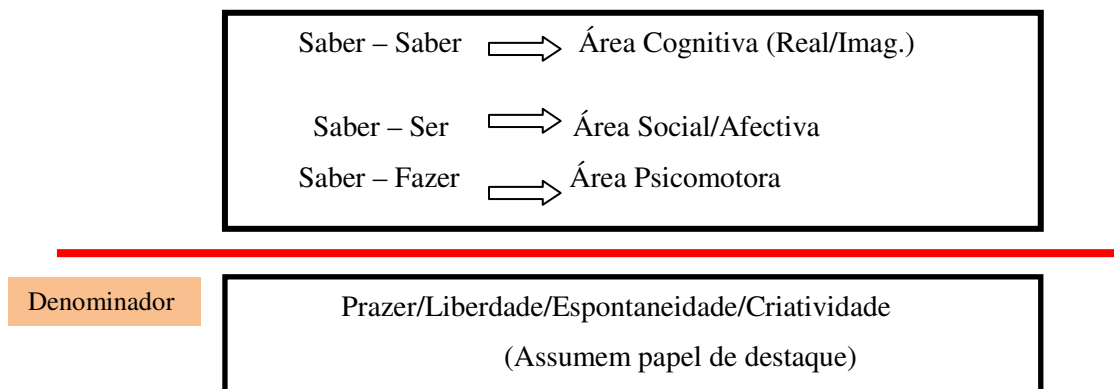


Fig. 3. Áreas do Saber

É importante o saber-saber, o domínio do cognitivo, do conhecimento, no entanto não basta só conhecer a componente teórica das coisas, já que é preciso saber - fazer, i.e. aplicar o conhecimento na nossa prática diária, perante situações novas, tanto no contexto pessoal, como familiar, profissional e social. O saber-saber e o saber-fazer obviamente que estão relacionados com a nossa resposta comportamental e afectiva, o saber-ser, diz respeito aos interesses atitudes e valores. Podemos afirmar que as Terapias Expressivas permitem a passagem do saber-saber para o saber-fazer.

Trata-se de tornar as pessoas mais ágeis na utilização de forma interactiva e dinâmica dos vários saberes e não só de um saber em específico, na construção do conhecimento, na resolução de tarefas e problemas e na definição de estratégias de actuação. Continuarmos a apostar num único saber é reduzir e limitar a aprendizagem e coarctar o conhecimento. O mundo sendo globalizante, exige uma nova visão, uma visão não compartimentada mas sim integrada.

A acção do Terapeuta Expressivo, deverá assentar no trabalho em equipas multidisciplinares, onde desenvolve projectos e acções associado com outros profissionais de diversas áreas, tanto no âmbito profilático, terapêutico, educacional e social. O seu trabalho deverá ser sempre supervisionado por outros profissionais da área, privilegiando uma actuação em que tem por base a integração do maior número de recursos expressivos, quer sejam artísticos ou não.

2.3. O Continuum das Terapias Expressivas (ETC)

Refere-se aos estudos efectuados por Vija Kagin e Sandra Lusebrink¹⁶ (1978, citados por Ciornai, 2004), que formularam um modelo conceptual expressivo e interactivo com o meio em diferentes níveis, a que chamaram de Continuum das Terapias Expressivas (ETC). Trata-se dum esquema onde classificam as propriedades físicas dos meios plásticos e visuais segundo seu poder evocativo. Este modelo é composto por quatro diferentes níveis organizados, que representam quatro modalidades de interacção com os materiais (recursos expressivos em artes plásticas) e que teoricamente, reflectem de uma forma geral, os diferentes modos de expressão humana. Os quatro níveis são:

- Cinestésico/Sensorial¹⁷ (K/S); [acção]
- Perceptivo/Afectivo (P/A); [forma]
- Cognitivo/Simbólico (C/Sb); [esquema]
- Criativo (Cr).

O criativo, pode estar presente em todos os outros, é considerado como uma síntese dos outros três níveis e é responsável pela integração, transformação e expressão da experiência em novas formas. Nas palavras de Alessandrini (2004: 86), é o elemento que “*costura*” cada etapa do processo. Embora este modelo, pareça aparecer de forma hierárquica, distribuído por vários níveis, contudo destina-se a funcionar como um continuum, no qual o terapeuta facilita que o sujeito se possa deslocar de um nível para outro, em função das suas necessidades e objectivos que os dois pretendem alcançar.

O nível sensório-motor, diz respeito à experiência que advém do contacto com o material, está ligado aos movimentos motores, acções e gestos, assim como à sensorialidade, à exploração de materiais tácteis, às diferentes sensações experienciadas. O contacto com os materiais permite que o sujeito se distancie dos preconceitos e juízos de valor, e até mesmo críticas que têm a ver com o seu lado eminentemente racional. As qualidades físicas dos materiais, vão determinar o tipo de acção exercida sobre eles.

O nível perceptivo-afectivo, diz respeito à forma como o sujeito organiza/elabora a informação, que no nível anterior só conhecia através do toque, da manipulação e experimentação, agora pode dar formas, cores, linhas. As percepções são

¹⁶ Kagin - Arte-Terapeuta Junguiana e Lusebrink - Arte-Terapeuta orientação cognitivista

¹⁷ Outros chamam-lhe sensório - motor

seleccionadas e organizam-se formando as imagens individuais. O nível afectivo está ligado aos sentimentos e emoções associados às formas, assim como às qualidades formais, que os diferentes materiais evocam no(s) sujeito(s). Neste nível existe um afastar-se fisicamente do material e permitir o afastamento, por exemplo através da utilização de uma ferramenta e o despoletar da percepção visual que são seleccionadas e organizam-se formando as formas, imagens individuais, as representações.

Anteriormente o sujeito só sentia, agora passa a dar uma forma, à experiência vivencial, as emoções e os sentimentos podem começar a estruturar-se. Podemos exemplificar este nível com o desenho do rabisco, que além de também incorporar o nível sensorio - motor, permite que o sujeito ao rabiscar numa folha de papel, possa depois olhar para ela, para os rabiscos construídos que vão e vêm em várias direcções e posteriormente possa encontrar objectos, dentro desses mesmos rabiscos, atribuindo-lhes uma determinada forma.

O nível cognitivo-simbólico, diferencia-se dos outros porque exige o envolvimento do pensamento abstracto. Cognitivo porque lida com o pensamento lógico e analítico, e simbólico porque tem a ver com a formação de conceitos e a expressão simbólica e metafórica. Exemplo deste nível, poderá ser o recortar e colar figuras de jornais e revistas e fazer a disposição em grupos segundo determinada classificação, de acordo com determinados temas. Este nível permite que o sujeito faça novas sequências, estabeleça novas relações espaciais e mapas mentais. Permite o planeamento daquilo que vai criar e re-criar, assim como facilita a compreensão e resolução de problemas.

Ao mesmo tempo, ao nível simbólico, poderá construir uma colagem e associá-la a um símbolo, ligá-lo à própria imagem. A construção de um símbolo que o represente, pode ser exemplo deste nível simbólico, já que a criação, a expressão permite que possa ser conectada com ele próprio e o sujeito pode vivenciá-la como sendo ele mesmo.

A partir desta tomada de consciência, chegamos ao quarto e último nível, o criativo, que se refere ao diálogo activo e dinâmico estabelecido entre o material e o sujeito, que se encontra presente em todos os outros níveis. Trata-se dum nível que age como um veículo, que orienta o sujeito a partir de um nível do continuum para o próximo e que permite a sensação de prazer, satisfação, como que fecha todos os outros.

Podemos afirmar que embora o processo expressivo, possa incorporar todos os quatro diferentes níveis da ECT, na maioria das vezes um determinado nível revela-se como o foco principal, sendo a dimensão que é activada e que vai despoletar algo no sujeito. Recapitulando, podemos observar a seguinte figura, representativa do modelo ETC:

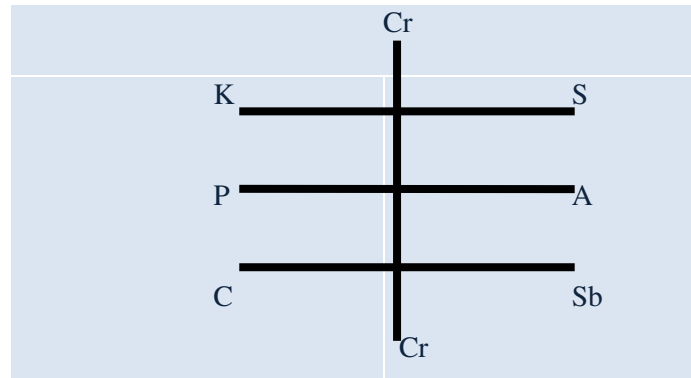


Gráfico 1. Modelo de Continuum das Terapias Expressivas (ETC)

Este modelo pressupõe uma continuidade na evolução das acções, propondo uma sequência expressiva que reflecte os diferentes estágios do desenvolvimento humano. O que de certa forma, posteriormente Lusebrink veio a focar, foi a necessidade do terapeuta começar por canalizar toda a sua actividade inicialmente pelo nível cinestésico, sensorial, para depois progredir para o perceptivo, afectivo, até chegar ao cognitivo, simbólico no qual o sujeito pode entender símbolos num nível não verbal, numa sequência significativa ao longo das diversas sessões.

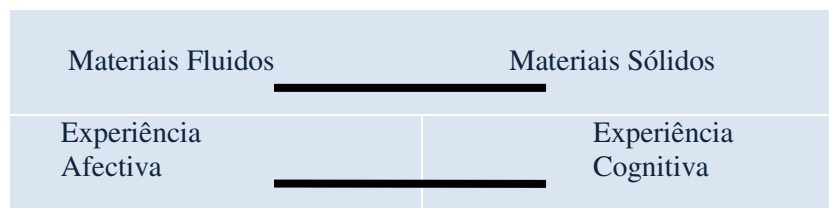


Gráfico 2. Modelo de Continuum das Terapias Expressivas (ETC)

Quanto maior for a fluidez do material, maior número de estados emocionais evocará. No caso de o material ser mais resistente e sólido, tenderá a conter mais as emoções e a apelar a conteúdos mais cognitivos. Os materiais com elevado grau de dureza serão mais fáceis de controlar.

CAPÍTULO III – A ARGILA

O material que iremos desenvolver ao longo deste trabalho é a terra, em particular a argila conhecida também pelo nome de barro e com uma grande significação histórica, psicológica, cultural e social, entre nós. Nas palavras de Gomes (1988), a argila é tão indefinível como a verdade, permitindo vários conceitos subjectivos e interpretativos. Este termo é de facto usado com vários sentidos.

3.1. Argila: sua localização, propriedades

Existe em toda a superfície terrestre e trata-se de um material natural de origem mineral, sendo extraída de uma rocha terrestre considerada sedimentar. É constituída por pequenas partículas acumuladas e depositadas no solo ao longo de milhares de anos. Com o tempo essas partículas juntaram-se e formaram uma rocha. Contudo, ao contrário das outras rochas, a argila não é dura podendo ser removida com muita facilidade.

Podemos então afirmar, que a argila pode ser encontrada em camadas mais profundas (minas subterrâneas - jazigos) ou mais junto à superfície (céu aberto), nas barreiras, local de escavação dos barros. Os “*barreiros*”, nome dado aos homens que até há pouco tempo extraíam o barro nas barreiras, foram hoje em dia substituídos, dando lugar às modernas retroescavadoras.¹⁸

Depois da extracção, a pasta tem de ser trabalhada e preparada para se chegar ao barro. A argila depois de extraída das barreiras é conduzida para as respectivas indústrias: que são desde as fábricas de telhas e tijolos, olarias, cerâmicas, e muito outras, assim como na componente medicinal, para os laboratórios dietéticos e ervanários (neste caso costuma apresentar-se limpa e em pó pronta a ser utilizada). Actualmente todo o processo que vai desde a exploração da argila, da extracção ao seu tratamento, encontra-se muito mais simplificado graças à existência de diversas

¹⁸Todo o processo de extracção levanta sérias preocupações ambientais, daí as novas medidas inseridas na política ambiental, de forma a licenciar as barreiras, através de uma ferramenta chamada Avaliação de Impacto Ambiental (AIA), considerando vários aspectos: ruído, a emissão de poeiras, e o impacto visual, as águas naturais, os materiais sobrantes e a preservação de locais de interesse arqueológico e histórico. (Fonte:IGM- Instituto Geológico e Mineiro)

máquinas utilizadas na extracção, trituração e peneiração. Em todo o caso, poderemos sempre utilizar os métodos manuais e artesanais, para proceder à preparação da pasta. Depois da extracção da argila, torna-se necessário limpá-la de todas as impurezas, terra e areia existentes. Caso se apresente muito rijo, será necessário bater no barro com um maço para desfazer os torrões em bocados mais pequenos. A limpeza pode ser feita à mão ou através de uma peneira, facilitando todo este processo. De seguida devemos fazer a sua lavagem, juntando água e deixando a argila amolecer, durante alguns dias. Convém irmos mexendo e remexendo a argila que se vai depositando. Posteriormente devemos peneirar de novo a argila através de uma rede mais apertada, para retirar as areias mais finas. Após a evaporação da água, a argila fica pronta para ser trabalhada (Nobre, 1993).

A escolha dos barros tem a ver com a sua aplicação. Existe no mercado, sob várias texturas e cores¹⁹ diferentes (branco, avermelhado, amarelado e acinzentado – sendo as mais utilizadas para modelar a vermelha e a cinzenta) cujos preços se apresentam relativamente baratos, propiciando diversas actividades de fácil utilização.

Não há um único tipo de argila, mas sim vários (Masson, 1984), daí ser costume dizer-se que não há duas argilas exactamente iguais em termos de propriedades, por motivo da especialidade da sua geologia e mineralogia.

A sua plasticidade²⁰ varia consuante a natureza da argila, distinguindo-se dois grupos:

- Barros gordos
Têm grande maleabilidade/plasticidade e retraem muito na secagem. Apresentam superfície muito lisa e são gordurosos e brilhantes (construído por partículas de grão muito fino) (Muito puro, fácil de ser moldado)
- Barros magros
Têm fraca plasticidade, partem com alguma facilidade quando trabalhados, e retraem pouco na secagem. São muito areados (mais grosseiros e mais difícil de ser trabalhados).

¹⁹Existem também alguns pigmentos que dão cor a algumas argilas, como os compostos de ferro, que dão a cor vermelha.

²⁰O termo trabalhabilidade usa-se também por vezes, como sinónimo de plasticidade. Quanto mais plástica é uma argila, mais água absorverá, aumentando assim de volume.

Todo o trabalho efectuado com o barro, poderá ser transformado com a ajuda da água, ficando com uma coloração mais escura e formando-se uma pasta que pode ser facilmente modelada. Quando submetido ao fogo, sofre alterações irreversíveis, transformando-se numa matéria dura e impermeável à água, não podendo voltar a ser modelada.

O barro apresenta algumas qualidades, das quais se destacam:

Propriedades da Argila/Barro	Comentário
Absorção	Capacidade de absorção da água, o que produz a elevada plasticidade,
Contração, merma ou encolhimento	Capacidade da argila reduzir, i.e. capacidade que a argila húmida revela quando entra em contacto com o ar, endurece, e o seu volume diminui ao secar. Ao contrário, ao absorverem água, dilatam aumentando o seu volume.
Impermeabilidade	Capacidade que adquirem após a cozedura, de não absorver qualquer líquido que a venha a dissolver,
Resistência	Propriedade que a peça tem de manter a forma após a secagem e depois da cozedura.
Plasticidade	Capacidade de se tornarem moldáveis após absorção de água
Retração	Capacidade que as peças de barro têm de encolherem durante a secagem e a cozedura (provocada pela evaporação da água combinada mecanicamente ou quimicamente com o barro, caso se trate da secagem ou da cozedura, respectivamente).
Sonoridade	Capacidade de emitirem sons, após a cozedura, através de pequenos batimentos.
Térmicas	Capacidade para armazenar calor.

Tabela 1. – Propriedades do barro

Recomendações – é por demais reconhecido que se tomarmos determinados cuidados em relação à argila, pode facilitar o seu manuseio e trabalho e em sua consequência melhorar o produto final. Entre eles estão a escolha da argila, a forma de ser guardada (armazenamento), a preparação da mesma (processamento), a forma de se modelar o barro e até mesmo a sua secagem.

Caso o barro se apresente muito rijo e a quantidade for pequena, devemos enrolá-lo num pano húmido e deixar repousar ao abrigo do ar. Assim a humidade do pano passará para a massa. Caso esteja muito mole e cole às mãos, deve ser colocado ao ar para que a água em excesso se evapore. Para isso a massa de barro deve estar

moldável sendo para isso necessário amassá-la com força, separando um pedaço com as mãos ou por exemplo com a ajuda de um arame resistente e voltar a uni-los novamente. Seguidamente devemos bater o barro, na mesa repetidas vezes para que a sua estrutura se torne homogênea.

Aberta a embalagem, a argila deverá ser mantida envolta em plástico e armazenada em recipiente fechado e em lugar fresco. Se isto não ocorrer, seu endurecimento se dará em pouco tempo, dificultando seu uso e manuseio. Para retardar a secagem de uma peça, devemos envolvê-la num saco de plástico grosso, jornal ou pano húmido e colocá-la num lugar fresco e protegido para que a humidade se conserve por mais tempo. Este artifício, costuma ser aplicado quando por qualquer razão não conseguimos terminar a criação e esta ainda se encontra por completar. Da mesma forma devemos proceder para guardar o material, evitando que este seque e possa ser trabalhado mais tarde. A embalagem deve estar hermeticamente fechada, para não estar em contacto com o ar.

Devemos ter ciente que o barro para ser trabalhado tem de estar húmido e maleável. Segundo Chavarria (1997), o envelhecimento aumenta o nível de plasticidade da argila, assim como o amassamento.

Graças às suas qualidades flexíveis e plásticas, normalmente é visto com grande prazer e exerce grande atracção por quem o utiliza, seja qual for sua faixa etária ou nível cultural, embora por vezes possam existir pessoas que demonstrem repulsa por o utilizarem. Uma vez seco endurece e pode ser pintado ou envernizado e submetido ao forno. Em relação ao seu emprego, pode ser utilizado por todas as pessoas das mais diversas faixas etárias, embora se recomende que para crianças pequenas se utilize preferencialmente, massa de modelar ou massa de papel reciclado, devido a poder ser facilmente ingerido (já que as crianças pequenas, ainda não têm a consciência de que este material não é para ser colocado na boca) e até mesmo ao perigo de ser arremessado (na brincadeira com outros colegas/amigos).

3.2. Uso da argila ao longo do tempo

A argila é conhecida e utilizada pelo homem desde os tempos primitivos, quando este descobriu que a podia modelar, sob a forma de lama ou sob a forma de tijolos de

lama, misturada com folhas e seca ao sol. Foi um dos primeiros produtos naturais utilizados pelo Homem em aplicações de fundamental importância, como nas construções de habitações e monumentos.

Existem testemunhos na Mesopotâmia, de habitações e monumentos, datando de há mais de 10.000 anos, que haviam sido construídos com argila sob a forma de lama ou sob a forma de tijolo, ou melhor adobe, feito de lama misturada com folhas ou palha e depois seco ao sol (Vasconcelos, 2008).

Outro aspecto que veio contribuir para a importância da utilização do barro, foi aquando do desenvolvimento da agricultura e posterior armazenamento dos alimentos, o Homem sentiu necessidade de desenvolver determinados utensílios, para guardar os alimentos. Surgiram então as primeiras peças de cerâmica.

Na agricultura, o caulino, pode ser utilizado como substituto dos fertilizantes químicos, promovendo a agricultura biológica. Estudos realizados nos EUA têm vindo a provar a enorme utilidade do caulino como repelente de insectos. Tem-se verificado também que por vezes, através da utilização de caulino, a produção de frutos aumenta acompanhada com o aumento da sua dimensão. Por estes motivos acima apresentados, o caulino tem um elevado potencial, sendo amigo do ambiente, em alternativa aos insecticidas tradicionais (Vasconcelos, 2008).

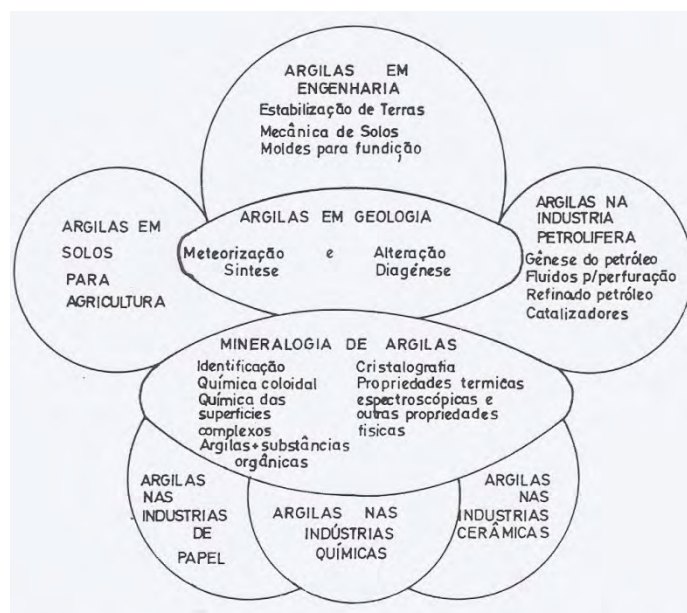


Gráfico 3. – Alguns domínios de aplicação das argilas

Transcreve-se a figura representativa de alguns domínios de aplicação das argilas (in tecnologia de Argilas – 1975, P. Souza Santos, retirado do livro Argilas o que são e para que servem, pg9)

De forma geral, podemos dizer que a argila tem sido utilizada pelo Homem, desde a antiguidade, com os seguintes objectivos:

- Construção civil;
- Medicina natural/alternativa (Geoterapia - Geo: Terra e Terapia: tratamento, i.e. a terapia natural em que se usa a terra como agente curativo graças aos seus componentes medicinais, químicos e energéticos que lhe proporcionam especiais propriedades curativas quando aplicado interna ou externamente;
- Geofagia (comer terra);
- Agricultura (argila tem poder absorvente, desempenha papel importante, já que os minerais argilosos do solo absorvem de forma rápida e fácil os iões minerais leves que estão debilmente fixados, podendo ser facilmente trocados por outros com maior valor para as plantas);
- Estética e fabricação de cosméticos;
- Arte; Ciência;
- Religião, com peças de culto e adoração;
- Espiritual, mágico (rituais);
- Utensílios domésticos, cerâmica: porcelana, faiança e loiça sanitária (utilitários e decorativos);
- Papel (celulose + caulino);
- Cimento, plásticos e tintas plásticas

Nenhum material retirado da mãe – Terra, tem tantas aplicações como a argila. Gomes (1988), refere-se à argila como um dos minérios principais, salientando que o Homem desde há mais de 10.000 anos, que a tem usado e para ela vai encontrando sempre novas aplicações.

3.3. Geoterapia

Geoterapia tal como o nome indica refere-se à utilização da terra, em particular da argila com fins curativos, i.e. como recurso terapêutico. Trata-se de uma das mais importantes técnicas terapêuticas da medicina natural, conhecida desde a antiguidade. Parece que os conhecimentos acerca das propriedades da terra com finalidade terapêutica foram obtidos através da observação da conduta de diversos animais doentes

ou feridos, que instintivamente conhecem as suas propriedades e a ela recorrem para curar as suas feridas, quando mergulham em determinadas lamas, as zonas infectadas e/ou doentes (exemplo disso é o caso dos elefantes, que rolam e rebolam na lama por vários motivos, tais como se protegerem do calor intenso, ou das picadas dos insetos e até mesmo para se curarem de alguma dor ou ferimento que tenham nos corpos).

Vários são os povos que ao longo da história, recorreram e recorrem às propriedades da argila e da terra como remédio natural para inúmeras doenças. Nos povos que vivem em contacto com a natureza aí o uso da argila é uma prática comum. Podemos começar por referir, Cleópatra rainha do Egipto (44-30 a de C), que utilizou os barros procedentes do Mar Morto com fins cosméticos, sob a forma de máscaras, cataplasmas e banhos.

Os antigos médicos egípcios, utilizavam a argila por via interna, para combater inflamações e úlceras, e de forma externa quando tratavam deformações reumáticas (casos em que utilizavam as lamas quentes do Nilo), e na arte da mumificação dos corpos, a argila era utilizada pelos embalsamadores, pelas suas propriedades anti-sépticas, assim como era utilizada para a preservação de alimentos de origem animal.

Na Idade Média, são conhecidos os célebres cataplasmas de argila, que eram utilizadas na Medicina Natural e no campo veterinário, assim como os tratamentos na luta contra a peste. Em vários textos bíblicos encontramos referência às propriedades curativas e "*milagrosas*" do barro, tendo Jesus utilizado o barro para curar um cego de nascença (João 9.6²¹).

Possivelmente a terra foi, o primeiro de todos os remédios, desde que o homem existe. Segundo os manuais de geoterapia, na Idade Contemporânea, destacou-se o Dr. Julius Stumpf, médico berlinense, que observou num cadáver de uma mulher que havia sido enterrada há mais de três anos, que o corpo e as vestimentas estavam perfeitamente conservados. Comprovou-se, então, que a terra argilosa possuía elementos refratários às bactérias e à decomposição, e que poderia ser apropriada para o tratamento de feridas. Este médico, ficou conhecido por ter utilizado contra a epidemia de cólera que

²¹ João, discípulo de Jesus, referia-se à argila como o "*anjo da terra*" pelo uso que Jesus fazia dela durante sua peregrinação.

dominava a Prússia Oriental, tomas orais de argila diluída em água fervida, tendo como resultado uma taxa de incidência muito baixa desta epidemia, nas zonas onde se ingeriu a argila, ao invés de outras regiões onde a cólera causou muitos estragos. Este êxito terapêutico, levou a que este médico, também introduzisse no seu sanatório, a ingestão de argila contra várias doenças.

Os vietnamitas e os coreanos, durante os ataques que sofreram dos Estados Unidos, empregaram o banho de argila para tratar queimaduras, inclusive as provocadas por napalm. Ainda hoje no Japão, a argila é utilizada para conservar às vezes por vários anos, ovos e alimentos de procedência animal.

Entre os árabes, era comum enterrar os reumáticos em areia branca, e recorrer à argila húmida para tratar a malária. Enquanto os chineses utilizavam as compressas de argila para curar inflamações, os assírios e babilónios tratavam as várias afecções com lama preta. Na Índia, chegou a haver instalações próprias para os banhos curativos de lama argilosa. Ao nível popular, todos nós conhecemos a sua utilização pelo homem do campo, para se aliviar em casos de picadas de insectos.

Para o criador da Bioenergética²², Alexander Lowen, a argila ajuda-nos a estarmos ligados à Terra, quer isto dizer, estar ligado às realidades básicas da vida, ao corpo, ao psiquismo e à sexualidade, estar ligado às pessoas com as quais nós nos relacionamos. Segundo Lowen (1982), *"a mãe é a nossa Terra individual, assim como a Terra é a nossa mãe universal"*.

É através deste conhecimento que a geoterapia/ argiloterapia ressurgiu, nos tempos actuais, como uma alternativa de cura do corpo e da alma. Além do seu poder rejuvenescedor – o que faz com que o produto seja muito empregue pela medicina estética²³ – a argila também pode ser utilizada no combate e prevenção de vários males, que vão desde uma simples inflamação da garganta, a doenças crónicas, tais como a hipertensão. Esteticamente, a argila pode ser utilizada para clarear pelos e manchas, no tratamento para a celulite, flacidez, no combate a estrias e acne, para

²²Um conceito que advém desta corrente, é o groundig – significa em termos gerais a necessidades que as pessoas têm de entrar em contacto com o chão, estabelecendo trocas energéticas entre o corpo humano e a terra que nos sustenta.

²³As máscaras são muito usadas para eliminar toxinas, limpar e tonificar a pele

refrescar, tonificar, descongestionar e acalmar a pele, no tratamento para emagrecimento, e até para eliminar edemas e inchaços. Pode ser utilizada na cabeça, no rosto, pescoço, mãos e braços, assim como no corpo: tórax, no abdómen, na região pélvica, na coluna, sobre os rins.

Tem sido utilizada, graças às suas propriedades curativas que se baseiam em termos gerais, no seu poder regenerador, relaxante, refrescante, descongestionante, purificador, bactericida, absorvente e calmante que a terra possui, assim como graças ao seu poder de reduzir os níveis de toxicidade e produzir efeitos anti-sépticos, analgésicos, antibióticos, cicatrizantes, equilibrador energético e térmico. Estes benefícios dão-se em função de possuir partículas microscópicas, o que lhe confere um elevado poder de absorção de toxinas e calor. Além disso, por possuir elementos químicos semelhantes aos do nosso corpo (silício, alumínio, cálcio, ferro, potássio, magnésio etc.), possui propriedade anti-inflamatória, cicatrizante, desintoxicante, absorvente e outras.

O barro é transformador e transmissor de energia. Temos em nós extraordinárias fontes energéticas que mantemos adormecidas, e a argila desperta-as! Retira e dissolve substâncias nocivas e tóxicas ao organismo, aumentando as suas defesas, sendo utilizada com fins preventivos. A argila, nos purifica e nos vitaliza.

Como já falámos atrás, existem no mercado, vários tipos de argilas, de várias cores, distribuindo-se em várias classes, de diferentes composições químicas e diferentes propriedades terapêuticas, cada uma indicada para finalidades diferentes, como as verdes, brancas, vermelhas e amarelas. A argila pode administrar-se por via interna e/ou externa.

No quadro abaixo, indicam-se as principais formas de aplicação.

Administração da Argila	
Uso Interno	Oralmente através de cápsulas, gargarejos ou misturada com água
Uso Externo	Mediante cataplasmas, compressas, emplastros, ligaduras e banhos, argila fria ou quente conforme a doença e/ou aplicação.

Tabela 2. – Formas de administração das argilas

- Uso Interno – processos digestivos como a: diarreia, cólicas, anemias, problemas do fígado, inflamações estômago e para estimular o sistema imunológico.

- Uso externo – dermatologias: eczemas, furúnculos, acne, celulites, queimaduras, escaras, seborreia, herpes, úlceras, urticária, calos e verrugas, picadas de insectos, estriam, cuidados do cabelo, cosmética: máscaras de beleza; traumatologia: golpes, dores ciáticas, coluna vertebral, torceduras, reumatismo, gota, alivia a tensão e fadiga muscular, em problemas respiratórios: garganta, bronquites, sinusites, resfriados; no aparelho cardiovascular: angina de peito, hipertensão arterial; no aparelho genital e urinário: infecções urinárias, problemas da próstata, dores menstruais, tumores e quistos ovários, úlceras no colo do útero, em obstetrícia; em oftalmologia: em conjuntivites, e treçolhos e em muitos outros casos desde intervenções terapêuticas em casos de cancro, em cirurgias como hérnias e no pós-operatório, assim como nos banhos curativos

As argilas podem utilizar-se no campo medicinal de várias formas:	
Geoterapia	Misturadas com água
Peloterapia	Misturadas com água minero-medicinal, água do mar, lago, e águas submetidas a maturação
Parafangos	Misturadas com parafina

Tabela 3. – Aplicação das argilas no campo medicinal

Todos aqueles que pretendem recorrer a este tipo de terapêutica, utilização do barro, devem no início de qualquer tratamento fazê-lo sempre com orientação de um médico ou terapeuta especializado nesta área, já que a sua utilização requer conhecimentos especializados prévios, que vão desde a sua preparação até à sua aplicação e remoção, tendo sempre presente que a sua acção está directamente relacionada em função do tipo de pessoa, sua queixa e do tipo de argila utilizada.

Não são conhecidas contra-indicação em relação à argila e pode ser utilizada em conjugação com outro tipo de terapia. Pode ser utilizada tanto para fins específicos como para estimular o organismo como um todo. Por ser um produto natural pode ser aplicada em banhos e máscaras. Seu uso externo pode ser feito no corpo todo ou em partes com finalidades estéticas e ou terapêuticas. É comercializada em vários locais, com indicações terapêuticas.

Existem diversos estudos de experiências com argila, em determinados centros psiquiátricos, que apontam que o trabalho manual com este tipo de material ajuda a transformação interna do paciente, em casos de ansiedade, insónias e depressão (Vila & Campaña, 2000).

No campo da acção veterinária, pode ser utilizada para curar javalis, cavalos e outros animais feridos, assim como pode ser utilizada em vacas com febre aftosa, ou em animais domésticos como o gato, em determinadas feridas e doenças. No campo médico, ao nível da cerâmica, apresenta algumas vantagens no que diz respeito à sua utilização por vários cirurgiões que usam materiais bio-cerâmicos para reparar e substituir determinados ossos: das ancas, joelhos e outras partes do corpo humano. Estas peças cerâmicas estão também a ser usadas para substituir válvulas cardíacas em deficiente estado. Usadas no corpo humano como implantes ou mesmo como revestimento para materiais metálicos, podem estimular o crescimento dos ossos, promover a formação de tecidos e fornecer protecção do sistema imunitário. São também utilizadas, por dentistas em próteses, coroas, cimento e implantes dentários. Os materiais cerâmicos são dos poucos materiais que têm durabilidade e estabilidade suficientes para suportar os efeitos corrosivos dos fluidos corporais.

Actualmente o poder da argila, tanto no campo da saúde como no campo da estética, continua por explorar e resulta de todos os dias se descobrirem novos campos de aplicação, graças às suas propriedades, já que o seu campo de experimentação é muito vasto. Trata-se de um campo de acção, que requer novas pesquisas e estudos, no sentido de se aprofundar conhecimentos e testar suas possibilidades e limitações.

3.4. Geofagia²⁴

O hábito da geofagia (ingestão de solo) aparentemente é muito antigo entre os seres humanos, existindo várias referências desde a época dos faraós do Egipto, e na China, sendo um hábito universalmente expandido por todo o mundo, em muitas sociedades antigas e rurais com muitas variantes na sua prática. Os antigos índios bolivianos faziam pequenas estatuetas em argila, invocadoras de figuras sagradas que depois comiam de um modo ritual, com finalidade terapêutica.

As principais causas da geofagia são desconhecidas, ainda muito envoltas em mistério e revestem-se de grande simbolismo e até de carácter mágico e inexplicável, contudo alguns estudos as relacionam com pessoas que padecem de atrasos mentais,

²⁴ “*Perversão do gesto que leva o sujeito a comer terra*” (David, 2005)

crianças e mulheres que vivem em condições de grande pobreza, sendo-lhe atribuídos diversos significados. Apontam-se alguns factores condicionantes:

- a) Deficiências nutricionais múltiplas – argila é encarada como um suplemento, com o objectivo de melhorar uma alimentação deficiente em minerais (ferro, cálcio, fósforo, potássio e zinco) e até mesmo vitaminas.
- b) Dietas – Necessidade de aliviar náuseas e de proporcionar a sensação de saciedade, perante dietas para reduzir o peso.
- c) Má nutrição – ocorre em países subdesenvolvidos
- d) Factores culturais – famílias, regiões, culturas, sociedades e grupos em que comer substâncias não comestíveis é uma prática antiga e apreendida
- e) Negligência parental – pobreza, privação de alimentos e falta de cuidados
- f) Problemas de desenvolvimento – atraso mental, autismo e outros problemas de desenvolvimento.

Dentro de uma perspectiva médica e psicológica, no mundo Ocidental, geofagia refere-se a uma perturbação do comportamento alimentar, englobado dentro da Pica²⁵ – desejo anormal de comer substâncias não comestíveis, contudo existem relatos de vários povos que ingerem terra, em particular argila, não de forma patológica, mas com outra significação, daí o factor cultural ser de grande relevância.

O hábito da geofagia pode apresentar várias complicações: sintomatologias relacionadas com o aparelho digestivo (cólicas, diarreias, obstipação, etc.), desnutrição por ingestão de terra em vez de alimentos, infestações parasitárias pois a ingestão de terra passa a ser o veículo destas infestações. Trata-se de uma condição rara entre os seres humanos, de apetite por coisas ou substâncias não alimentares (i.e. solo/terra, moedas, carvão, giz, tecido, etc.) ou uma vontade anormal de ingerir produtos

²⁵**Critérios Diagnósticos para F98.3 - 307.52 Pica** (Classificação Internacional Doenças: ICD-10)
A. *Ingestão persistente de substâncias não nutritivas por um período mínimo de 1 mês.*
B. *A ingestão de substâncias não nutritivas é inapropriada ao nível de desenvolvimento do indivíduo.*
C. *O comportamento alimentar não faz parte de uma prática culturalmente sancionada.*
D. *Se o comportamento alimentar ocorre exclusivamente durante o curso de um outro transtorno mental (por ex., Retardo Mental, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Esquizofrenia), sua gravidade é suficientemente severa para indicar uma atenção clínica independente.*

considerados ingredientes de alimentos, como diferentes tipos de farinha, de amidos (por exemplo de milho ou de mandioca), etc.

Dependendo do tipo de substância ingerida, existem nomes específicos, tais como:

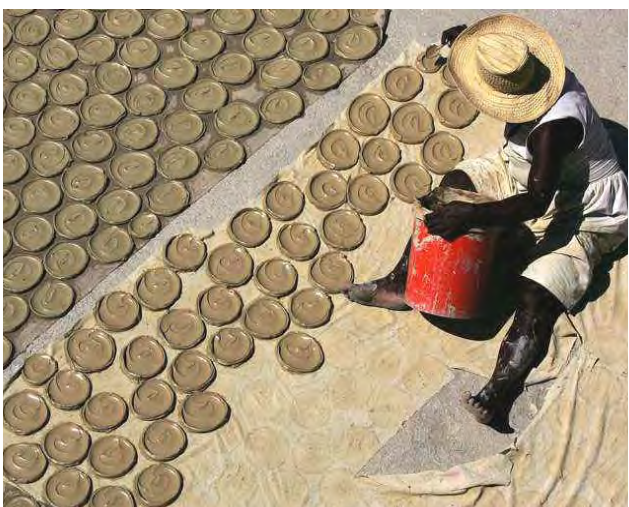
- Acufagia - ingerir objectos pontiagudos
- Amilofagia - comer amido (i.e. de milho ou mandioca)
- Cautopirofagia - ingerir palitos de fósforo apagados
- Coniofagia - comer pó
- Coprofagia - comer excremento/fezes
- Emetofagia - comer vômito
- Geomelofagia - comer (frequentemente) batatas cruas
- Geofagia - ingerir terra ou argila
- Hematofagia - comer sangue
- Hialofagia - ingerir vidro
- Litofagia - comer pedras
- Mucofagia - ingerir muco
- Pagofagia - comer (patologicamente) gelo
- Auto-canibalismo - comer partes do corpo (raridade)
- Tricofagia - comer cabelo ou lã (fios ou tecido)
- Urofagia - ingerir urina
- Xilofagia - comer madeira
- Onicofagia - comer unhas

http://www.jornallivre.com.br/artigo/?p=pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pica_%28transtorno%29&action=edit§ion=1

Em relação à geofagia, existem vários registos de povos asiáticos, africanos e americanos que a praticam, fazendo parte dos seus costumes e tradições. Na selva amazónica por não ser fácil conseguir sal, grupos indígenas realizavam praticamente uma peregrinação anual em busca da terra salgada. Existem alguns lugares no mundo — México, Colômbia, Peru — em que a argila é material comestível. Em algumas regiões da África (particularmente em certas regiões de Moçambique) a prática da geofagia está associada à crença de que durante o primeiro trimestre da gestação diminui as náuseas e estimula a secreção láctea. Os habitantes da ilha de Pemba, que pertence à Tanzânia, no leste da África, exultam quando uma de suas jovens mulheres começa a comer terra, este suplemento alimentar significa que ela estará à espera de um bebé, já que acreditam que a argila é importante na protecção das mulheres grávidas.

No Haiti, país que vive numa grande instabilidade e crise social, agravada pelos efeitos desastrosas da calamidade natural de que foi alvo recentemente, reflectida na situação de grave pobreza e na grande carência em vários níveis tais como: educação, saúde, alimentos, gás, luz eléctrica, transportes públicos, saneamento básico e outros, existem diversos registos dos seus habitantes, recorrerem a um tipo de bolachas/tortas /biscoitos, para saciarem a fome, chamada de Sapatés. Trata-se de uma mistura, preparada com restos de óleo de cozinha ou banha, barro, água e sal. Existem diversas imagens demonstrativas deste tipo de “*alimento*”, sendo confeccionado no chão em água suja e ao sol cujas temperaturas chegam aos cerca de 50 graus e expostos nas ruas para a respectiva venda e posterior consumo. Para os estrangeiros, num primeiro momento, podem parecer tratar-se de objectos de artesanato popular.

Sequência de imagens demonstrativas da confecção de biscoitos de argila, no Haiti.
Imagens retiradas de: www.curiosidadesnet.wordpress.com



Figuras 4 a 7 - Biscoitos de argila Haiti - SAPATÉS



Nos haitianos, a geofagia resulta cada vez mais num aumento de cirurgias gástricas, seguidos de cólicas e dificuldades em evacuar.

Figuras 8 e 9 - Biscoitos de argila Haiti

Na República Democrática do Congo, em Kinshasa, o consumo de argila, chamado de “*mabelé*”, por mulheres grávidas também é uma prática comum, despertando grande preocupação pelas autoridades sanitárias. De acordo com um médico, Anselme Mbumba, do hospital são José de Kinshasa, esta prática predispõe as mulheres à parasitose e à anemia. Este médico afirmou que o “*mabelé*” está a ser consumido principalmente devido ao seu aroma e graças às suas supostas propriedades curativas associado às crenças tradicionais. Para este técnico, o produto pode fazer mal a uma grávida porque reduz o seu nível de hemoglobinas, tendo alertado, que pode resultar numa anemia aguda, capaz de causar o aborto. Associado a isto, uma criança que nasce de uma mãe que consumia argila está exposta à anemia e pode nascer com um peso muito abaixo do normal

(Notícia de 25/08/06 da Panapress - Retirado de: <http://www.panapress.com/>)

A prática da geofagia não é só característica de alguns humanos, já que existem diversos animais que também comem terra, tais como: papagaios, gado, ratos, elefantes

e chimpanzés. Trata-se de uma área de estudo e investigação, que começa a atrair um interesse cada vez maior por parte dos investigadores e do público em geral.

3.5. Características técnicas e simbólicas do barro

Espaço agora para nos debruçarmos sobre as características técnicas e simbólicas do barro, factores estes extremamente importantes que o Terapeuta Expressivo deve ter em conta.

O barro, trata-se de um material maleável, nele o homem cria e é criado. Vivência a si mesmo como criatura e como criador (Gouvêa, 1989).

A argila é um material que por si só convida à manipulação e desperta o estímulo das potencialidades criadoras, latentes em todo o ser, pela plasticidade, maneabilidade, flexibilidade e adaptabilidade. Quando a matéria se encontra nas nossas mãos e o desejo se transforma em imagens, estas vão-se fazendo, vão-se construindo e desconstruindo de forma livre espontânea e imaginária. Trata-se de uma matéria natural, matéria-prima por excelência, matéria amorfa, à qual se permite controlar e dar a forma que se deseja através da modelagem. Permite imprimir e dar forma aos nossos sentimentos e emoções.

A utilização do barro, evoca no sujeito uma necessidade enorme de silêncio. Confronto consigo mesmo, vazio que preenche o espaço interno. A plenitude do ser. Um silêncio integrador que possibilita a reflexão e o crescimento (Fabiatti, 2004). Facilmente compreendemos que este silêncio tem a ver com o contacto que mantemos connosco mesmo, refere-se à descida a nós mesmos, o voltar à nossa origem, sob a forma de introspecção e introjecção, permitindo assim um maior aprofundamento em relação a nós próprios (silêncio introspectivo e reflexivo).

São momentos profundamente criativos e gratificantes. Estes momentos podem aparecer mesmo em situações de desordem, caos do sujeito sendo esta experiência que fará com que possa vivenciar a possibilidade de algo coerente, produtivo e fecundo, nas palavras de Gouvêa (1989). Este momento de silêncio, é também um momento de grande paz, altamente transformador, trazendo benefício ao sujeito e à relação que se estabelece.

O barro é um material mole, macio e sensual, tornando-se fascinante e muito atraente para qualquer idade. O contacto com o material, permite ao sujeito criança e adulto, poder tocar, mexer, brincar, amassar, fazer festas, alisar, bater, beliscar, fazer bolas, achatar, enrolar fazendo salchichas, partir, unir, dobrar, riscar, dar forma.

A partir destes movimentos as imagens internas tomam forma e espaço e conseguem assim campo para se materializarem, saem da esfera do interno, do subjectivo tornando-se visíveis e objectivas. Desta forma através do contacto das mãos com a matéria, os sentimentos, angústias reprimidas e difíceis de verbalizar podem tomar forma e ser abordados. O sujeito apropria-se do material, torna-o seu, parte integrante.

Aivanhou (1997:99), ao falar sobre a magia do gesto, destaca o papel que as nossas mãos desempenham, designando-as como *"instrumento mágico por excelência"*. Foi graças às mãos que o homem adquiriu todo o que possui, podemos realizar coisas magníficas graças às mãos. As mãos representam a vontade, sendo obrigação de todos nós, educá-las e aprender que cada dedo capta e transmite correntes e ondas de naturezas diferentes. Refere-se às mãos afirmando que estas *"são como antenas."* *"A mão é um ser vivo, tem um cérebro, um sistema nervoso, um estômago..."*

"elas são nosso primeiro contacto com o concreto, são como nos defendemos, como nos expressamos, aquilo que damos uns aos outros. Nelas está a nossa sensibilidade" (pg133).

Hillman (1998, citado por Ostrower,1987)



Figura 10. - Capela Sistina, *Criação de Adão*, de Miguel Ângelo

“A linguagem das mãos e dos dedos tem, na maioria das culturas, um papel de meio de comunicação e expressão. (...) Na iconografia cristã, a intervenção de Deus é simbolizada muitas vezes por sua mão saindo das nuvens; em geral interpreta-se a mão de Deus como um símbolo da encarnação do Logos.”

Lexikon (1990:134)

Gouvêa (1989), afirma que todo o corpo está presente nas mãos e por meio destas é possível entrar em contacto com o mundo interno, que quer se expressar. Através das mãos se consegue dar forma às imagens, que por vezes são muito fortes e difíceis de verbalizar.

Já os antigos acreditavam que a leitura das mãos proporcionava ao indivíduo o auto-conhecimento. Ao se falar nas mãos e na sua importância como ponte entre o meio externo e o mundo interno, duas palavras surgem associadas ao poder das mãos: Quirologia versus Quiromância.

“Quirologia, estudo das mãos (Do gr Kheir, Kheirós, «mão»+lógos, «estudo»+-ia)”

“Quiromancia, suposta adivinhação pelo exame das linhas da palma da mão, (Do gr. kheiomanteía, «id.»)”

Dicionário da Porto Editora (1985)

De forma simples, quirologia tem a ver com o estudo ou conhecimento, adquirido através das mãos. Visa a avaliação das mãos através da análise dos aspectos físicos da mão, como o tamanho e formatos dos dedos, constituição de carne, osso, pele, tipo de unha e digitais.

A quiromancia, refere-se à adivinhação dos segredos através da interpretação das linhas das mãos, que podem revelar o destino das pessoas. Os antigos sábios acreditavam que nosso passado, presente e futuro, já estavam registados no formato e linhas de nossas mãos, determinando nosso comportamento e personalidade, sendo cada um deles apenas diferentes estados de consciência. Trata-se então de um termo popular, que se refere à arte de ler as mãos e realizar previsões.

Ao se falar na mão, como extensão do corpo, que busca o outro, que promove a relação e o vínculo, um autor que realçou o aspecto simbólico do corpo foi Merleau Ponty (1999). Para este autor, é através do corpo que compreendemos o outro, assim como através deste que percebemos as coisas. O corpo é um espaço de expressão e funciona como um meio de apreensão do mundo, o espaço que o corpo conquista é sempre mediado pelo gesto e pelo movimento.

Se olharmos para a história da humanidade, a marca do homem, a sua identidade, aparece gravada nas cavernas pré-históricas, com a marcação das mãos dos povos primitivos.



Figura 11. – Cueva de Las Manos - Província Santa Cruz, Patagônia, Argentina

A imagem da mão está impregnada no imaginário social de todos os povos, estando representada sob várias formas através das artes.

*As minhas mãos magritas, afiladas,
Tão brancas como a água da nascente,
Lembram pálidas rosas entornadas
Dum regaço de Infanta do Oriente.
Mãos de ninfa, de fada, de vidente,
Pobrezinhas em sedas enroladas,
Virgens mortas em luz amortalhadas
Pelas próprias mãos de ouro do sol-
poente.*

*Magras e brancas... Foram assim feitas...
Mãos de enjeitada porque tu me enjeitas...
Tão doces que elas são! Tão a meu gosto !*

*Pra que as quero eu - Deus! - Pra que as quero eu?!
Ó minhas mãos, aonde está o céu?
...Aonde estão as linhas do teu rosto ?*

Florbela Espanca, in "Charneca em Flor"



Figura 12. Maurits Cornelis Escher – *As Minhas Mãos*

Ao colocarmos as nossas mãos no barro, desde logo somos invadidos por diferentes percepções desde a temperatura: frio/quente/húmido; noções de peso, volume, textura: rugosa/lisa/dureza, cheiro, cor: transparência/opacidade. Durante todo

o processo de modelagem com o barro, todo o processo de transformação plástica que ocorre é graças ao poder das mãos, elas são a ferramenta principal, são um prolongamento da nossa própria mente. As mãos funcionam como uma porta de entrada das sensações, dos conhecimentos, do mundo que nos rodeia. Ao colocarmos as mãos no barro, começamos desde logo a brincar com o material e a fazer formas que se constroem e destroem a uma velocidade estonteante. Todo este contacto se faz de forma imediata e directa, sem qualquer intermediário, não conseguimos trabalhar no barro sem sujarmos as mãos, em sua consequência há um grande envolvimento entre a matéria e o criador. O trabalhar com barro, permite-nos aceder a um campo de experiências perceptivas tácteis muito importantes que nos podem reportar à primeira infância.

A modelagem com argila é um dos processos técnicos mais antigos. A utilização deste material na execução de recipientes remonta aos princípios da Humanidade. O homem e a mulher pré históricos, modelavam o barro à mão, recorrendo à técnica da bola ou a de rolos de argila (Chavarria, 1999).

É uma forma de expressão que utiliza uma linguagem tridimensional, pois acrescenta à representação determinadas qualidades tais como: profundidade, textura, volume, proporção, plasticidade, remetendo-nos para outras vivências, tais como a temperatura, peso, textura, pois obriga ao contacto do corpo, das mãos, com o material a modelar. Trata-se de uma actividade essencialmente sensorial, apelando directamente ao corpo às sensações transmitidas pelas extremidades dos dedos, à modulação da pressão e tensão muscular, à diferenciação profunda dos gestos, ao maior compromisso de toda a postura e da dinâmica do corpo que modela. Paralelamente, a actividade corporal de representação pela modelagem desencadeia mais rapidamente uma resposta emotiva, uma ressonância afectiva mais ligada ao trabalho que ao seu resultado (Pain & Jarreau, 1996).

Podemos utilizar diversos materiais para a modelagem, tais como: gesso, plasticina²⁶, massa de modelar colorida, massa feita em casa, até à argila tema deste

²⁶ A plasticina ao contrario da argila, do barro, não endurece por conter azeite e glicerina. É um material menos plástico, que a argila, o facto de modelar com plasticina tem a vantagem da cor, e a desvantagem que se modela sempre num tamanho mais pequeno. Encontra-se disponível no mercado, nas mais variadas cores, diferindo entre si na sua plasticidade, factor este que determina a facilidade

trabalho. Tal como já foi indicado, sendo as mãos a principal ferramenta de trabalho com o barro, torna-se necessário olharmos para esta de forma mais apurada e conhecermos a verdadeira designação dos dedos e até mesmo a forma como muitas das vezes são chamados pela população em geral.

Observemos a figura abaixo.

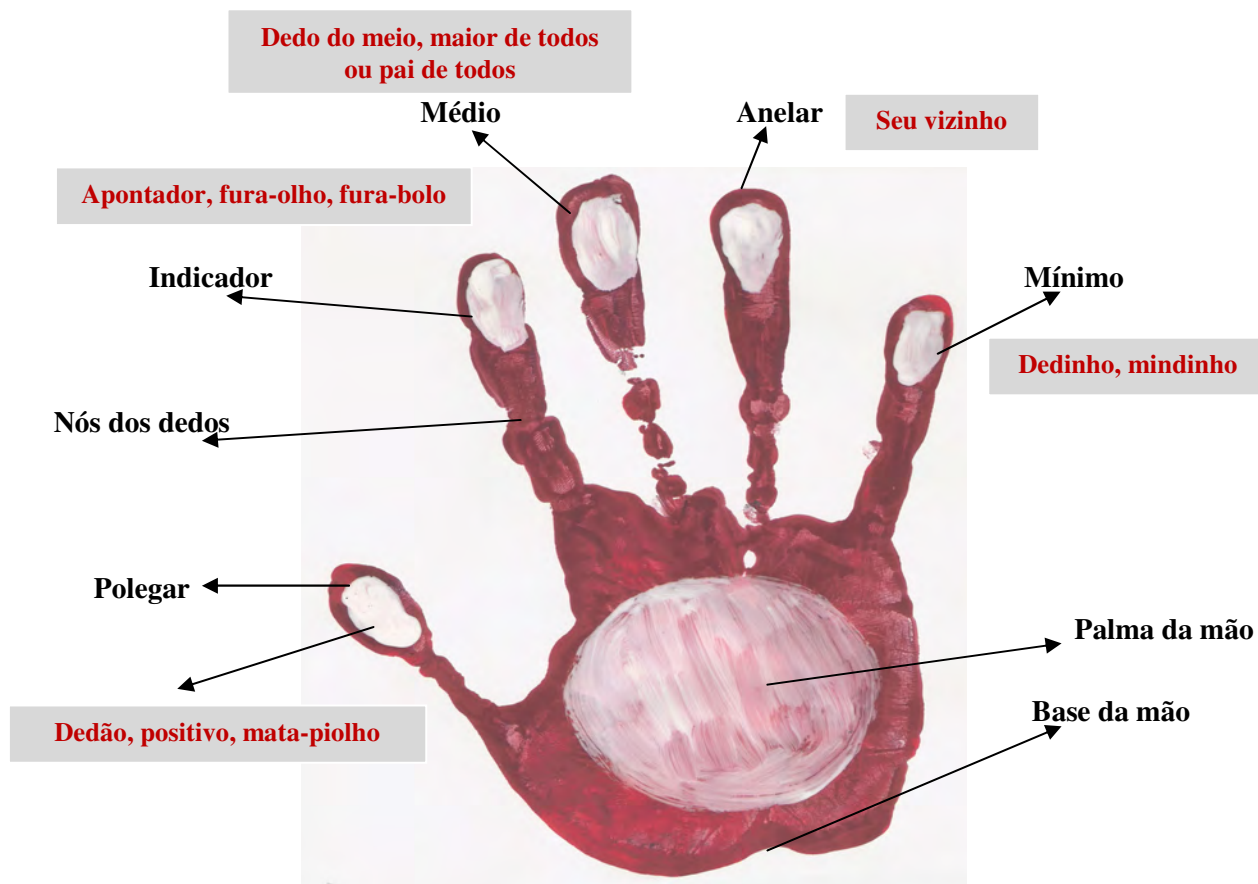


Figura 13. – “A mão”

“Na tradição astrológica, associa-se o dedo polegar a Vénus, o indicador a Júpiter, o médio a Saturno, o anelar ao sol e o dedo mínimo a Mercúrio. O anelar chamava-se popularmente “dedo do coração”, porque acreditava-se que estivesse directamente ligado ao coração por meio de uma veia especial ou de um nervo; a isso junta-se o simbolismo da fidelidade e do amor relacionado com o anelar, sobretudo com o da mão esquerda (lado do coração).”

(Lexikon, 1990: 72)

com que se modela. Da mesma forma, que o barro, podemos fazer um rolo e verificar a sua plasticidade. Caso se quebre com facilidade, podemos adicionar-lhe uma pequena percentagem de óleo vegetal, aumentando-lhe assim a sua plasticidade. A plasticina é facilmente moldável, não seca e não contrai, mantendo as suas características físicas durante muito tempo.

No que diz respeito aos aspectos simbólicos da modelagem com barro, devemos referir, entre muitos outros, a sua significação histórico – antropológica e social que acompanha o Homem desde as civilizações mais remotas, perpetuando a história e sua cultura, representando e registando as suas memórias, dos diversos povos e civilizações, através da fabricação de vários objectos, desde utensílios domésticos a adornos, assim como a própria relação entre a argila e a criatividade no inconsciente colectivo, passando pela sua utilização como elemento pedagógico e lúdico.

A terra está viva e possui toda a memória do Universo. Segundo Saraiva (2008), o contacto com a argila desencadeia no inconsciente um encontro com as emoções mais profundas, promovendo uma volta ao passado perdido no tempo e no espaço.

Atendendo ao carácter simbólico, podemos afirmar que nesta técnica estão reunidos os quatro elementos a que G. Bachelar se referiu: ar, terra, fogo e água. Que formam as *«hormonas da imaginação»* e que *«nos fazem crescer psiquicamente»* (Araújo & Baptista, 2003).

No trabalho de modelagem, todos os elementos considerados primários e sagrados pelos antigos intervêm: a argila, a água, o fogo e o ar. Cada um deles tem representações específicas e é dotado de poderes protectores. Na nossa opinião, podemos acrescentar um quinto elemento, o espiritual, o transpessoal, o transcendental, aquele que nos liga às forças superiores e divinas, cósmicas. Nas palavras de Gouvêa, (1989), no barro o homem encontra o espaço da divindade em si.

Segundo Speert, 2002, citada por Chiesa (2004:19), “ *o poder do barro evoca uma profunda conexão com o imaginário das pessoas pelo facto de ser um material natural que transita entre o mundano e o sagrado, revelando o transcendente*”.

Para muitos povos, o ar e o fogo são considerados elementos móveis, masculinos e activos, ao invés da terra e da água que são elementos femininos e passivos. Sem água não há vida, é um símbolo da vida, é a água que humedece a matéria e permite o seu trabalho, a terra, trata-se da matéria-prima viva a ser moldada, o ar: símbolo de expansão, de liberdade e o fogo: chama que resulta do calor das nossas mãos e se transforma criando vida, o ar que alimenta o fogo, secando a água da terra. Com a água e a terra preparamos a argila e com o fogo e o ar cristalizamos a forma (Saraiva, 2008).

A argila é símbolo de nascimento, vida e morte. Daí nossos afectos se projectam de forma mais espontaneamente que noutra qualquer material modelável (Pain e Jarreau, 1996). Nas palavras de Gouvêa (1989), o barro é a nossa base, nosso mais tradicional refúgio. Dele vivemos e para ele voltaremos.

Podemos aqui, referir o aspecto da criação simbólica da humanidade, que nos indica que Deus criou Adão a partir da terra, do barro, logo tudo pode ser criado através da sua manipulação, espelhando a sua importância como material primordial na acção criadora do homem. A terra está directamente relacionada com toda a nossa existência, já que nascemos, crescemos e mantemo-nos vivos graças aos seus elementos e ao intercâmbio que mantemos com esta. Até na hora da morte a ela regressamos. Podemos afirmar que a terra é a nossa fonte de vida, dela retiramos nosso alimento, nossa água, nossa energia vital. Todos nós, enquanto seres vivos dependemos de forma directa ou indirectamente do solo, da terra, sendo conhecido o termo Bíblico: “ *Do pó vieste e ao pó retornarás*”

Concordamos com Chiesa (2004), quando refere que o ciclo do barro lhe faz pensar no ciclo da vida. Ao tocarmos no barro, ao apercebermo-nos das sensações que daí resultam, entrarmos em diálogo com o material, terra, ao sentirmos a sua plasticidade, flexibilidade, textura, inalarmos o seu cheiro, é como entrarmos numa caminhada de regresso às nossas próprias origens. Trabalhar com o barro, convida à libertação do inconsciente e permite a expressão em imagens concretas. A terra tem a função maternal, dá e tira a vida, símbolo da fecundidade e da regeneração (ex: caso dos mortos que se colocam debaixo da terra, há o renascimento através das forças da terra, tem carácter sagrado, consciente, do desejo terrestre). Proporciona o espaço onde nascem os objectos, é possível entrar em relação, em contacto, ao mesmo tempo que permite modificar experiências.

A terra é representada pela própria argila. Simboliza a mãe – terra, deusa – fecunda, base de origem do arquétipo, com função organizadora, que permite a reparação, figura de mulher geradora de vida e alimento. Segundo Lexicon (1990), aparece na mitologia, várias vezes, sob a forma de uma divindade feminina, sendo encarada como “útero”, ao mesmo tempo que devido ao grande número de seus grãos é símbolo de infinitude. Várias culturas valorizam a terra, como berço, palco de toda a vida, concebendo-a com valor sagrado, mágico, terapêutico e simbólico .

Tendo em conta a filosofia Chinesa clássica, o contacto com a argila permite-nos aceder com o nosso próprio Yin, com a "*energia feminina*" (terra e água) presente em todos nós, enquanto seres humanos, quer sejamos homens ou mulheres. A terra – Yin é receptiva à acção de quem a trabalha, da energia Yang²⁷ (fogo e ar).

Jung defendia, que todos os seres humanos são andrógenos, i.e. todos temos características psicológicas do sexo oposto. No homem, as características femininas teriam assim o nome de *Anima* e nas mulheres as características masculinas têm o nome de *Animus*. Mais uma vez, encaramos o trabalho com a argila, como um facilitador, um desbloqueador, neste caso das características femininas, que muitas vezes a nossa sociedade obriga a esconder e inibir.

Em contexto de atelier, devemos estar atentos à forma como o material é manuseado pelo sujeito, mantendo a nossa postura de silêncio, aquando da criação, como fiéis companheiros, sendo a nossa postura caracterizada por uma observação próxima. Caso seja necessário, lá estaremos para poder intervir caso sejamos chamados a isso. Devemos observar a postura, movimentos das mãos, do corpo, comentários, risos, agitação e todos os demais elementos. O sujeito imediatamente parte para a criação, ou debruça-se sobre o material, sobre a sua experimentação, tentando descobrir as suas diferentes texturas. Os movimentos são rápidos, são lentos? Que sentimentos demonstra: euforia, ansiedade, medo, raiva, inibição? Tem movimentos agressivos? Brinca com o barro? Alguns indivíduos parecem sentir um prazer sensual, enquanto outros resistem, sentem aversão, nojo e desgosto na sua utilização. Será que questionará: É frio? Quente? Liso? Áspero? Macio? Percebe essas sensações ou quer ir logo em frente, moldando um objecto que já tem em mente? Faz esta tarefa rapidamente? Demora muito tempo? Parece nunca mais terminar? Parece-se bastante calmo? Revela ansiedade? Tem prazer no que faz, revelando alegria?

“Algumas pessoas sentem-se repelidas pela sujeira do barro. Na verdade, trata-se do mais limpo de todos os materiais da arte, depois da água. Ela seca transformando-se numa camada de poeira fina e pode-se limpar facilmente as mãos, roupas, tapetes, pisos, mesas – lavando, escovando, removendo ou tirando com aspirador de pó “

(Oaklander, 1989:86).

²⁷O *yang* (princípio claro, quente, seco, masculino) encerra em si o germe do *yin* (princípio obscuro, frio, húmido, feminino) e vice-versa (Jung, citado por Silveira, 1981: 275)

Tal como na pintura, a modelagem propicia muitas vezes o surgimento de dinâmicas do tipo ‘limpo’ e ‘sujo’. Embora para alguns colocar as mãos no barro possa ser considerado como um acto relutante, porque se vai sujar de terra, a grande maioria das pessoas revela grande prazer na sua utilização. Todas estas informações nos fornecem dados importantes sobre a própria pessoa que está à nossa frente e que devem ser trabalhados. O prazer da criação, remete-nos, numa linguagem freudiana, ao processo primário, permite pensar fora da consciência de um “*eu penso*”, no domínio do próprio inconsciente, nas palavras de Gouvêa (1989).

O processo primário é regido pela energia livre que procura descarga de forma mais rápida e directa. O trabalho com barro, propicia essa descarga de energia, acumulada no ego, o sujeito graças ao princípio do prazer sofre um relaxamento propiciando a formação de imagens vindas do inconsciente. Esta energia circula livremente e passa de uma representação para outra num contínuo deslizar de investimento entre as representações, tal como nos indica Bozza (2001).

Ostrower (2008), descreve que no acto criativo existe uma descarga emocional, representando um momento de libertação de energias. Fala em “*tensão psíquica*”, ao referir-se a uma noção de renovação constante do potencial criador, afirmando que em cada forma criada existe um estado de tensão. Criar não representa um relaxamento, mas sim uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer.

Trabalhar com o barro, permite o espelhamento do mundo interno do seu criador, ao visualizar aspectos de si próprios reflectidos na criação, no objecto/imagem criada o sujeito revê aspectos do seu self, ao mesmo tempo que permite a elaboração de conflitos, ampliando a consciência (*awareness*). Através da utilização deste mediador, o sujeito recorre a uma comunicação, a uma meta-linguagem de tipo meta-dramática, processo intermediário de comunicação que se serve simultaneamente dos processos primários e secundários. Trata-se de um processo dialéctico, de um jogo entre o princípio do prazer e da realidade, entre significado (conteúdo para que nos remete o significante-fantasia inconsciente) e significante (forma geral-objecto) ou de outra forma entre inconsciente (apelo à imaginação e à criação) e consciente (referente às características objectivas do material que servem de suporte às fantasias do sujeito). O próprio terapeuta actua nestes dois registos: por um lado representa o princípio do

prazer e o processo primário na medida em que faz apelo à imaginação e criatividade do sujeito, por outro lado representa o oposto, o processo secundário, o controlo e a realidade.

O barro, abre caminho para nova comunicação, mais maleável, dá acesso e amplia o espaço interno da fantasia e dúvida. Embora a utilização do barro possa ser um elemento muito importante a ter em conta em contexto terapêutico, devemos realçar a importância de estarmos atentos como desperta o sensorial, o cinestésico, trata-se de um instrumento que pode facilitar experiências vivenciais muito intensas, podendo despertar e avivar memórias profundas adormecidas, podendo provocar no sujeito momentos de regressão (pode remeter à fase anal, às próprias fezes), daí exigindo determinados cuidados especiais pela parte do terapeuta expressivo que a utilize em processo terapêutico.

O barro, enquanto mediador expressivo, facilita que o sujeito faça o seu processo de individuação, trazendo as imagens simbólicas para um nível consciente, ao mesmo tempo que lhes atribui significado. Ao construir objectos, criações, ao dar forma ao barro, o sujeito está a “viajar” do seu passado para o futuro, com este movimento vai-se confrontando com aspectos seus, ao mesmo tempo que constrói o verdadeiro sentido de identidade. O sujeito, através do contacto estabelecido com o barro, constrói o seu próprio mundo, tornando-se num artista criativo. Como é evidente, não nos estamos a referir ao valor profissional da obra, na verdadeira acepção da palavra como artista-profissional. Colocamos ênfase no processo e não no produto final. O próprio terapeuta expressivo, deve deixar bem claro, através de instruções dadas ao sujeito, que não interessa muito o produto final, o importante é a criação, o importante é todo o processo. Neste caso em particular, com a utilização do barro o destaque vai para o processo do toque, do manuseio do material, o sentir o barro, o contacto que o sujeito tem com o material e a forma, ou tal como nos diz Chiesa (2004), de poder dialogar com o barro até obter uma forma, modelando as sensações, os sentimentos e os pensamentos.

Para Bozza (2001), na sessão em que é usada a modelagem em argila, não é ensinado ao sujeito como realizar esculturas, já que o que nos interessa não é a estética, mas sim a manifestação de conteúdos internos que ali se podem expressar e que serão

revelados posteriormente através da respectiva verbalização. De outra forma, poderemos afirmar que o importante é a expressividade a ampliação do repertório expressivo no sujeito. Torna-se importante todo o diálogo que o sujeito mantém com o barro, todo o processo de descoberta e de criação num novo ser, na criação da imagem, daí o sujeito deve alhear-se das formas reais do objecto, e deve concentrar-se nas suas vivências, nos sentimentos que experiênciam quando vai tocando e amassando o barro.

Através da modelagem, permite-se que o sujeito, adulto, tal como a criança, brinque com o barro, construindo alterando, modificando e re-construindo objectos, figuras e formas. Vários autores tais como, Piaget, Wallon, Vygotsky, Buhler, Melanie Klein, Erikson e muitos outros atribuíram ao brincar da criança, um papel importante na evolução dos processos de desenvolvimento humano, como a maturação e a aprendizagem

Winnicott, psiquiatra inglês (1975), revelou-nos a importância do brincar na construção da realidade, chegando a afirmar que *“uma criança que não joga é uma criança doente”*. O terapeuta deve poder brincar e ter prazer nesse brincar, sendo o seu principal trabalho conseguir trazer o sujeito de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é. É com base no brincar, que se desenvolve a comunicação e se constrói a totalidade da existência experiencial do homem. Falava na aptidão para brincar e para a criatividade que permite a justaposição do mundo interior e exterior. A brincadeira permite a associação livre de ideias, pensamentos, impulsos, sensações sem conexão aparente e emersão de ideias.

“ É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu (eu) self ”

(Winnicott, 1975:80)

Acreditamos e defendemos, que a alegria, o prazer de ser criativo, está no início da transformação interna e este movimento é bem patente na acção, no manuseio do barro e no acto da construção de algo através da sua manipulação. Assim, através da utilização deste mediador, o sujeito acorda a criatividade, descobre aquilo a que Winnicott referiu como o seu verdadeiro self. Este autor, referenciou o conceito de espaço transicional, como uma zona intermédia e sobreposta entre o inconsciente da

mãe e do bebê, no qual o desenvolvimento emocional, o brincar e a criatividade têm lugar.

Acreditamos que é brincando que se aprende a transformar e a usar os objectos do mundo para nele nos realizarmos e poder inscrever os nossos próprios gestos, sem perder contacto com a nossa própria subjectividade. Através do brincar, podemos manipular e colorir fenómenos externos com significado e sentimentos oníricos, além de sempre podermos dominar a angústia, controlar ideias ou impulsos e assim libertar o que nos atormenta, como o ódio e a agressão. Brincar envolve uma atitude positiva diante da vida. Por meio do brincar, podemos fazer coisas novas, ir mais além do que simplesmente pensar ou desejar, pois brincar é agir, é fazer e conhecer. Na linguagem Piagetiana, o conhecimento é construído na experiência e através da relação de interacção com o meio.

Através do jogo estabelecido no barro, entre matéria e criador o sujeito poderá criar uma Zona de Desenvolvimento Próximo, ZDP, na concepção Vygotskiana (1987), onde irá estimular diversas funções que ainda se encontram em estado embrionário e que ainda não amadureceram, tais como percepção, atenção, cognição, sensação e outras, além da estimulação do simbólico e do imaginário, promovendo o processo criativo. É nesta zona que se permite o pensar, através dos símbolos, através das meta representações, da metalinguagem. Todo o trabalho com o barro, actua na zona de desenvolvimento próximo como elemento mediador, permitindo trabalhar e ampliar o espaço potencial de cada sujeito, acedendo a um espaço de aprendizagem. Muito mais importante do que ensinar é ajudar a aprender, estimulando esta zona potencial.

O barro, funciona como um “*objecto transicional*”, ao propiciar uma ponte para o mundo, actividade que se processa numa zona, de experiência que não faz parte da realidade interna nem externa, inserindo-se numa zona intermédia que está em contacto com as duas, tal como acontece com o símbolo, ponte entre a fantasia e a realidade, neste caso do barro entre o real e o sagrado. Além disso trata-se de um objecto transicional, já que de certa forma substitui o terapeuta. A transferência desloca-se do terapeuta para o próprio barro, para a criação, campo interactivo entre o corpo e a mente entre a matéria e o espírito.

O barro, oferece ao sujeito um espaço de ilusão, na concepção Winnicottiana, onde a criação de fenómenos e objectos transicionais pode ocorrer, espaço para projecção das suas próprias fantasias e representações psíquicas, espaço de criatividade, espaço existencial, espaço potencial. Através deste mediador, se oferece a oportunidade para que o sujeito consiga romper com a ilusão da perfeição, da superioridade, da rigidificação e reencontre a sua espontaneidade, provocando o acordar e o despertar da criatividade, que há em cada um de nós, daí podermos afirmar que o seu uso facilita o processo terapêutico, o que não aconteceria se utilizássemos somente técnicas verbais.

Segundo Bozza (2001), apesar da aplicação da técnica da argila ser antiga, aparece hoje conjugando um método totalmente revolucionário e renovador, que auxilia o terapeuta expressivo, a chegar de forma mais rápida aos conflitos dos sujeitos e permite assim aliviá-los das ansiedades, que tanto os afligem. Através das criações em argila o técnico, passa a explorar de forma concreta as problemáticas dos indivíduos, que representam a manifestação dos pensamentos, sentimentos, conflitos, ansiedades, questionamentos, baixa auto-estima dos mesmos. Esta auto-expressão das dificuldades eminentes favorece o seu auxílio emergente, tanto no processo de avaliação como no terapêutico. Para esta autora, criadora do método chamado de “*Argila – Espelho da Auto - Expressão*”²⁸, desenvolvido desde 1984, a aplicação da argila não se restringe a nenhuma abordagem teórica assim como a nenhuma área clínica, podendo ser empregue também na área escolar, hospitalar, organizacional, em trabalhos de selecção, recrutamento e treino. Utiliza a técnica de associação livre para estabelecer o diálogo entre o consciente e o inconsciente, já que as imagens criadas aproximam-se a conteúdos dos sonhos, da fantasia, de medos e conflitos. A autora, diz-nos que

“O método foi concebido como uma tentativa de auxiliar a expressão verbal dos sujeitos, possibilitar melhor diagnóstico e intervenção terapêutica e favorecer um maior autoconhecimento. A argila foi escolhida entre os recursos terapêuticos por revelar-se como primitiva, energética, natural, e possibilitar na construção das modelagens o tridimensional, o concreto e a individualidade aproximando mais dos aspectos de realidade. Ao trabalhar com argila, o sujeito coordena os órgãos dos sentidos, mãos e

²⁸Trata-se de uma metodologia de trabalho que é aplicado de três maneiras: 1) Tema livre; 2) Tema escolhido pelo cliente por meio de esculturas previamente criadas e 3) Esculturas escolhidas pelo terapeuta como tema. O objectivo é proporcionar ao cliente alívio dos seus conflitos, através das imagens, que funcionam como um espelho, onde ele pode fazer uma reflexão dos seus sentimentos, do que o angustia e atormenta.

olhos, transformando a matéria prima argila numa escultura, que conterà os conteúdos internos de seu autor” (2001: 3).

Oaklander (1989), refere que muitas crianças com problemas motores e perceptivos precisam da experiência que o barro proporciona, a sua utilização aproxima as pessoas dos seus sentimentos. Dá o exemplo da criança agressiva que pode usar a argila para bater e socar, assim como crianças zangadas podem descarregar sua raiva na argila de muitas formas. Ao invés aqueles que estão inseguros e temerosos, podem ter sensação de controle e domínio através da argila, podendo também ser utilizado em crianças que precisam fortalecer a sua auto-estima. A autora, aponta os casos de crianças que não falam, funcionando o barro como um “*bom elo de ligação com a expressão verbal*”, assim como proporciona às crianças “*altamente verbais*”, aquelas cujos pais e professores acusam de falar em demasiado, um “*meio de expressão que se afasta do amontoado de palavras*”.

Parafraseando Nise da Silveira (1994), o trabalho expressivo com o barro permite aceder aos “*inumeráveis estados do ser*”, já que inumeráveis são também as expressões facilitadas pelo próprio material.

Para Bozza (2001), o uso do barro em processo terapêutico como descarga de emoções, pode levar o sujeito a ter prazer nesse acto em si mesmo, assim como pode ter a sensação de possuir o controle de tais sentimentos através das suas mãos, permitindo com a modelagem ter acesso à comunicação de conteúdos conscientes ou inconscientes, expressando sentimentos e sensações.

Ao colocarmos as mãos no barro, construímos algo com as nossas próprias mãos. Trata-se de uma criação pertença nossa, que ali está, defronte de nós. Está viva e respira. Mesmo aqueles que julgam não conseguir fazer nada, que alegam não ter jeito nenhum, os mais pessimistas e derrotistas, são confrontados com o objecto criado. São capazes de criar, de gerir, de transformar. Está feio, está bonito? Está grande, pequeno? Isso pouco interessa, o que interessa é a acção despoletada pelo acto de modelação do barro. No contacto com o barro aprendemos o que é transformação e aprendemos a transformar. Ou dito de outra forma através do contacto com o barro transformamos a matéria e somos transformados.

O acto criador abrange a capacidade de compreender e esta por sua vez a capacidade de relacionar, ordenar, configurar, significar (Ostrower, 2008).

Parra Chiesa (2004: 17), as experiências com o barro possibilitam “*encontros, desencontros e re-encontros*”. Dito de outra forma, torna-se difícil cometer um erro ao trabalhar com o barro, já que este permite uma rápida solução, i.e. permite rapidamente solucionar o erro. No caso das crianças pequenas e adolescentes que precisam de fortalecer sua auto-estima estas experimentam um sentido de si mesmas único, através da utilização do barro (Cão & Diez, 2000).

Olhando para as crianças, embora dia a dia sejam absorvidos por uma grande proliferação de brinquetos e actividades lúdicas de entretenimento e ocupação de tempos livres, contudo, perante o estímulo – barro, estabelecem desde logo com este uma relação de grande cumplicidade, tendo por base a modelagem e a brincadeira, daí advindo grande divertimento, conforto e sensação de bem-estar, ao mesmo tempo que dão azo à sua imaginação, expressando o seu mundo interno e externo simultâneamente.

Parece ter sido o próprio Jung, o primeiro jungiano que se envolveu com a técnica de construção através da terra, pois através da sua autobiografia relata-nos que num momento de profunda depressão se defrontou com “*um jogo do tipo curativo com a terra*”. Parece ter sido na fase em que se afastou de Freud e da psicanálise, Jung se confrontou com uma grande quantidade de imagens que lhe surgiam na consciência, sentindo necessidade de encontrar formas de estabelecer contacto com estas. Aí começou a construir castelos de terra e pedras descobrindo que através desse jogo conseguia dar forma e elaborar suas fantasias inconscientes.

“ Todos os dias depois do almoço, se o tempo permitia, eu me entregava ao brinquedo de construção. Mal terminada a refeição, “brincava” até ao momento em que os doentes começavam a chegar; à tarde, se meu trabalho tivesse terminado a tempo, voltava às construções. Com isso meus pensamentos se tornavam claros e conseguia apreender de modo mais preciso fantasias das quais até então tivera apenas um vago pressentimento”
(Jung, 1975:155)

*“Quem olha para fora, sonha;
Quem olha para dentro, desperta.”
Jung*

Através do contacto com o barro, aprendemos a olhar para fora e a sonhar, a entrar no mundo do sonho e da fantasia, ao mesmo tempo que também viajamos para o nosso interior, para dentro de nós, despertando emoções e sentimentos, que são difíceis de verbalizar, e até mesmo que se encontravam escondidos. Silveira (1981), dizia-nos que vivemos entre dois mundos, ou seja entre dois sistemas de percepção totalmente diferentes, um o da percepção das coisas externas, através dos sentidos e a percepção de coisas internas, por meio das imagens do inconsciente.

Como referimos na introdução, entendemos que o acto criativo é fundamental para a saúde mental e psicológica, daí entendermos que trabalhar com argila além de possibilitar a manifestação do criativo, de certa forma amplia nossas possibilidades de experiência, de estar e de ver o mundo. Cada movimento de mexer, amassar, bater, alisar e de moldar o barro nos coloca em contacto com nossa própria história. Ao damos forma a uma matéria amorfa e disforme como o barro, estamos a crivar a nossa própria identidade, a nossa existência. Trata-se de uma história que revela algo de nós e da nossa relação com os outros no mundo, história essa que contextualizada numa relação terapêutica com um técnico especialista nessa área, pode servir como um espelho interno do seu autor, pode servir como uma chave que permita ter acesso às suas dificuldades e limitações. A história que anteriormente não tinha rosto, nem nome, agora torna-se concreta e pode ser verbalizada, começa a ter “legendas”, pode ser partilhada, decifrada, confrontada e reflectida.

Para Gouvêa (1989), é na oficina que o ser se constrói e fabrica emoção. Quando o sujeito vê e manuseia o barro, a matéria, está ao mesmo tempo a manusear os seus fantasmas e fabricando o real. Chama-lhe “*metamorfose lúdica*”. Nas palavras deste autor: “*a inércia psíquica é ultrapassada quando se dá o encontro no trabalho com o barro. Flúem os investimentos libidinais na sessão com o barro*” (Pg 57).

Através da acção no barro, mantemos um diálogo com o material, de aceitação e cumplicidade, de permuta onde a actividade expressiva se revela de fundamental importância e que não vem só da nossa parte mas sim do barro também. Certamente que ao criarmos nos tornamos mais flexíveis e menos rígidos, já que podemos construir e desconstruir, nada é finito, podemos jogar sempre nesta dialéctica, podemos e somos incentivados e estimulados a criar, a ousar arriscar e somos nós próprios os grandes responsáveis do rumo da decisão final. Ao colocarmos as mãos na terra; no barro,

estamos a aceder a um espaço de experimentação, espaço do faz de conta, da brincadeira, espaço onde tudo é possível. Acedemos ao espaço potencial, espaço esse que amplia a nossa capacidade de nos vermos a nós próprios e ao mundo, sempre tendo em conta que nós temos dentro de nós os recursos disponíveis para mudar e para lidar com as dificuldades.

A sua plasticidade permite o livre movimento das mãos, e quase tudo pode ser materializado ali, pois as mãos executoras têm seus movimentos orientados por forças inconscientes. Exploração do barro é efectuada através dos órgãos dos sentidos: tacto, olfacto, audição, que são activados através da livre imaginação e da actividade criativa. Esta transformação plástica que ocorre quando trabalhamos com o barro, permite-nos aceder a uma área de ligação entre a fantasia e a realidade, entre o consciente e o inconsciente, que nos permite viajar entre o passado, presente e futuro, alterando, reformulando, valorizando e projectando o nosso próprio projecto de vida.

Nise da Silveira²⁹, médica, apelidada por “*psiquiatra rebelde*”, ficou conhecida através dos trabalhos efectuados na Secção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, verificou que a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois permitiam “*dar forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e objectivavam as forças auto-curativas*”. Dentro das várias actividades ocupacionais propostas, a utilização destes mediadores expressivos, permitiam o mais rápido acesso ao mundo interno do esquizofrénico e tornaram-se elementos fundamentais na compreensão do processo psicótico e de grande valor terapêutico (Silveira, 2006:17).

Painn & Jarreau (2001), referem que em geral o sujeito projecta sobre o corpo modelado seu próprio corpo fragmentado, imaginário, descontínuo, desequilibrado. Apontam vários casos de patologia, que vão desde quadros de pacientes mais comprometidos como os autistas, a quadros de paranóides, a histéricos, fóbicos, passando por neuróticos tipo obsessivos, fazendo a comparação com a sua representação através da modelagem. Fabietti (2004), destaca o trabalho na constituição de ateliers arte-terapêuticos com idosos, onde fala na relação dialéctica entre o pensar e o agir, intermediado pela matéria plástica a argila.

²⁹ Fundou em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente (ver: www.museuimagensdoinconsciente.org.br)

O trabalho terapêutico com este tipo de mediador, barro, tal como nos indica Pain & Jarreau (1996), faz-se em vários níveis desde jogos, experiências sensoriais, cerâmica, modelagem expressiva, baixo-relevo, polimento, decoração por estampagem, e outros, o que implica diversos níveis de intervenção do terapeuta expressivo.

Face ao apresentado, acreditamos que o trabalho com o barro, se pode revelar por si só como um mediador de expressão extremamente rico e produtivo, no qual tanto o terapeuta como os participantes poderão retirar grandes vantagens e benefícios, quer em contexto terapêutico quer em contexto psicopedagógico, ou mesmo social. Apresenta vantagem em relação a outras técnicas, já que implica a activação de diversas dimensões do ser humano, tais como: sensório-motor (através do toque, da modelagem e da manipulação de barro, vai provocar e desencadear sensações internas, assim como activa e coloca todo o nosso corpo em acção, desde a postura ao movimento, ao sentir e ao cheirar, apelando ao não verbal, através de movimentos como o bater, alisar); emocionais (permite a vivencia de sentimentos e emoções, algumas das quais que por vezes nem através do verbo lá chegamos e que agora poderão ou não ser expressos); cognitivos (permite a definição e re-definição de problemas, proposta e resolução de problemas, o barro tem assim uma função extruturante) espiritual e intuitiva, além do aspecto lúdico e recreativo.

Em relação ao aspecto educativo, já foram dadas algumas indicações, tendo em atenção a dificuldades emocionais e de aprendizagem, contudo poderemos sempre acrescentar o facto de defendermos que é graças ao corpo que os educandos constroem os diversos saberes e que nunca podemos alhearmo-nos a este. Tudo é em primeira instância aprendido pelos sentidos, o nosso corpo regista e constroi. Modelar é sentir, através do corpo, das sensações, das percepções, activa toda a sensorialidade existente em nós. O barro, a sua manipulação e experimentação, a sua materialidade estimula as percepções pelos sentidos, abrindo conhecimento a novas percepções e significações. As actividades desenvolvidas, permitem ao educando uma participação mais activa na construção dos diversos saberes, numa base de cooperação, interacção e partilha constante. Desta forma se estabelecem novas relações, ampliando conhecimentos, reconhecendo a sua própria identidade individual, social e cultural. Descobrimos novas formas e possibilidade de enfrentarmos os limites, impostos por nós mesmos e pela própria matéria, criamos, conquistamos confiança, auto-domínio, auto-estima,

valorização pessoal. Novos vínculos são criados, favorecemos o surgimento da criatividade, ampliamos a expressividade, conhecemos novos campos de conhecimento, propiciamos a descontração, o conhecimento promovendo a interação entre os elementos, favorecendo a socialização.

Ensino que afaste o corpo, a percepção do sensorial, deixa de ser ensino, para ser apenas a mera transmissão de conhecimento. A escola deve propiciar espaços para que o saber sensível tenha lugar, este tem de caminhar lado a lado com o saber inteligível. O racional deve estar ligado ao abstrato. O espaço educativo para crianças, jovens, adultos e ao mesmo tempo para agentes educativos deve favorecer a educação estética. Só assim asseguramos uma educação correcta e plena, proporcionando o desenvolvimento afectivo, psicomotor, cognitivo e social, de uma forma construtiva, interactiva e dinâmica. Devemos assim assegurar, o caminhar entre o campo racional – buscando o conhecimento e o campo sensorial assegurando a busca no ser como pessoa integra, total e mais completa.

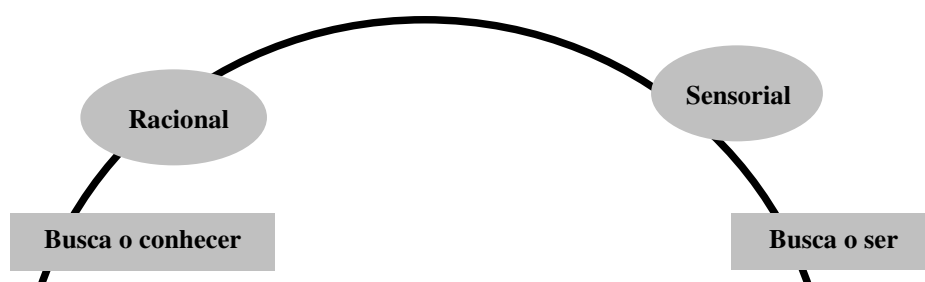


Gráfico 4. – Mãos no barro: duplo movimento

Poderíamos também apontar o espaço afectivo, que é essencial existir entre o agente educativo e o educando, para que a sensibilidade para a expressão criadora se possa desenvolver (Leite & Malpique,1986) . Para estas autoras, citando João dos Santos, é necessário aprender com o outro, para isso é necessário entrar em relação com ele. Na nossa opinião o barro poderá funcionar como mediador, tornando-se num agente de mudança.

Por fim podemos reforçar a ideia de que é um elemento facilitador para pessoas que se apresentam muito tensos, ansiosos, introvertidos, com grandes dificuldades em verbalizar, permitindo-lhes aceder a um espaço contentor e securizante onde podem se sentir à vontade, que incentiva a descontrair apelando à reflexão interna. Permite a

integração de diferentes dimensões do ser humano, que vão desde o Sentir, o Pensar e o Agir.

Algumas vantagens psico-educacionais, da modelagem com o barro:

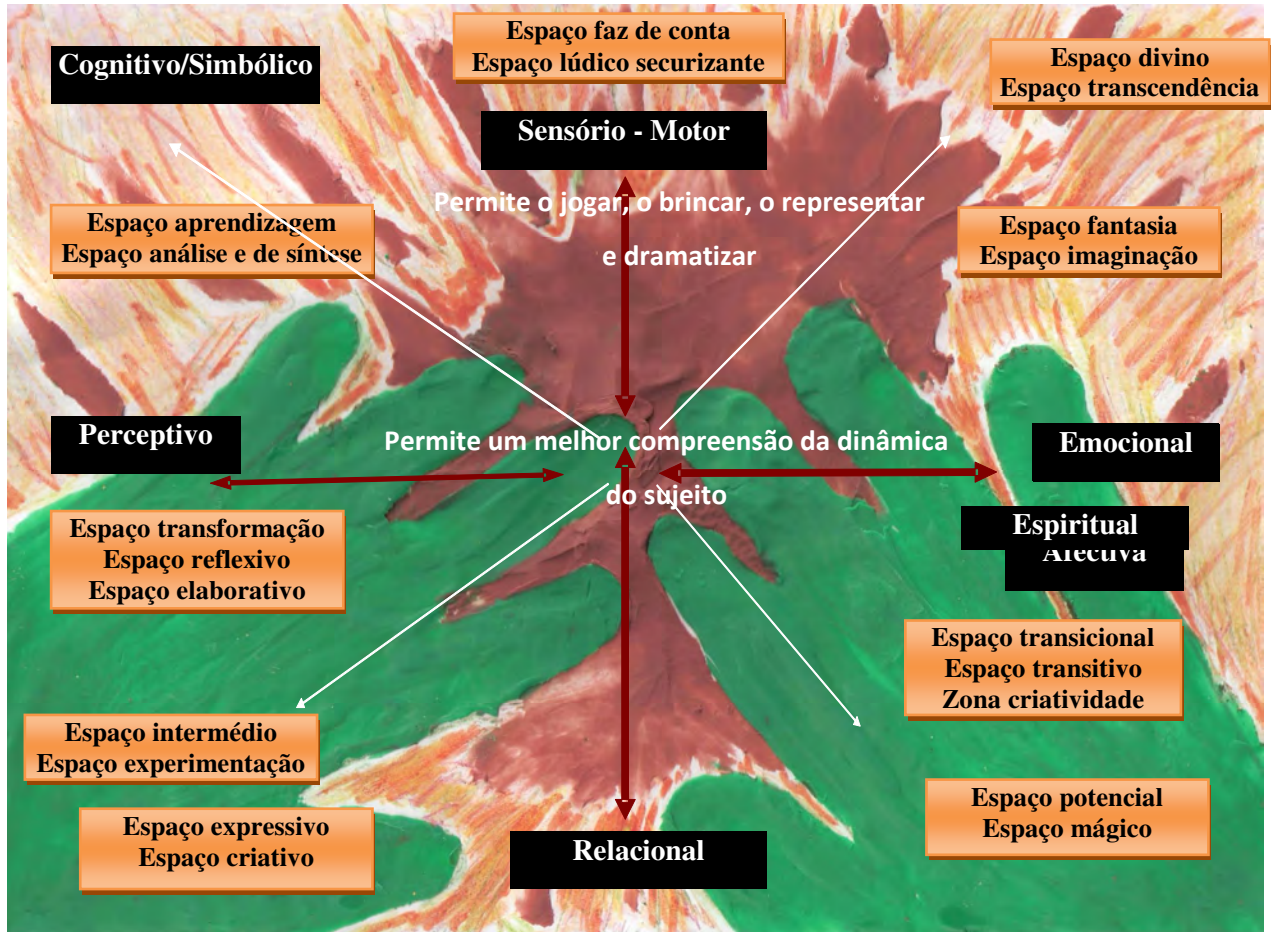


Figura 14. – Vantagens psico-educacionais da utilização do barro
Técnica mista (Barro, plasticina e desenho)

Não podemos deixar de referir a componente cognitiva, já que ao utilizarmos o barro e ao darmos forma a algo amorfo e disforme, ao dar vida e forma, na transformação da matéria, estamos a mobilizar o cérebro, para criar e re-criar. O sujeito incorpora o objecto às suas estruturas internas ao tocar e amassar o barro e modifica-as com as novas situações, ao atribuir à matéria - barro novas significações, novas formas, moldando o barro de acordo com as suas expectativas, desejos e vontades, por processos de assimilação e acomodação. Através da manipulação do barro, acedemos a um campo experimental de emoções, pensamos através do barro, fazemos associações e travamos um diálogo interno e profundo, que muitas das vezes nos levam para o mundo da fantasia e da imaginação.

Sabemos hoje em dia, que o cérebro humano possui dois hemisférios ligados pelo corpo calosso, cada um com funções diferenciadas entre si. É por demais reconhecido, que o processo lúdico, o brincar, envolve especificamente o hemisfério direito do cérebro. Podemos visualizar as principais diferenças, de uma forma simplificada, entre os dois hemisférios, no esquema abaixo indicado, tendo sempre em atenção que nenhum é melhor que o outro, que nenhum se sobrepõem ao outro, não têm um funcionamento autónomo, já que funcionam os dois de forma coordenada, pois são complementares.

Hemisfério Esquerdo Pensamento Convergente Vertical Inova	Hemisfério Direito Pensamento Divergente Paralelo Inventa
✚ Organizado, Racional	✚ Intuitivo, não racional, criativo
✚ Ligado pensamento lógico e matemático	✚ Linguagem espacial, pictórica
✚ Ponto a ponto, sem curvas	✚ Emocional, imaginativo
✚ Objectivo	✚ Subjectivo
✚ Lado científico, cartesiano	✚ Espontâneo, flexível
✚ Estruturado	✚ Visão de conjunto
✚ Teórico	✚ Experimental
✚ Parte verbal: palavras, letras, n°s,códigos	✚ Não verbal: conceptual, ritmos, melodias
✚ Linguagem técnica	✚ Linguagem artística, poética, metafórica
✚ Formal	✚ Informal
✚ Analítico	✚ Integrador
✚ Sistemático	✚ Global - Holístico
✚ Ligação com a consciência	✚ Pouca ligação à consciência
✚ Preto e branco	✚ Cores, imagens
✚ Controla o lado direito do corpo	✚ Controla o lado esquerdo do corpo

Figura 15. – Principais diferenças entre hemisfério esquerdo e direito

O cérebro funciona como uma totalidade, contudo podemos afirmar que a actividade de trabalhar o barro estimula a actividade do hemisfério direito do cérebro, libertando o sujeito do controlo racional do hemisfério esquerdo e promove as capacidades criativas para compreender, enriquecer e construir o conhecimento, embora active o hemisfério esquerdo com a a responsabilidade de efectuar a avaliação do processo mental criativo, transformando com critério as ideias criativas em inovações.

Actualmente a argila tem sido conotada com várias funções, tais como:

- Terapêutica - pode ser aplicada em vários tratamentos medicinais, graças ao seu poder refrescante, descongestionante, purificador, cicatrizante, absorvente e até

mesmo calmante,

- Educativa e pedagógica - pode ser utilizada em contexto educativo permitindo desenvolver várias habilidades, competências e conhecimentos, até desenvolver outras capacidades tais como a percepção espacial e a percepção estética, assim como aspectos sensório-motores, afectivos, cognitivos, entre muitas outros,
- Psicoterapêutica - a utilização da argila, o seu manuseamento além de propiciar momentos lúdicos de grande prazer contribui, quando inserida numa relação psicoterapêutica, para facilitar a verbalização de sentimentos e emoções difíceis de verbalizar, facilitando o vínculo terapeuta/paciente ao mesmo tempo que contribui para o aumento da auto-estima, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, interpessoal e neuropsicomotor,
- Religiosa – ligação com o divino, com Deus, ser superior
- Espiritual, conexão com o campo transcendente, mágico,
Simbólica, histórica, social, cultural, etnográfica, científica - Acompanha a evolução do Homem, desde a origem do mundo, fazendo parte integrante da sua evolução e da sua cultura, sendo um elemento essencial na constituição do Planeta em que habitamos.
- Artística, animação, recreativa,...

A argila remete-nos para a nossa ancestralidade, para a natureza à qual pertencemos e quando nos encontramos com ela, estabelecemos este elo que possibilita sentirmo-nos conectados a um todo (Pirondi, 2008). Trata-se de um material primitivo, já que está em união com a terra.

CAPÍTULO IV – ESTUDO EMPÍRICO “BARRO: EXPRESSÃO DO CORPO E DA ALMA”

4.1. Objectivo da investigação

O objectivo deste trabalho é perceber de que forma o material argila, funciona como um veículo de auto-conhecimento, de criatividade e expressão. Esta investigação assenta nas múltiplas potencialidades do mediador barro.

4.2. Metodologia

“As opções metodológicas não se impõem, apenas moldam um projecto de investigação. Caberá ao investigador a liberdade e a responsabilidade das decisões a tomar”

Almeida & Freire (1997:15)

Na metodologia de investigação utilizada neste trabalho, não se pode separar três grandes áreas: a primeira tem a ver com a delimitação, a definição do tema investigado, numa segunda área é descrita a recolha da informação, tendo sido efectuada uma revisão bibliográfica da literatura relevante sobre este tema, conjugada com a experiência de mais de dez anos de prática profissional. A terceira grande área, tem a ver com a investigação no terreno, aí foi efectuada o estudo empírico, ou a experiência vivencial como anteriormente foi chamada, de onde se retiraram os dados que permitiram efectuar a análise e posterior estudo.

4.2.1. Tipo de pesquisa

Para estudar de que forma o barro serve como um veículo que promove o conhecimento, a criatividade e a expressão, foi efectuada uma pesquisa qualitativa - interpretativa de análise. Tem por base três grandes princípios da fenomenologia: 1) primazia da experiência subjectiva como fonte de conhecimento; 2) estudo dos fenómenos a partir da perspectiva do outro ou respeitando os seus pontos de referência; 3) o interesse em conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também acabam por construir interactivamente. Esta modalidade de investigação científica, dirige-se à compreensão e descrição dos fenómenos, neste caso

tendo em conta as múltiplas especificidades, significações do fenómeno a estudar - o barro.

Outro aspecto comum às metodologias qualitativas, é a busca da globalidade e da tentativa de compreensão dos fenómenos, com um enfoque de análise de cariz indutivo, holístico e ideográfico, ou dito por outras palavras estuda-se a realidade sem a fragmentar e sem a descontextualizar, ao mesmo tempo que se parte sobretudo dos próprios dados e não de teorias prévias, para os compreender ou explicar, situando-se mais nas particularidades que na obtenção de leis gerais (Almeida & Freire, 1997).

4.2.2. Participantes

Este estudo foi efectuado em dois grupos, um constituído por cerca de vinte pessoas, de ambos os sexos com idades variadas, que participaram num Workshop realizado na FIARTE 2011, Feira Internacional de Artes Plásticas realizada em Coimbra e o outro grupo é constituído por quatorze alunas da Pós Graduação em Técnicas e Metodologias Expressivas, realizado no ISLA-Lisboa, no qual ministrou o módulo de Expressão Plástica.

4.2.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados para esta pesquisa foram:

- a) Expressive Therapies Continuum – ECT (Kagin e Lusebrink, 1978)
- b) Versões de Sentido – VS (Amatuzzi, 2001)
- c) Argila

Continuum das Terapias Expressivas – ECT (Kagin e Lusebrink, 1978)

Consiste em quatro níveis que representam quatro modalidades de interacção com os materiais e que teoricamente reflectem os diferentes modos da expressão humana. Os níveis são: Cinestésico/Sensorial (K/S), Perceptivo/Afectivo, (P/A), Cognitivo /Simbólico (C/Sb) e o Criativo, que pode estar presente em qualquer um dos níveis anteriores e pode envolver a síntese de todos os outros níveis. Cada nível tem a sua leitura e representatividade: o nível Cinestésico está ligado aos

movimentos motores, às acções e aos gestos; o nível Sensorial relaciona-se com a exploração de materiais tácteis, as sensações; o nível Perceptivo envolve a descrição dos elementos formais presentes numa expressão visual, tais como formas, cores, linhas, tem a ver com a observação dos objectos, o ambiente e as pessoas; o nível Afectivo está ligado aos sentimentos e emoções. O nível Cognitivo /Simbólico é caracterizado essencialmente pelo uso da linguagem associada ao símbolo e por fim o nível criativo que está sempre presente e que se reflecte no diálogo activo mantido entre o material e o seu autor.

Segundo Allessandrini (2004), este Continuum trata-se dum modelo conceptual utilizado em terapias expressivas, baseado nos estudos de Piaget e Inhelder sobre o desenvolvimento das representações imagéticas. Pressupõe continuidade na evolução das acções, propõe uma sequência expressiva que reflecte os diferentes estágios do desenvolvimento humano.

Versões de Sentido – VS (Amatuzzi, 1996).

Trata-se de um instrumento metodológico para pesquisas qualitativas, que pode ser utilizado na formação, supervisão e na pesquisa, sob a forma de um relato livre, realçando a importância dada ao vivido na pesquisa fenomenológica.

Amatuzzi, (1996), define assim VS:

“Um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registo objectivo do que aconteceu, mas sim de ser uma reacção viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido, e como uma palavra primeiro. Consiste numa fala expressiva da experiência imediata de seu autor, face a um encontro recém-terminado”.

Nas palavras deste autor, retrata essencialmente o presente, já que somente o que faz e o que não faz sentido aos participantes na pesquisa é relatado, o experienciado. Um registo mecânico não o consegue captar, já que só contem o passado. O sentido vivo só poderá ser uma versão actualizada no presente, do sentido vivido. Tudo o resto será memória ou esquecimento. Trata-se de uma versão de sentido vivido num encontro, através do sentir vivido logo depois. Tem por base o método fenomenológico e

fundamenta-se na fenomenologia da linguagem de Maurice Merleau-Ponty³⁰ (1908-1961) e Martin Buber³¹ (1878-1965).

Amatuzzi (1989,p.25, citado por Vercelli, 2006), salienta que:

“ Deve-se distinguir uma fala autêntica dita pela primeira vez de uma expressão segunda, isto é, uma fala sobre falas, de que é constituída a linguagem empírica ordinária. Só a primeira é idêntica ao pensamento. A expressão segunda é a que ocorre quando a pessoa fala aquilo que já pensou falar, ou seja, aquilo que já preparou anteriormente. Nesse caso a fala não é nova. A pessoa relata pensamentos que já teve e não os que está tendo no acto de falar (...) o vivido é uma resposta interna rápida frente aquilo que nos acontece, antes mesmo que possamos reflectir ou elaborar ideias.”

Para este autor e tendo por base as ideias defendidas por Merleau-Ponty, a fala autêntica é o pensamento em acto, pois nela o pensamento está se fazendo no acto de falar e não apenas se traduzindo externamente. Neste caso falar é pensar.

Para consolidar o trabalho efectuado nesta pesquisa, foram retiradas várias fotografias, que além de documentarem o trabalho efectuado, representam o instantâneo do vivido, pelos diversos participantes.

4.2.4. Procedimentos metodológicos

O primeiro passo para a realização deste trabalho, foi a pesquisa sobre o(s) instrumento(s) de avaliação que poderiam responder ao tema da investigação. Posteriormente e após a escolha dos instrumentos, foram realizados dois workshops vivenciais, para desenvolver o estudo empírico - “*Barro: expressão do corpo e da alma*”. Foi solicitada autorização verbal, aos participantes para recolha de fotografias e posterior utilização do material recolhido para elaboração do presente trabalho. Todos os participantes deram a sua concordância.

³⁰ Para o filósofo francês, a percepção implica a significação do percebido, e perceber não é lembrar-se. A linguagem é, antes de tudo, fala. Distingue a fala autêntica, original e a fala falada. A fala falada, é a camada irreflectida da linguagem que já é reflexão, constituindo um produto do meio cultural. Logo, é preciso retornarmos à fala como consciência originária linguística, como a pura expressão do Ser Bruto.

³¹ Concebe o homem como um ser relacional. Importância da utilização da palavra, o diálogo. Para se confirmar como pessoa, o homem precisa relacionar-se com o outro por meio da linguagem.

Tendo em atenção ao tipo de pesquisa efectuada, o pesquisador esteve inserido em todo o trabalho desenvolvido, no papel de organizador, facilitador e conseqüentemente avaliador do mesmo. De uma forma geral, as actividades foram planeadas e executadas segundo uma sequência básica estruturante:

Descrição dos Workshops:

- a) Preparação do espaço e dos materiais
- b) Introdução (Aquecimento)
- c) Intervenção/Focalização (Expressão – Catarse)
- d) Partilha dos trabalhos (Assimilação/Acomodação)
- e) Representação/dramatização/encenação (Expressão Integrada)
- f) Términos (Encerramento/ritual despedida)

a) Preparação do espaço e dos materiais

A primeira tarefa, foi organizar o espaço, em função dos objectivos a trabalhar. É necessário assegurar determinados factores de forma a que as actividades e todo o plano de sessão decorra dentro da normalidade e sem sobressaltos (Anexo XXX – Actividades realizadas no Workshop).

O espaço deve ser organizado em face a determinadas regras específicas, tais como: espaço claro e iluminado, luz natural, arejado e isolado de forma a evitar a exposição a grandes ruídos e sons do exterior e permitir que as pessoas se sintam seguras e em privacidade, por exemplo para poderem fazer barulho à vontade.

O próprio mobiliário e a existência de objectos e materiais deverão ser acautelados, pois poderão ser factor de dispersão e de curiosidade dos participantes. O espaço deverá ser suficientemente amplo, de forma a se poder trabalhar no chão, assim como permitir assegurar manter o contacto visual com todos os participantes, assegurando que estes possam ter total descontração e liberdade de movimentos, contudo não deverá ser tão grande que não permita a contenção dos participantes. As medidas estarão sempre condicionadas atendendo ao número de participantes, condições dos participantes (físico e mental) e natureza dos exercícios a executar.

Deverá existir água próximo, para se assegurar a limpeza dos participantes e do demais material. O ambiente deve ser calmo e sossegado, assegurando total protecção em relação ao exterior, evitando que os participantes sejam interrompidos, assim como deve assegurar que a tríade: participantes, criações e facilitador se encontrem protegidos

perante olhares curiosos e indiscretos e até comentários mais desadequados.

De forma geral, pode-se afirmar que os materiais e técnicas expressivas devem ser diversos, atraentes e apelativos, de diferentes cores, formatos, texturas e volumes, devendo existir em número suficiente para poderem ser utilizados, de forma a possibilitarem a estimulação da experimentação, a criatividade e livre expressão, contudo não devem ser excessivos que possam confundir e dispersar os participantes. Além de serem estimulantes devem ser resistentes, duráveis e de boa qualidade. Devemos assegurar um bom estado de utilização, assim como condições de limpeza e segurança (no caso de crianças materiais não tóxicos, cuidado para não serem ingeridos, canhotos, deficiência). Determinados autores, trabalham com espelhos grandes para que os participantes possam visualizar os seus movimentos.

Em relação ao tempo, devemos realçar que cada pessoa tem o seu próprio ritmo, contudo estes devem estar bem definidos e contemplados no plano da sessão. Em termos pessoais, defende-se que o melhor tempo é sempre aquele que a nossa prática nos ensina e nos indica, já que depende muito das actividades propostas, do tipo de participantes, da sua faixa etária, dos objectivos trabalhados. Uma condição importante é conseguirmos assegurar que o tempo seja igual para todos os participantes. Nos workshops realizados a duração foi de 1h30'.

Um companheiro de longa data, no trabalho expressivo é o leitor de Cds, que contribui para que a sessão seja acompanhada com uma música de suporte, suave que nos tem facilitado em muito o trabalho desenvolvido, induzindo estados mais relaxados e tranquilos nos participantes. Muitas das vezes são os próprios participantes que a solicitam, para se sentirem mais libertos e relaxados.

Como podemos verificar, o Terapeuta Expressivo, deverá preparar e verificar antecipadamente todos os factores atrás referidos, de forma a poder assegurar o bom desempenho da sua actividade. O objectivo ao se fornecer este tipo de informações, não será certamente o de fornecer uma colectânea de receitas, mas sim deixar aqui alguns indicações e recomendações que podem contribuir para melhorar a pesquisa de intervenção.

b) Introdução (Aquecimento/Sensibilização)

Depois dos participantes terem chegado foram colocados em círculo e de forma a quebrar as formalidades iniciais e facilitar a entrada na fase de experimentação, foi-lhes solicitado diversas actividades. Esta fase facilita a construção de um clima de trabalho amigável e de confiança no grupo, ao mesmo tempo que promove a sua desinibição, facilitando a descontração e a integração no grupo. Contribui no descarregar da tensão acumulada e promove a relação entre os diversos participantes, a criação de vínculos e a consequente coesão grupal.

Segundo Ciornai (2004), funciona como um suporte que serve para assegurar o “*chão*”, para que o experimento se possa desenvolver, tendo o objectivo de sensibilizar os participantes para os trabalhos que irão ser efectuados. Ao mesmo tempo permite que os sujeitos tenham desde logo, contacto com o seu mundo interno e desencadeia estado de relaxamento.

Existem diversas técnicas e metodologias expressivas apropriadas para introduzir o conteúdo e fazer com que os participantes do grupo vivenciem subjectivamente aspectos do eixo temático a ser desenvolvido. Começámos inicialmente com jogos de aquecimento – exercícios que visam quebrar o clima inicial, “*gelo*”, aquecer o grupo e o ambiente, facilitando a integração e fomentando uma relação próxima, alegre, descontraída entre todos os elementos participantes e facilitador. Posteriormente introduziram-se jogos de confiança – exercícios que visam aumentar a confiança inter-grupal e o contacto corporal.

c) Intervenção/Focalização (Expressão – Movimento – Acção – Catarse)

Foi apresentada a proposta de trabalho, nesta fase ocorreu a mobilização dos participantes para a acção/expressão mediada. Foi utilizada uma intervenção mista, temática, já que o tema “ *Barro: expressão do corpo e da alma*”, foi proposto pelo facilitador e semi-dirigida porque as indicações fornecidas não eram muito directas e fechadas e proporcionaram aos participantes liberdade total para criarem e assim se expressarem, de acordo com as suas vontades e interesses.

Os participantes foram distribuídos e sentados frente a frente, em pares, e fez-se um jogo de expressão corporal, onde foram convidados a observar, conhecer, tocar e explorar livremente, as mãos do outro, a textura da pele: macia, áspera, as unhas, as

linhas das mãos: fracas, vincadas, as formas dos dedos³², a rigidez, as rugosidades, deformações, sinais, as veias, os dedos: longos, finos, pequenos, as articulações e demais informação das extremidades dos membros superiores dos seus pares. De seguida, foram introduzidas as digitintas e como num bailado, os participantes exploraram as mãos dos companheiros sujas de tinta e foram expressando-se em folhas de papel A/4. Ao mesmo tempo foi colocado uma folha de papel cenário na parede, onde aí foram colocando a sua impressão, a marca da sua identidade.

Após uma limpeza rápida das mãos, os participantes foram convidados a escrever a “*história das suas mãos*”, onde o principal objectivo era descrever livremente e rapidamente sem qualquer regra, tipo escrita automática e criativa, como vivenciaram este diálogo com o outro. Não era necessário terem preocupações com a entoação, as vírgulas ou a construção frásica. O importante era criarem. Desta forma estávamos a integrar outro mediador expressivo, a escrita, para estimular a fantasia, a imaginação e a criatividade. Possibilitou abrir novas janelas de conhecimento e desenvolvimento.

Estávamos assim a conduzi-los numa viagem que os levaria ao barro, à terra. Nesta segunda fase da expressão, foi-lhes apresentado o barro, i.e. foi-lhes colocado um pedaço à sua frente e foram convidados a mexer no barro, a tocar neste e a manter com ele uma relação próxima, à medida que o facilitador os ia conduzindo. Tratou-se da exploração do barro através dos sentidos (tacto, olfacto, audição e visão). Uns fecharam os olhos, a grande maioria conseguiu abstrair-se do real e encontrou-se consigo mesmo nesta viagem de descoberta e exploração. Poucos deixaram-se ficar de olhos abertos. Posteriormente foram convidados a fazer algumas actividades de modelagem.

“Coloquem as vossas mãos no barro e lentamente entrem em contacto com o material, estabeleçam com ele um diálogo interno, ao mesmo tempo que devem estar atentos ao despertar das várias sensações, aos sentimentos/emoções, à experiência sensorial e visceral que despoleta. Sintam-no, toquem-no como algo mágico, sintam a atracção que ele exerce nas vossas mãos, a energia passa do barro para as vossas mãos. Concentrem toda a vossa atenção nas vossas mãos, sintam os vossos dedos, que se movimentam no

³² Interessante a quantidade de vezes que nos deparamos que quer sejam adultos e/ou crianças por vezes muitos deles, senão a maioria, não sabe o nome como são chamados os dedos.

barro, eles captam as diferentes sensações. Deixem-nos a ser eles a conduzir-vos. Sintam o material, sem pressas, através de movimentos lentos e profundos.

Ao v/ próprio ritmo e se assim o quiserem, podem fechar os olhos e sentir o barro e as sensações que despoleta em vós. Trata-se da terra, sintam a sua textura: áspero, rugosa? Macia, mole? A temperatura: é fria? Quente? Qual o seu estado: seco, molhado? Passem o barro entre os dedos. Sintam as mãos empapadas, apertem o barro, passem-no pelas mãos, segurem-no. Qual o seu peso: é leve, pesado? Qual será a sua cor? Sentem-na? E o seu cheiro? Sentem-no? Agora podem dar-lhe pequenas festas, alisem-no (...). Em que pensam? O que sentem?

Peço-lhes que imaginem uma peça, um objecto, uma forma, que a visualizem mentalmente, e com a ajuda das v/mãos podem começar a criá-la, mantendo os olhos fechados. (...) Lentamente, e ao v/ próprio ritmo, ... vamos restabelecer o contacto com o “aqui e agora”, e podem começar a abrir os olhos, e tomar contacto com a matéria. Podem continuar e completar a imagem (...).”

A experiência que advem da prática profissional de vários anos, na realização de trabalhos expressivos com crianças, jovens e adultos, tem-nos ensinado que o melhor conselho é ao mesmo tempo que damos as indicações, fazermos também os exercícios. Desta forma vivenciamos todos em conjunto, sem pressas, evitando atropelos e respeitando e assegurando os tempos.

Entendemos que devemos começar sempre pela aproximação e reconhecimento do material, para posteriormente e gradualmente introduzirmos exercícios que apelem à construção. Segundo Pain & Jarreau (1996), a primeira experiência com o barro é rica em ensinamentos, traz à superfície as experiências emocionais. É através do calor das mãos que se aquece e ilumina a massa fria que se modela e dá forma, nesse convite de profundidade num mundo interno que quer se expressar.

Nas palavras de Chiesa (2004), devemos travar um diálogo interno com o barro, em primeiro lugar, através do seu contacto e reconhecimento e só depois descrever as sensações. Este primeiro contacto tem como objectivo despertar as sensações, as emoções e as imagens que se encontravam adormecidas.

d) Partilha dos trabalhos (Assimilação/Acomodação)

Após a expressão/criação é fundamental que haja um espaço de tempo para que os participantes partilhem e socializem as impressões, emoções, sentimentos, descobertas e dificuldades despoletadas, no “aqui e agora”. Trata-se de um espaço de partilha e reflexão de opiniões, onde se apontam os aspectos mais relevantes, fazendo as devidas pontes entre os aspectos internos despoletados e as relações com o conteúdo

proposto. Nesta fase o facilitador opta por uma atitude e postura reflexiva silenciosa, postura próxima, que caso sinta necessidade de ajudar qualquer sub-grupo a desbloquear ele aí estará, contudo evitará sempre emitir qualquer tipo de juízo de valor ou fazer qualquer interpretação, já que o espaço é para os participantes expressarem as suas vivências pessoais, não passíveis de julgamento. Os participantes foram informados que deveriam promover uma investigação fenomenológica da vivência, destituída de qualquer comentário crítico quanto ao que foi criado, juízo de valor e interpretação.

e) Representação/dramatização/encenação (Expressão Integrada)

Nesta fase foi solicitado aos diversos elementos, que constituíssem dois grupos, que reunissem todos os trabalhos criados e que construíssem uma pequena história, dramatizada onde todos fossem realizadores, intérpretes e actores da mesma, para posteriormente a poderem apresentar ao grande grupo. Os participantes estavam assim, a passar os conteúdos já criados para uma outra forma de linguagem.

f) Términos (Encerramento/ritual despedida)

Antes de terminarmos a sessão foi aberto espaço para todos os participantes se reunirem e em grande grupo apresentarem os seus trabalhos e fazerem os seus comentários. Este espaço teve a dupla função: por um lado serviu para se efectuar a reflexão final da sessão (facilitador, participantes e criações) e por outro funcionou como o espelhamento do que foi efectuado, experienciado, vivido e sentido. Nesta fase foi pedido aos participantes que escrevessem livremente num pedaço de papel, o que vivenciaram, referindo-se a três aspectos positivos e três negativos. Posteriormente esses papéis foram recolhidos e colocados no centro do grupo e os participantes leram-nos em voz alto.

Porque é importante a forma como terminamos a sessão e nos despedimos do outro, torna-se necessário nesta fase final, incentivar e estimular a criação dum espaço final, que funcione como uma dinâmica de encerramento do grupo. Funcionará como um momento de pertença de todos os elementos do grupo e servirá para encerrarmos a sessão e nos despedirmos de todos e do trabalho que advém da relação vivida por todos e com todos. Ao mesmo tempo facilita reforçar os vínculos e a relação entre todos os participantes do grupo e o facilitador e permite aumentar a confiança e a coesão grupal.

4.3. Resultados

Nesta fase da pesquisa apresentam-se as fotografias retiradas dos trabalhos expressos sua sequência e principais comentários efectuados.

Pós Graduação em Técnicas e Metodologias Expressivas

Local: ISLA – Lisboa

Disciplina – Expressão Plástica

Data – 28 Janeiro de 2010

Workshop – “Barro: espelho do corpo e da alma”

Workshop I



Figuras 16. e 17. – Matéria-prima: barro utilizado para trabalho



Figura 18. – Partilha a dois sobre o trabalho efectuado



Figuras 19. e 20. – Contacto, percepção, sensação, expressão e emoção



Em relação às actividades propostas, começámos por actividades mais simples e posteriormente foram introduzidas as mais complexas (que exigem maior complexidade técnica). É normal que os participantes, no início de qualquer actividade pela primeira vez, ao se confrontarem com os materiais, com a sua falta de confiança e desconhecimento, demonstrem alguma resistência em relação ao mesmo, podendo por vezes alguns até comentar, que não sabem pintar, dançar, cantar e que isso são actividades infantis que faziam na escola. Nestas duas sessões não se assistiu a nenhum desses comentários, talvez muito devido à natureza dos participantes. As primeiras actividades tinham o objectivo de propiciar um clima de experimentação prazerosa e lúdica, sem exigir qualquer preparo artístico e técnico.



Figura 21. – Marcas de passagem e de identidade

Durante toda a sessão, o facilitador esteve atento na observação constante dos participantes, já que cada um é diferente do outro, cada um tem ritmos diferentes de aprendizagem e necessita de um tempo diferente do outro para experienciar cada actividade.



Figura 22. – Mural de identidade



Figura 23. – Trabalho “História das minhas mãos”

Descreve-se agora, alguns relatos dos participantes na actividade “História das minhas mãos”. (Anexo 4)

Começamos por uma imagem:

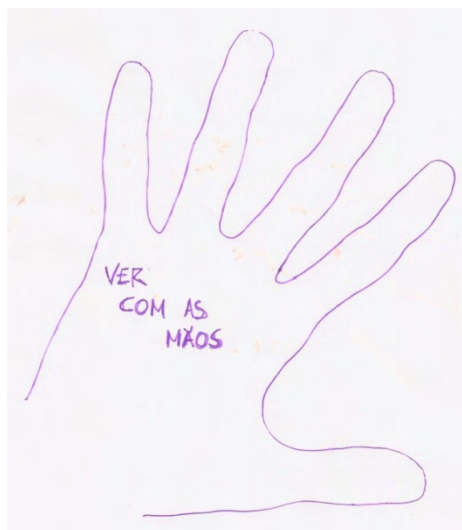


Figura 24. – Trabalho “História das minhas mãos”

“A história das minhas mãos ...

Achava as minhas mãos muito rugosas e estragadas pelas lixas, madeiras e tintas – mas para minha surpresa, a minha parceira sossegou a minha ansiedade e achou as minhas mãos doces e macias! Foi bom de ouvir!”

“ Com as minhas mãos nas tuas sinto-me a levejar... sou transportada para todas as minhas vivências e vivo ... e sinto ... sem remorsos, sem culpa, ou vergonha... Limito-me a sentir. Sentir com a alma. Sentir com amor. Amizade. Paixão. Sentir que estou viva. Que sou livre. Que tenho valores. Que tenho amor... Com as minhas mãos nas tuas ... são simplesmente eu! Com as minhas mãos nas tuas ... somos simplesmente nós!”

“Estava eu no meu canto, no meu momento, na minha satisfação, no prazer de vivenciar quando de repente um estranho toca em mim. Aí veio o desconforto, a angústia e o pouco à vontade de o outro tocar e sentir as minhas mãos. A sensação estranha de permitir que o outro me tocasse, me sentisse instalou-se em mim. É estranho deixar alguém “entrar” em nós, conhecer, sentir o que somos nós. É tão fácil e ao mesmo tempo difícil deixar que nos conheçam e que façam parte de nós”.

“ “Barro /Terra Mãe”

*“ As minhas mãos
tal qual dois irmãos
partilharam afagos*

*carícias
de olhos fechados
de olhos fechados
deram sevícias
à terra/barro
amassado e bravo
na humidade das entranhas
na humidade das entranhas
de tais artes tamanhas.
do barro/ terra mãe.*

*“História das Minhas mãos
Tocar, sentir
Fluir sentimentos
Partilhar calor
Amizade e confiança
Criar, criar
A arte do Amor!”*

*“As minhas Mãos
Pela 1ª vez na minha vida dei uma utilidade diferente às minhas mãos, com elas
tenho criado muita coisa; com elas ganho o meu sustento e da minha família,
com elas rezei, e também me serviram de amparo, quer para rir, quer para
chorar. “Com elas amei, e com elas, com as minhas mãos, amaprei, edifiquei e
ajudei a crescer os meus filhos. Com as minhas mãos fiz uma vida.
Mas hoje pela 1ª vez peguei nas mãos de alguém que não conhecia, e com elas
vivi momentos bonitos de entrega, de ajuda, de companheirismo. Gostei das tuas
mãos, colega.*

*“Sem elas
Nada faço,
Com elas tudo sinto e tenho
Abraço, sinto e faço,
Toco imagino, realizo.*

*“As minhas mãos sentiram:
macio
fresco
rugoso
seco
molhado
quente
pegagoso
escorregadio”*

“ As minhas mãos tocaram umas mãos duma menina que podia serem as da minha filha.

Molhadas são (?)

Sujas são caminho e resgistão o que se passa por elas.

Minhas mãos são o que a minha vida permite e consegue no momento

Ai quanto se parte a minha mão!”

“Hoje foi o dia em que as minhas mãos tiveram a sua hora de “terapia” ou lazer... elas gostaram... Sentiram-se acarinhadas e retribuíram com ternura o toque... - partir de hoje não serão as mesmas pois adquiram a acrescentar a muitas outras uma nova experiência além de toda a envolvência a que o momento nos transporta... muito positivo e relaxante as minhas mãos agradecem a oportunidade às mãos da minha companheira de mãos...”

“As minhas mãos nasceram

Viveram outras sensações

Esqueci tudo

Para trás ficou tudo aquilo

Que não acabei

Mas que nunca comecei

Mesmo assim foi bom

Conhecer estas outras mãos.”

“ As minhas mãos tímidas foram à descoberta. Finalmente as mãos são iguais e tão diferentes... As mãos poderosas, sensíveis. As mãos são fabulosas !!!”

“ As minhas mãos sentem. O que está em mim, o que está em ti. As minhas mãos recebem. O que existe em ti, o que existe no mundo...no mundo de tantas mãos. As minhas mãos dão, o que de melhor têm, guiadas pelas pontas dos dedos que procuram a tua mão. As minhas mãos dão-se a outras mãos. Nas minhas mãos há dor, nos meus dedos há Amor, nas minhas unhas há rancor, na minhas palmas o colo que embala o senhor...

Se as minhas mãos te/se/me/nos/vos/lhes tocam, ou minhas mãos vivem e dançam e vida. As minhas mãos pensam e existem.”



Figura 25. – Exploração do barro



Figura 26. – Criação no Barro



Figuras 27. e 28. – Criação no Barro



Figura 29. – Criação no Barro



Figura 30. – Criação no Barro



Figura 31. – Fase de partilha e reflexão final

Feira Internacional Artes Plásticas, FIARTE 2011

Local – Coimbra

Data – 09 de Abril de 2011

Workshop – “Barro: espelho do corpo e da alma”

Workshop II



Figura 32. – Dinâmica de abertura



Figura 33. – Dinâmica de aquecimento corporal



Figura 34. – Conhecimento e descoberta através do toque



Figura 35. – A alegria, a emoção da cor – sensações palpitantes

*NO jogo da mão
Baseado na sensação
Percorri meu pressa
Os deditos da Vanessa ;)*



Figura 36. – As mãos e a tinta: exploração e emoção



Figura 37. – O livro de presença



Figura 38. – O trabalho no barro



Figura 39. – Construção de história



Figura 40. – Representação da história



Figura 41. – Leitura de VS e dinâmica de despedida

4.3.1. Avaliação a partir da percepção dos criadores/participantes

“A percepção de si mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana.”

(Ostrower, 1987:10)

A avaliação efectuada a partir da VS e dos demais comentários efectuados pelos participantes foi muito criativa, como se pode verificar através da tabela 4.

A palavra “*criatividade*” foi aquela que apresenta maior incidência, cinco vezes repetida, sendo também associada a termos como “*diferente, descoberta, imaginação, espontaneidade, liberdade, energia, experiência*”. O aspecto lúdico e prazeroso das actividades efectuadas também está directamente referido através de termos tais como: “*espectacular, divertido, sensacional, gostei das esculturas, das histórias, muito agradável, interessante, riso e descontração*”. Em relação ao barro, foram descritas várias palavras que têm a ver com as suas características, desde o seu cheiro, textura, temperatura: “*quente, sentir o barro, tê-lo nas unhas*”. Em relação a aspectos que advêm da relação, surgem termos tais como: “*entrega, união, contacto, socialização, interacção, cooperação, aliança, toque entre todos, toque interpessoal, partilha, companhia, trocar ideias, união e entrega*”. O “*carinho, a paz e a amizade*” também foram termos descritos. No reverso da medalha, nos aspectos negativos, desde o

“*desconforto físico, sentar no chão, até ao barulho, calor*”, o abafado que se fez sentir na sala, passando pelo “*sujo, estranho, nervosismo, tintas nas mãos, pouco jeito, pouca criatividade, pouco tempo*”, foram termos utilizados. Assim como o “*calor*” foi a palavra mais repetida, quatro vezes, a referência a que “*não houve nada de mal*” também foi descrita o mesmo número de vezes.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
a) Ver com as mãos, b) Barro nas unhas; c) O cheiro do barro	a) Não fazer o que se imagina; b) O barro partir
a) Diferente; b) Criativo; c) Imaginativo	a) Longo; b) Sujo; c) Cansativo
a) Criatividade; b) Partilha; c) Cooperação	a) Pouco espaço; b) Barulho
a) Espectacular; b) Divertido; c) Sensacional	a) Não houve nada de mal
a) Contacto; b) Criação, c) Interação	a) Calor; b) Afafo
a) Histórias; b) Muito bom; c) Aliança	a) Tudo bem
a) Interação; b) Toque entre todos; c) Descontracção	a) Estranho
a) Paz; b) União; c) Criatividade	a) Tristeza; b) Saudade
a) Gostei das Histórias; b) Trabalhar com barro	-----
a) Diferente; b) Divertido; c) Liberdade	a) Gostei de tudo
a) Toque interpessoal; b) Textura do barro; c) Prazer	a) Tinta nas mãos; b) Sentar no chão; c) Não ter jeito para moldar o barro
a) Espontaneidade; b) Liberdade; c) Confiança	a) Nervosismo; b) Estranheza; c) Medo
a) Partilha; b) Sentimentos; c) Entrega	a) Calor; b) Falta de concentração; c) Ruídos do exterior
a) Energia; b) Sensualidade;	a) Tremura; b) Ansiedade
a) Divertido; b) Original; c) União	a) Calor; b) Espaço
a) Do gato	a) Da selva
a) Experiência; b) Socialização; c) Liberdade	a) Pouco tempo; b) Fronteiras; c) Calor
a) Partilha; b) Amizade; c) Carinho	a) Guerra; b) Desunião; c) Ódio (pensei que no mundo era mau)
a) Barro quente; b) Histórias bonitas; c) Esculturas engraçadas	a) Roupa suja; b) Desconforto físico; c) Pouco tempo
a) Diferente; b) Libertador; c) Ajudar a conhecer-nos melhor o outro	a) Eu não ter muita criatividade; b) Não ter música de fundo
a) Senti o barro; b) Criatividade; c) Companhia	a) A posição (difícil para a coluna); b) Mais nada a assinalar
a) Sorrir; b) Trocar ideias; c) Cooperar em silêncio	a) Nada me pareceu negativo
a) Muito agradável; b) Interessante; c) Original	a) Nada negativo
a) Descontracção; b) Descoberta; c) Riso	a) Mãos sujas; b) ?; c) ?

Tabela 4. Versão de Sentido

Ao se solicitar uma VS – versão sentido, aos participantes, foram entregues uns pedaços de papel previamente cortados, nos quais foi solicitado que cada um no final da sessão, escrevesse de forma mais sincera possível três sentimentos, ideias, palavras positivas representativas da vivência tida após a realização da sessão e no verso desse papel, escrevessem três aspectos negativos (Anexo 3.).

Tratou-se do relato da resposta interna rápida, que advém da experiência imediata face ao que foi vivenciado no encontro, antes mesmo que tenham reflectido ou elaborado qualquer conceito. Este facto conduz-nos a perceber os aspectos subjectivos do ser humano que podem facilitar a expressão do (s) processo (s) que os participantes vivenciaram.

Trata-se de anotações que os participantes efectuaram, referindo-se ao momento da sessão ou do encontro que acaba de acontecer, não devendo ser entendido como um simples registo, mas como relato do vivenciado, impregnado de impressões, percepções e sensações acerca da experiência vivida, intercambiada na relação. Desta forma, ficou registado a experiência imediata, dos diversos participantes. A VS, funciona como o sentido que faz sentido. Trata-se dum indicador do sentido do encontro, dos próprios participantes.

4.3.2. Avaliação a partir da percepção do facilitador

A avaliação por parte da perspectiva do pesquisador tem em atenção três olhares: a Versão Sentido, o Continuum das Terapias Expressivas e a percepção pessoal.

A VS, como instrumento metodológico, propiciou a averiguação do processo e a (re) vivência da experiência, permitindo reelaborar novos sentidos. As experiências dos diversos participantes, foram percebidas e significadas, frente ao material utilizado. Neste sentido, a VS revelou-se um elemento mobilizador, ampliando o campo do fenómeno a tratar e possibilitou o desdobramento de sentidos. Só se tornou possível porque o facilitador privilegiou a diferença, através de uma postura criativa e imaginativa. Foi constatado o seu poder de evocação, que nos leva a concordar com o seu autor (Amatuzzi, 1996), quando se refere à VS como um “*registo condensado do*

vivido”, pois além de permitir que os participantes se possam lembrar do ocorrido, as pessoas também podem falar disso de forma viva, como da primeira vez, explicitando detalhes do vivido.

Foi visível através da leitura dos comentários efectuados num simples pedaço de papel, observar os múltiplos estados internos aflorados e facilitados pelos exercícios desenvolvidos com o barro e principalmente com os outros, que resultaram da relação. Ao elaborarmos a dissertação e ao a redigirmos, lemos e relemos mais uma vez os comentários efectuados e partilhamos na íntegra com a ideia de Amatuzzi (1996), a VS é como uma “*espécie de radiografia fenomenológica de um encontro*”. Traz para “*o aqui*”, para o presente, para o actual, aquilo que foi vivenciado anteriormente “*lá.*”, na sessão. Coloca em interacção passado – presente e futuro.

Cada VS é única e diferente de todas as outras, contendo num primeiro momento a versão do autor, para posteriormente num segundo nível, transmitir o sentido da relação vivenciado entre os diversos participantes. Verifica-se que embora cada um tenha a sua versão com um sentido, contudo o relato vivenciado aproxima-as no seu conteúdo, nas significações atribuídas pelos diferentes participantes, assumindo especial relevância através do mediador utilizado e definindo o sentido do diferente, do original do criativo. Através das várias versões de sentido do grupo, podemos aceder a uma síntese mais imediata e rápida dos vários sentidos de expressão, assim como se tornou mais fácil o acesso ao sentir grupal. Trata-se numa excelente ferramenta que serve para ilustrar como as coisas se passam aos olhos do outro, do cliente. Carl Rogers no livro “*Psicoterapia centrada no cliente*”, 1951, já utilizou os relatos livres dos seus clientes para ilustrar o processo terapêutico. Este autor, foi confrontado quando uma cliente ao fim de oito sessões lhe trouxe aquilo que de forma espontânea ia escrevendo, após cada sessão.

Em relação ao Continuum das Terapias Expressivas, o contacto com este material – barro, proporcionou uma experiência táctil como cinestésica, despertando a consciência corporal e proporcionou o convite dos sujeitos à experimentação constante, facilitando a expressão livre e espontânea, desencadeando respostas emocionais que ficaram registadas nas criações efectuadas, como resultado da experiência vivencial de quem as praticou.

Verificou-se que através da manipulação do barro, se facilitou o despertar para os vários níveis: sensorio - motor, perceptivo - afectivo e cognitivo - simbólico, estando o criativo presente em todos eles. Além de serem activados, foram os diversos níveis também, por si só ampliados. Desde a parte sensorial, o tocar no barro despertou inúmeras sensações, que foram aprofundadas devido ao facto de terem fechado os olhos, tornando possível sair dum área mais racional e sob maior controle para uma outra mais abstracta e lúdica, aos movimentos motores efectuados que permitiram a libertação de energia, o estabelecimento de uma relação, passando pela ampliação da percepção, assim como exercitou o pensar favorecendo uma maior consciência de si, até ao estado emocional patente nos diversos participantes que reflectia sentimentos de grande alegria e prazer, no toque, na descoberta. No nível cognitivo, o barro apresenta uma função de estruturação, já que possibilita diversas transformações e renovações, permitindo diversas soluções para os diversos problemas. O sujeito constrói-se a si mesmo. Por sua vez o trabalho, a manipulação com o barro e a relação dialéctica mantida com este, provocou nos participantes o desejo de tocar, explorar, modificar, despertando e facilitando o surgimento de momentos muito criativos e ao mesmo tempo estimulou a fantasia e a imaginação.

Tratando-se o barro de um material vivo e em constante transformação, transforma quem nele toca e também sai transformado, daí afirmarmos que sendo um material muito flexível e maleável, favorece a expressividade e a criatividade, estimulando o imaginário e ampliando o conhecimento. O barro tem assim um poder transformador enorme.

De forma geral, podemos afirmar que as actividades foram efectuadas atendendo a um continuum criativo construtivo e integrado e não como peças soltas para o preenchimento de espaços vazios. Foram colocadas em prática, com objectivos específicos e despertaram grande interesse e prazer por parte de todos os participantes. Inicialmente através do contacto com as tintas nas mãos e dedos sujos, trabalhou-se as impressões tácteis, cinestésicas e a relação, o vínculo. As tintas proporcionaram uma dinâmica de exploração e contacto com o outro, estimulando a coordenação motora e o senso rítmico, facilitando situações de aprendizagem de novas formas e direcções, promovendo o movimento de descoberta. Este exercício despertou a fluidez das emoções e dos sentimentos, o que lhe conferiu um grande valor na expansão da

sensibilidade e dos afectos, ao mesmo tempo que mobilizou os diversos participantes para o trabalho com o barro. As actividades efectuadas com o barro, tema de pesquisa deste trabalho, permitiram verificar a activação de várias dimensões dos participantes, ampliando o conhecimento, permitindo fazer e refazer tudo de novo, tornando-se este material um excelente facilitador expressivo, estimulador da ludicidade e da criatividade. O manuseamento dos materiais com as mãos permitiram aos participantes acederem a uma dimensão lúdica e criativa.

Em relação à postura do Terapeuta Expressivo, criou-se uma atmosfera de apoio, e confiança, caracterizada numa relação próxima e aberta e numa metodologia não directiva e/ou semi-directiva. A criatividade floresceu de forma espontânea e natural, também graças a uma atitude não julgadora, destituída de valores morais e estéticos, tendo sido fornecido todo o apoio emocional. Ao mesmo tempo, o Terapeuta manteve uma postura de observação atenta e directa das atitudes e dos comportamentos verbais e não verbais dos diversos participantes, mantendo-se em sintonia com estes, sem ser intrusivo. Nas palavras de Andrade (2000), o terapeuta não interpreta o trabalho, mas conduz o cliente a ter uma relação lúdica com o material.

O trabalho efectuado pelo Terapeuta pode ser comparado ao trabalho do barro, como terra fértil onde se lançam as sementes que irão germinar ao longo do processo. Para isso é necessário que o terapeuta as rege, cuide delas, as coloque ao sol, para que cresçam e floresçam, ou seja a sua postura será de facilitar que os participantes possam desabrochar todas as suas qualidades e competências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa verificou-se que o contacto com o barro e a exploração do sensorial que desencadeia no indivíduo, fornece muitos elementos de reflexão, já que coloca em acção, mobilizando e activando ao mesmo tempo, diversas dimensões e aspectos do ser humano. A partir dos exercícios criativos realizados com as mãos, mexendo, tocando, amassando o material, permitiu aos diversos participantes travar um diálogo interno, à medida que iam descobrindo as mãos como extensão do seu próprio corpo. O barro proporcionou a percepção dos aspectos de construção e desconstrução de imagens, de fazer e desfazer, o que facilitou a abertura de novos caminhos, novas

soluções, ampliando e fomentando o desenvolvimento de novos conhecimentos e saberes, estimulando a concentração, através da activação de uma dimensão lúdica e pedagógica. Ao mesmo tempo, o barro oferece ao indivíduo que o manipula, aceder a um espaço potencial, espaço transicional de experiência que proporciona alternância entre prazer e desprazer, entre o real e o imaginário, interno e externo, ampliando o verdadeiro espaço criativo. Todo este movimento ocorre num espaço de total liberdade, promovendo um momento revitalizante e energético, estimulador e relaxante, facilitando o descarregamento de tensões interiores, conduzindo a uma sensação de alívio, bem-estar físico e psíquico manifesto.

Ao manipularmos o barro, somos invadidos por uma profunda sensação de paz e de alegria que toma parte de nós, do nosso Ser. Parece como que um retorno aos princípios da vida, a que chamamos de natureza e da qual todos fazemos parte.

O Homem ao tocar, e ao mexer na Terra, ao construir e desconstruir gerando múltiplas possibilidades de recomeçar e remodelar transformando o que for preciso, ao transformar o barro, se renova, se transforma pela acção, pela sensação, pela percepção, pela emoção, pela motivação, pela cognição...num processo dinâmico e evolutivo. Por outras palavras o Homem se transcende...ampliando a sua expressão, dando sentido ao seu próprio sentir, transformando a matéria e transformando-se através das suas mãos transformadoras, crescendo e aprendendo.

Trata-se de um material natural, vivo, orgânico, que sugere a tridimensionalidade da forma, alimenta a fantasia, despertando o imaginário e o simbólico, permitindo múltiplas e infinitas possibilidades criativas de sentido. Ao dar forma e vida onde nada existia, ao transformarmos um pedaço de matéria amorfa, num animal, num objecto ou boneco, obviamente que sentimos o prazer da descoberta, já que nos tornamos seres construtores e criadores, sentimo-nos mágicos, tornamo-nos responsáveis do nosso próprio "*projecto*". O barro sugere sensações reconfortantes de equilíbrio e protecção, facilitando a confiança necessária para podermos assumir riscos e tomarmos decisões, assim como adquirimos a valorização necessária para poder fazer face a todas as contingências e dificuldades que acarreta o facto de estar vivo, tornando-nos menos conformistas e mais flexíveis, participativos e inovadores. Facilmente compreendemos que nós próprios também podemos mudar, fazer parte da vida e sermos

plásticos.

Tem múltiplas utilizações, que vão desde o campo cultural, artístico, educacional, pedagógico, recreativo, ocupacional, terapêutico e até psicoterapêutico, podendo ser utilizado no campo da Educação, da Saúde e nas Organizações. Pode ser utilizado por crianças, jovens, adultos e idosos e desconhecem-se contra-indicações na sua utilização. De uma forma geral, podemos afirmar que a utilização do barro, enquanto mediador expressivo, promove a expressão e comunicação dos afectos, apelando ao imaginário e à fantasia. Pode funcionar como um veículo de auto-conhecimento, criatividade e expressão. As suas potencialidades: plasticidade, flexibilidade, maleabilidade adaptam-se às necessidades mais variadas.

Através de exercícios efectuados com o barro, podemos alcançar determinados objectivos, tais como: auto-expressão, auto-conhecimento, fortalecimento da auto-estima, facilitar a conexão com o mundo interno, descarregar sentimentos e emoções, desenvolver a criatividade, acalmar, aliviando tensões e minimizando angústias e ansiedades, ajuda os deficientes visuais na interacção social e orientação espacial, (Duarte, 1996, citado por Saraiva, 2008).

No trabalhar com barro, não é necessário ser potencial artista, nem revelar qualquer aptidão, nem talento especial, assim como não é necessário grandes conhecimentos técnicos, somente é necessário demonstrar uma disponibilidade muito grande com tudo o que se relacione directamente com o fazer algo de novo; com o criativo e deixar as mãos livres e com elas deixar despertar o espírito criador e acreditarmos no nosso potencial criativo, sem nos preocuparmos com a opinião dos outros, especialmente na tomada de decisões. O instrumento principal são as mãos e a imaginação.

Basta ousar e dar azo à livre actividade imaginativa e criativa. O resto virá depois. Acreditamos que se ampliarmos a nossa capacidade expressiva, ampliamos a nossa forma de estar, de ver e de nos relacionarmos com o mundo, o nosso e o que nos rodeia e desta forma caminhamos para o bem-estar e qualidade de vida que todos nós ambicionamos e procuramos. Defendemos que se ampliarmos a nossa capacidade criativa, pensamos de maneira completamente diferente, mais fértil e mais nova. Maior criatividade conduz a maior flexibilização e diversidade de soluções.

A grande mais-valia desta pesquisa, foi verificar que os participantes foram os principais actores, os intérpretes de toda a experiência, i.e. da acção – investigação. Foi dado especial destaque a este tipo de processo, pois este é construído de forma dupla, pelo pesquisador e pelos agentes envolvidos (participantes activos). Implica um grande envolvimento e uma interacção constante da parte do pesquisador com todos aqueles que estão sendo observados, ou seja; requer uma participação activa, empática e próxima do pesquisador no trabalho da pesquisa.

Desejamos que esta dissertação desperte o interesse para se continuar a investigar sobre esta temática e sobre as suas potencialidades. Poderá ser utilizada a metodologia dos activadores criativos defendida por David Prado, de forma a promover comportamentos criativos, inventivos e imaginativos quee posteriormente poderão ser trabalhados. Esperamos ter contribuído numa melhor compreensão do barro, das suas características e sua significação. Acreditamos que este trabalho não se encontra encerrado, pois existiria muito mais informação a ser recolhida e aqui transcrita, assim como certamente não estaremos isentos de erros, contudo importa referir que a criação e apresentação deste trabalho, nos proporcionou uma enorme alegria e um grande prazer, prazer este que associamos sempre a que nos deixamos tocar pela magia do barro e através das nossas mãos, do nosso próprio corpo, descobrimos a capacidade do material se transformar e renovar, criando novas formas, sofrendo várias metamorfoses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aivanhou, O. M. (1997). *Criação artística e criação espiritual*. Lisboa: Edições Prosveta.
- Allessandrini, C. D. (2004). *Análise microgenética da oficina criativa. Projecto de modelagem em argila*. Coleção Arteterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia da educação*. Coimbra: APPORT – Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Amatuzzi, M. M. (1996): O uso da versão de sentido na formação e pesquisa em psicologia, in: *Coletâneas da Anpepp no. 9, pag. 11-24*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. Consultado em Janeiro 2011, em <http://www.infocien.org/Interface/Colets/v1n09a01.pdf>
- Andrade, L. (2000). *Terapias expressivas: arte-terapia, arte-educação, terapia artística*. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Lda.
- Araújo, A F. & Baptista, F. P. (2003). *Variações sobre o imaginário. Domínios teorizações práticas hermenêuticas*. Instituto Piaget. Pensamento e filosofia. Lisboa: Stória, Editores.
- Bahia, S. (2007). *Psicologia da Criatividade*. Manual de Apoio para a disciplina de Psicologia da Criatividade. Mestrado em Teatro e Comunidade da ESTC/IPL. Consultado em Fevereiro, 2010 em http://www.esd.ipl.pt/znew/pdfs/manuaisdeestudo/psicopedagogia2_psicologiadacriatividade.pdf
- Bahia, S. (2008). Criatividade e universidade entrecruzam-se? *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 07, pp.51-62. Consultado em Fevereiro 2010, em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Bozza, M. G. C. (2001). *Argila: espelho de auto-expressão: um método para manifestação do inconsciente*. Curitiba: Ed. do Autor.
- Bucho, J. L. C. (2009). Arte-Terapia: Criação e transformação. In Ferraz, M. (Org.). *Terapias Expressivas Integradas. Coleção Expressão em Terapia – Vol 1*, (pp.55-93). Lisboa: Tuttirév Editorial.
- Bucho, J. L. C. (2010). Como se aprende desaprendendo. In Ferraz, M. (Coord.). *Educação Expressiva. Um novo paradigma educativo. Coleção Expressão em Terapia – Vol 2*, (pp.23-38). Lisboa: Tuttirév Editorial.
- Cao, M. L. F. & Diez, N. M. (2006). *Arteterapia: Conocimiento interior a través de la expresión artística*. Madrid: Ediciones Tutor, S.A.

- Chavarria, J. (1997). *A cerâmica: A técnica e a arte da cerâmica explicadas de modo mais simples e atraente*. Coleção Artes e Ofícios. Lisboa: Editorial Estampa.
- Chavarria, J. (1999). *Aula de cerâmica: Modelagem*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Chiesa, R. (2004). *O Diálogo com o barro – o encontro com o criativo*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, Ltda.
- Ciornai, S. (2004). *Percursos em arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*. São Paulo: Summus Editorial.
- Costa, J. A. & Melo, A. S. (1985). *Dicionário da Língua Portuguesa, 6ª Edição*. Porto: Porto Editora.
- David, M. (2005). *Léxico de termos e expressões usados em psiquiatria*. Laboratório Wyeth.
- Diez, D. P. (1998). *10 Activadores Creativos*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Fabietti, D.M.C.F. (2004). *Arteterapia e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
- Fernanda Nobre (1993). *Atelier das artes 10/11/12º: Materiais e técnicas de expressão plástica*. Porto: Areal Editores
- Gardner, H. (1995). *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Golemam, D. , Kaufman & Ray, M. (2000). *O espírito criativo*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Gomes, C. F. (1988). *Argilas: o que são e para que servem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gouvea, A.P. (1989). *O uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus Editorial.
- Gouvea, A.P. (1999). *A tridimensionalidade da relação analítica*. São Paulo: Summus Editorial.
- Jung, C. G. (1975). *Memórias, sonhos reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Kagin, S. & Lusebrink, V. B. (1978). The expressive therapies continuum. In *Art Psychotherapy*, 5(4), (pp.171-179).
- Kneller, G.F. (1978). *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: Ibrasa.

Leite, E. & Malpique, M. (1986). *Espaços de criatividade. A criança que fomos/a criança que somos...através da expressão plástica*. Coleção Ser professor.

Porto: Edições Afrontamento

Lexikon, H. (1990). *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Cultrix.

Lowen, A. (1982). *Bioenergética*. São Paulo: Summus Editorial.

Masson, R. (1984). *A saúde pela argila*. Lisboa: Litexa Portugal.

Merleau-Ponty (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins

Fontes.

Montreynand, F. (1991). *Dicionário de citações*. Lisboa: Editora Inquérito.

Morais, M. F. & Bahia, S. (2008). *Criatividade: Conceito, necessidades e intervenção*. Braga: Psiquilíbrios edições.

Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget

Nobre, F. (1993). *Atelier das artes 10/11/12: Materiais e técnicas de expressão plástica*. Porto: Areal Editores.

Oaklander, V. (1989). *Descobrimo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus Editorial.

Ostrower, F. (1987). *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Ostrower, F. (2008). *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Pain, S. & Jarreau, G. (1996). *Teoria e técnica da arte-terapia – a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pirondi, V. E. P. (2008). *O uso do torno em arteterapia: Torno terapêutico*. Monografia de conclusão de curso apresentado ao ISEPE como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Arteterapia. Retirado em 14 de Maio de 2009 da World Wide Web: www.arteterapia.org.br/biblioteca.htm.

Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, N. (1933). *The Creative Connection: Expressive Arts As Healing*.

Rogers, N. (1999). Um caminho para a totalidade: terapia pela arte centrada na pessoa. *A pessoa como centro. Revista de estudos rogerianos (4)*, 31-40.

Santos, J. (1997). *A casa da praia: o psicanalista na escola*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Santos, J. (1998). *Eu agora quero-me ir embora*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Saraiva, S. A. C. D. (2008). *O uso do barro em arteterapia*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao ISEPE como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Arteterapia. Retirado em 14 de Maio de 2009 da World Wide Web: www.arteterapia.org.br/biblioteca.htm.

Silveira, N. (1981). *Imagens do inconsciente*. Brasília: Editora Alhambra Lda.

Silveira, N. (1994). *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Silveira, N. (2006). *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática.

Sousa, F. C. (1998). *A criatividade como disciplina científica*. Santiago de Compostela: Coleção monografias Master de Criatividade, nº 2.

Stern, A. (1974). *A expressão*. Porto: Livraria Civilização Editora.

Vale, G. V., Wilkinson, J. & Amâncio, R. (2008). Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. *RAE- Revista de Administração e Inovação*, São Paulo, v. 5, 73-91. Consultado em Fevereiro 2010 em

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/2051/205114657008.pdf>

Vários (2000). Biblioteca do Educador. Educação pela arte: *Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Vasconcelos, M. C. S. C. (2008). *Caulino: das Origens às Aplicações. Perspectivas para o Século XXI*. Dissertação apresentação à Universidade de Aveiro – Departamento de Geociências para obtenção do grau de Mestre em minerais e Rochas Industriais. Retirado em 14 de Maio de 2009 da World Wide Web: biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2008001722

Vercelli, L. C. A. (2006). Versões de sentido: um instrumento metodológico. *Cadernos de Pós Graduação – educação*. São Paulo, v.5, n 1,p.191-195. Consultado em Janeiro 2011, em

http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs_revistas/cadernos_posgraduacao/cadernos_v5n1edu/cdposv5n1edu_2_16.pdf

Vila & Campanya, M. (2000). *Manual de geoterapia aplicada*. Peru. EsSALUD; Organização Pan-americana de Saúde.

Vygotsky, L. S. (1987). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

ANEXOS

Anexo 1 – Mapa resumo das qualidades do barro

Qualidades da Argila/Barro
Incentiva e amplia a imaginação, o espírito lúdico, criativo e experimental
Mediador não verbal, não racional e não interpretativo
Exerce forte atracção por quem o manuseia, proporciona uma experiência prazerosa
Excelente para trabalhos expressivos, pode ser pintado depois de seco
Proporciona experiência tridimensional, sensorial, táctil, visual e cinestésica
Facilita o sonho e a fantasia, acesso à metáfora, à simbolização
Qualidade: transformação, renovação – agente transformador no desenvolvimento humano
Favorece o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social, num processo de aprendizagem
Desenvolve e amplia capacidades psicomotoras e perceptivas
Promove a integração de grupo, a socialização, aquisição competências
Contém os quatro elementos primordiais e sagrados: terra, ar, água e fogo
Objecto cultural e social, perpetua a memória de um povo
Pode ser utilizado por diferentes populações com diferentes idades em diferentes contextos: educacional, organizacional, pedagógico, recreativo, ocupacional, animação, cultural, social e clínico.
Manuseio simples, não requer qualquer aptidão técnica específica nem qualquer instrumento especial
É barato, fácil acesso, encontra-se disponível em qualquer loja comercial
Qualidades Terapêuticas/Psicoterapêuticas
Pode ser aplicado nas diferentes áreas, clínica, escolar e organizacional, em sujeitos com as mais variadas problemáticas (emocional, comportamental, motora, somática, aprendizagem), em sessões individuais, casal, familiar ou de grupo, em qualquer idade.
Facilita a expressão e sentimentos difíceis de verbalizar (facilita a comunicação e relação)
Objecto intermédio entre sujeito/terapeuta (objecto transicional/espço potencial)
Facilita o vínculo terapêutico
Facilita o relaxamento, a catarse e o descarregar e alívio de tensões
Facilita trabalhar dinâmicas limpo/sujo
Facilita movimentos regressivos – Funciona como contenção da agressividade
Facilita trabalhar aspectos simbólicos: vida, morte, renascimento (Original, autêntica e única)
Pode ser utilizado em diagnóstico e no processo psicoterapêutico
Permite a conservação da obra criada ao longo do tempo
Graças à sua plasticidade é um meio expressivo que permite a ampliação da consciência, propicia a expressão e extensão do “Self”
Facilita a projecção do inconsciente
Facilita o trabalho no “aqui e agora”, aproximação com a realidade
Organizador das experiências internas
Permite a expressão da alma, mediadora de emoções
Facilita o auto-conhecimento e desenvolvimento pessoal
Estimula a concentração, favorece a auto-estima, autoconfiança, promove uma maior compreensão de si mesmo e do mundo, maior valorização pessoal e social,
Qualidades Curativas
Absorvente, bactericida, antisséptica, radioactiva, analgésica, cicatrizante, desodorizante, catalisador, refrescante, descongestionante, purificador e até mesmo calmante, (Pode ser utilizado nos Homens e nos animais)
Qualidades religiosas, mágicas e espirituais
Agricultura Biológica: Enriquece os solos, limpa as árvores, pesticidas/repelente de insectos, etc.

Anexo 2 - Workshop - “Barro: Expressão do corpo e da alma”

PLANO DE ACTIVIDADES	TEMPO
1 – Dinâmica grupo – Introdução Jogos de aquecimento (balão – nome, toque)	5’
2 - Expressão corporal de aquecimento. 2.1 Exercício de aquecimento corporal (articular e muscular). 2.2. Em grupos de dois vão descobrir a mão, os dedos, a textura, a pele, rugas, calos, sinais, do outro,	10’
3 – Expressão plástica: 3.1 Palma da mão, dedos, impressão digital, dedos. Exploração das tintas nas mãos em pares	10’
4 – Expressão escrita: “A história das minhas mãos” 4.1 Criação de histórias a partir das imagens elaboradas antes. 4.2. Criação de verso ou rima sobre os dedos 4.3. Partilha a dois das histórias. Em pares, juntam-se e partilham as criações plásticas e as histórias	15’
5 – “Diálogo interno com o barro I” – Viagem guiada 5.1. Exploração do barro através dos sentidos (tacto, olfacto, audição e visão) 5.2. Com o barro à frente, colocado na placa de madeira, pedir ao sujeito que bata no barro com força, socando-o, descarregando toda a tensão acumulada, pode parti-lo aos pedaços, esfregue-o entre os dedos, pode alisá-lo, dar-lhe festas, ao mesmo tempo devem reflectir o que estão sentindo. 5.3. Agora podem fazer cobrinhas, lagartixas, bolas, quadrados, triângulos, etc.. 5.4.Criação de imagem/forma/figura (Inicio de olhos fechados/abrir e completar a figura).	15’
6 – Criação Plástica 6.1. Grupos de 4 elementos sentam-se juntos em círculos, cada um com bocado de barro e placa madeira. Vão criar imagem representativa deles próprios (10’) 6.2. De seguida, vão passar a placa de madeira com a sua criação ao colega do lado esquerdo, e recebem a placa do colega do lado direito, completam a imagem. Podem recriar, renovar, fazer de novo (5’).	15’
7 – “Criação História” 7.1.Os participantes juntam-se e formam dois grupos. Com os objectos criados devem fazer uma breve história grupo para posteriormente a apresentarem, os animais têm voz, som, música. 7.2. Apresentação da história ao grande grupo (Todos os elementos devem participar na história)	5’
8 – Reflexão final (Gande grupo) Partilha final de síntese das vivências obtidas e das vantagens na utilização do barro. Representação do Barro: características técnicas e simbólicas: Social, histórico, cultural, religioso, mágico, espiritual, pedagógico, terapêutico, curativo,...”	10’
9 – Dinâmica de grupo de encerramento: Dança em grupo e grito final. Leitura das VS	5’
Tempo total	1h30

Material

Barro 1Kg p/pessoa/Pranchetas e Balde com água/Folhas papel A/3, papel cenário

Tintas digitintas/Canetas e papel A/4/Material limpeza: toalhetes, rolo papel/Aparelho som e Cds

Contacto
Criação
Interação

Criatividade
Partilha
Cooperação

histórias
muito bom
alcega

Espectacular
divertido
Sensacional
mão houve mais de
mal

⊕ Partilha
Amizade
Carinhoso

diferente
libertador
Ajuda nos a conhecer
melhor o ~~de~~ outro

Porfissos!
Série
Troca ideias
Cooperar em
Silêncio

Muito agradável
interessante
original

Touco Espaço
Barulho

CALOR
ABAFO

trude ler

- mãe ter muita criatividade
- mãe ouvir música de fundo

Pensei que era
Mundo era bom

Negativo
Guerra
Desunião
Ódio

nada negativo

Para mim
parece negativo

Experiência⁺
Socialização
Liberdade

~~Manutenção~~
Diversão
Original
União

S
I
M
Toque interpessoal
Textura do Bano
Prazer

~~SE~~

ENERGIA
SENSUALIDADE

diferente
divertido
liberdade

GOSTEI DAS
HISTÓRIAS

TRABALHAR COM
BIBRO

PAZ
UNIÃO
CRIATIVIDADE

Partilha
Sentimentos
Entrega

Calor
Espaço

Pouco tempo ☹️ +
fontes
CALOR

TREMURA
ANSIEDADE

- Não
- Tinta nas mãos
 - sentar no chão
 - não ter jeito para moldar o barro.

Gosto de tudo

Calor
Falta de concentração,
Ruídos do exterior

TRISTEZA
SAUDADE

Espontaneidade
liberdade
confiança

Barro quente
histórias Bonitas
sculptura enfraquecida

DESCONTRACÃO
DESCOBERTA
Riso

Positivo

Interagir

Toque entre
todos.

Descontração

Diferente
Criativo
imaginativo

Positivo:

- "VER" COM AS MÃOS
- Barro nas unhas
- o cheiro do Barro

Posit.

- Senti o barro
- Criatividade
- Compulsão
risos

do gosto

Força suja
desconforto físico
pouco tempo

Nervosismo
Estranhiceza
Medo

estrucho

MAOS SUJAS

?

?

longo

sujo

causando

negativo:

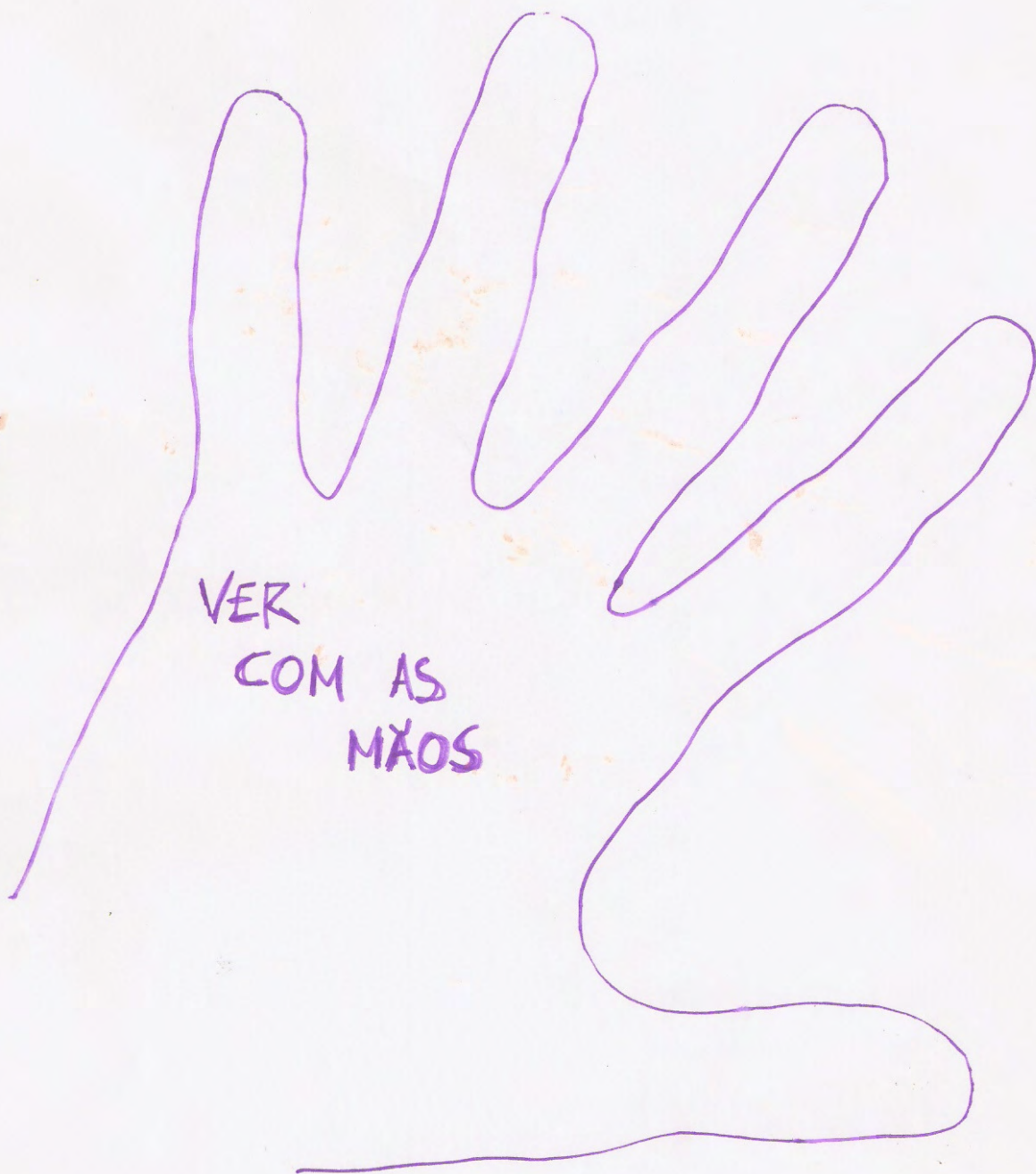
- o não fazer o que se imagina
- o barro partir
- .

Nôsf.

- A forçada
(difícil colar)

mais perto
a animalada

- da selva



VER
COM AS
MÃOS

NO jogo da mão
Baseado na sensação
Percorri meu pressa
Os deditos da Vanessa ü

As minhas mãos sentem. O
que está em mim, o que está em
ti. As minhas mãos recebem. O
que existe em ti, o que existe no
mundo... no mundo de tantas
mãos. As minhas mãos dão, o que
de melhor têm, guardas pelas pontas
dos dedos que proíbem a tua mão. As
minhas mãos dão-se a outras
mãos. Nas minhas mãos há dor,
nos meus dedos há AMOR,
nas minhas unhas há RANCOR,
na minhas palmas o colo que
embala o senhor. ^{te/se/me/no/vos/}
As minhas mãos tocam, as ^{lhe}
minhas mãos vivem e dançam
a VIDA. As minhas mãos pensam
e existem

O outro e o outro em mim

Estava eu no meu canto, no meu momento, na minha satisfação, no prazer de viver quando de repente um estranho toca em mim. Ai veio o desconforto, a angústia e o pouco a vontade de o outro tocar e sentir as minhas mãos. A sensação estranha de ~~ter~~ permitir que o outro me tocasse, me sentisse instalou-se em mim.

É estranho deixar alguém "entrar" em nós, conhecer, sentir o que somos nós. ~~É difícil~~ É tão fácil e ao mesmo tempo difícil deixar que nos conheçam que façam parte de nós.

A história das minhas mães...

achava as minhas mães
muito rufosas e estapadas pelas fixas
mães e tias. mas, para minha
surpresa, a minha mãe sorriu a
minha ansiedade e achou as minhas
mães doces e macias! foi bom de
ouvir! -

26 FEVEREIRO 2011
TME

COM AS MINHAS MÃOS NAS TUAS
SINTO-ME A LEVEJAR... SOU
TRANSPORTADA PARA TODAS AS
MINHAS VIVÊNCIAS E VIVO... E SINTO...
SEM RENOSOS, SEM CULPA, OU
VERGONHA... LENTO-ME A SENTIR.
SENTIR COM A ALMA. SENTIR COM
AMOR. AMIZADE. PAIXÃO. SENTIR
QUE ESTOU VIVA. QUE SOU LIVRE.
QUE TENHO VALORES. QUE TENHO
AMOR... COM AS MINHAS MÃOS NAS
TUAS... SOU SIMPLEMENTE EU! COM
AS MINHAS MÃOS NAS TUAS... SOMOS
SIMPLEMENTE NÓS!

"Barro / Terra Mãe!"

As minhas mãos
tal qual dois irmãos
partilharam afagos
carícias
de olhos fechados
de olhos fechados
deram serviços
à terra / barro
amassado e bravo
na humidade das entranhas
na humidade dos entranhos
de tais artes tamarhanas.
do barro / terra mãe "

HISTÓRIA das finhas maus

Tocar, sentir

Fluir sentimentos

Partilhar cores

Amizade e confiança

criar, orar

A arte do Amor!

Peter R.

As minhas Mãos

- Pela 1.ª vez as minhas mãos dei
uma utilidade diferente às minhas
mãos, com elas tenho criado muita
coisa; com elas ganhei o meu sustento
e de minhas famílias, sou das rezei,
e também me serviram de amparo,
fuer para mim, fuer para outros.

Fuer das ~~as~~ amei, e com elas,
com as minhas mãos, amparei,
eduquei e dei a crescer os
meus filhos. Fuer as minhas
mãos fiz uma vida.

Mas hoje pela 1.ª vez peço
as minhas mãos de ajudarem me nas
coisas, e com elas vivi momentos
bonitos, de entrega, de afeto, de
comprometimento. Gostei das suas
mãos, todos.

Infância
9/4/2011

Seu elas
nada faço,
Sou elas tudo sinto, e ^{tenho} ~~faço~~
Abizo, sinto e faço,
Toco, imagino, realizo

Experiencias
a 9/4/2011

TIARÉ - 2011

As miúdas mãos
peitunas :

macio

ferro

negro

seco

molhado

quente

pegajoso

escolhe o gadio

As minhas mãos
tozaram uma mãe
dura menina que fodia
seu pai de minha
filha.

Molhadas são feitas
sejam, são carimbos e
registrao o que se faz
poe elas.
Minhas mãos são o
que minha vida fez
ho momento, que
permite e consegue.
Ai, quando se parte
a minha mão!

Hoje foi o dia em que as
minhas mãos tiveram a sua
hora de "terapia" ou lazer...
elas gostaram.. sentiram-se
acomodadas e retribuíram com
fermeza o toque... - partiu
de hoje não serão as mesmas
pois adquiriram a acrescentar
a muitas outras uma nova
experiência além de toda
a evolução que o momento
nos transporta...

Muito positivo e relaxante

As minhas mãos agradeceram
a oportunidade de suas mãos,
de minha companhia
de mãos...

As minhas mãos nasceam
Viveram outras sensações

Esqueci tudo

para Trás ficar tudo aquilo

que não acabei

Mas que nunca conheci

Mesmo assim foi bom

Conhecer estas outras mãos

AS MINHAS MÃOS
TIMIDAS FORAM

A DESCOBERTA

FINALMENTE AS MÃOS
SÃO IGUAIS E TÃO
DIFERENTES ... AS MÃOS

PODEROSAS, SENSÍVEIS

AS MÃOS SÃO

FABULOSAS !!!

o

A história das Minhas mãos

A mim, gentil e seco e Tolhado e toda a
experiência entre 4 mãos se fez
tr de encontro que somos todos UM.
UM, UNINOS para 1^{único} e propósito se: A
Felicidade.

Anexo 5 - Exercícios propostos

Deixamos aqui a indicação de alguns exercícios que todos podemos executar, sem contudo deixar de alertar, mais uma vez, que quem desejar iniciar este tipo de actividade deve ser conhecedor do respectivo material que vai utilizar, das suas possibilidades e limitações. Ao mesmo tempo como Terapeutas Expressivos, devemos sempre poder vivenciar este processo em nós próprios e só depois colocar este material ao serviço do outro.

Quem trabalha com o barro, como mediador de expressão, deve ser conhecedor da sua própria linguagem tridimensional, linguagem simbólica e mágica, assim como do seu poder transformador e dos efeitos que desperta. Não basta ter o curso de psicologia, ou de medicina ou de artes, já que caso este material seja mal utilizado, ou por pessoas que desconhecem a técnica, pode despoletar em todos nós determinados sentimentos difíceis de conter, tais como a agressividade, a regressão e se não estivermos perante um técnico com experiência na área, poderemos estar a propiciar momentos para a catarse, mas não para a reparação e elaboração interna. A catarse se não for devidamente contida, pode ser extremamente destruturante e pode colocar o outro numa situação de grande aflição.

Exercícios:

1. Com a barbotina, os participantes devem molhar os dedos e as mãos e fazer desenhos livres, numa superfície ampla. De uma forma livre, usar o barro em pasta líquida para deixar a mão e os dedos percorrerem todo o papel, ou cartolina de forma solta. Podemos adicionar tinta de cor, ou pigmento colorido na barbotina e pintar com os dedos, obtendo assim belos efeitos, dando cor às diferentes sensações e emoções. Podemos também trabalhar com a água e com o barro (plasticidade).
2. Exploração do barro através dos sentidos (tacto, olfacto, audição) – Pede-se aos participantes que se concentrem nas suas mãos e que as observem: vejam a textura da pele, as rugas, sinais, as veias, as linhas da mão, toquem nos dedos,

percepcionem os dedos³³, as articulações e após este movimento, coloquem as mãos no barro. De seguida, se ainda não o fizeram, devem fechar os olhos e vamos conduzi-los numa viagem de exploração. Pedir, que entrem em contacto com o barro e que estabeleçam com ele um diálogo interno, ao mesmo tempo que devem estar atentos ao despertar das várias sensações. Ao sentimento/emoção sensorial que despoleta. Podemos fazer tipo comentário: Coloquem as vossas mãos no barro e lentamente sintam-no, toquem-no como algo mágico, sintam a atracção que ele exerce nas vossas mãos, a energia passa do barro para as vossas mãos. Concentrem toda a vossa atenção nas vossas mãos, sintam os vossos dedos, eles captam as diferentes sensações. Deixem-nos a ser eles a conduzir-vos. Sintam o material. Trata-se da terra, sintam a sua textura: áspero, rugosa? Macia, mole? A temperatura: é fria? Quente? Qual o seu estado: seco, molhado? Passem o barro entre os dedos. Sintam as mãos empapadas, apertem o barro, passem-no pelas mãos, segurem-no. Qual o seu peso: é leve, pesado? Qual será a sua cor? Sentem-na? E o seu cheiro? Sentem-no? Agora podem dar-lhe pequenas festas, alisem-no (...). Em que pensam? O que sentem? Posteriormente podemos restabelecer o contacto com o “aqui e agora”, pedindo aos participantes que lentamente abram os olhos e tomem contacto com a matéria com os olhos abertos. Podem ser constituídos pequenos grupos de partilha e reflexão do que foi efectuado. Posteriormente podem criar uma peça. Podemos também pedir que, ainda com os olhos fechados, os participantes imaginem uma imagem, um objecto, uma forma e que a tentem criar com a ajuda das mãos.

3. Os participantes reúnem-se em grupo e escolhem um tema, de acordo com as suas expectativas, vivências. Por exemplo, uma viagem ao campo. Cada elemento do grupo, deverá fazer uma peça, que para ele seja a mais representativa existente no campo; o que lhe desperta mais atenção. Uma planta, árvores, animal, casa, rio, pedras, folhas, os viajantes, etc. Depois de todos os elementos do grupo terminarem a construção, podem montar a cena,

³³ Interessante a quantidade de vezes que nos depararmos que quer sejam adultos e/ou crianças por vezes muitos deles, senão a maioria, não sabe o nome dos dedos (polegar/indicador/médio/anelar e mínimo; ou de forma metafórica: Dedo mindinho, vizinho, o maior de todos, fura - bolos, matruca, piolhos)

representando a viagem, com as peças construídas e à medida que as forem colocando, cada elemento vai dando o seu depoimento pessoal sobre o significado da sua obra. No final, o grupo constrói uma pequena história com todas as peças e podem representá-la, dramatizando-a. Ou, de outra forma poderá uma pessoa começar a história e depois vai de roda, dá a vez a outra e assim por diante.

4. Após visualizarem figuras de postais (animais, objectos, figuras), os elementos do grupo, fecham os olhos, e com o barro à sua frente devem imaginar essa imagem e com as mãos no barro podem começar a construir a peça, dando forma à imagem interna. Passado um período de tempo, podem abrir os olhos e completar a peça, caso assim o entendam. No final podemos mostrar-lhe de novo, a imagem do postal inicialmente visualizada e pedir-lhe que faça um comentário.
5. Com barro em quantidade suficiente, pedir que cada elemento, faça uma máscara. Pode ser parecida com a sua face, ou não. Podemos fazer um exercício prévio de aquecimento, onde os elementos colocam as mãos na face e descobrem os seus traços, texturas, dobras, captam a energia emanada do rosto e posteriormente de olhos abertos ou fechados, canalizam essa energia para as mãos e em sua consequência para o barro na construção da máscara. Posteriormente podemos secar a peça e pedir aos sujeitos que a pintem.
6. Com o barro à frente, colocado numa mesa, pedir ao sujeito que bata no barro com força, socando-o, descarregando toda a tensão acumulada, pode parti-lo aos pedaços, esfregue-o entre os dedos, pode alisá-lo, dar-lhe festas, ao mesmo tempo devem reflectir o que estão sentindo, para mais tarde poderem partilhar com os colegas. De seguida, podem colocar-se em duplas partilhando as diferentes emoções e sentimentos vivenciados.
7. Podemos fazer um exercício dirigido, solicitando a construção de um determinado objecto, tipo carro, casa, homem, mulher, e depois construir uma pequena história. Também podemos solicitar aos elementos do grupo, que com os olhos fechados, construam uma forma, um objecto. Podem fazer um animal, uma coisa imaginária, de outro planeta, depois um objecto real, etc. Depois

devem abrir os olhos e confrontarem-se com a criação. Podem fazer uma família, uma história, uma imagem de si quando eram crianças, em pequenos, na adultícia, e actualmente. Podemos solicitar que representem um sonho, um pesadelo, como se imaginam daqui a alguns anos, etc.

8. Fazer construção em conjunto, pedir a duas pessoas que criem uma imagem, uma forma, em conjunto, no mesmo bocado de barro.
9. Depois de darmos um bocado de barro a cada participante, pedimos que façam o decalque, fazendo a impressão das mãos, dos dedos, pode ser até dos pés. Construir um símbolo, representativo de uma das suas características próprias. De seguida podem fazer a apresentação ao grupo, tendo como referência o objecto que construíram.
10. Pedir para modelarem uma peça maciça. Exemplo: uma caixa rectangular, com tampa. Através de um bocado de argila fazer uma forma rectangular, tipo bloco, batendo-o com as duas mãos, contra a superfície da mesa, para regularizar a forma prismática. Posso ajudar com uma ripa de madeira, batendo em todas as faces para produzir uma textura. Depois com um fio bem esticado corto a argila a direito em duas partes, de forma a poder fazer a tampa da caixa, ao mesmo tempo que uso o polegar esquerdo para segurar a peça. Este corte pode ser efectuado na parte superior do bloco. Utilizando uma pequena ripa de madeira, como se de uma régua se tratasse, marco com a punção a espessura das paredes da caixa e da tampa. Logo de seguida começo a escavar o corpo da caixa, usando a extremidade arredondada do teque de arame para retirar a maior quantidade de barro e a extremidade plana para alisar, nivelar e regularizar as paredes e os fundos. Faço o mesmo em relação à tampa. Depois coloco um rebordo na tampa, para isso corto pequenas tiras de barro, finas e estreitas que servirão como moldura para encaixe, para ajustar a tampa ao corpo da caixa. Para fixar estas tiras faço pequenos rasgos e colo com barbotina, tendo sempre o cuidado para confirmar que as peças ficam bem unidas. Durante a secagem devemos colocar tiras de papel entre a tampa e o corpo da caixa, para que as duas peças não se colem. Durante a secagem a tampa deve estar colocada na caixa para evitar deformações. Depois de seca a caixa pode ser pintada.

Anexo 6 - Como fazer barbotina

Para preparar barbotina, colocar um bocado de argila dentro de um recipiente com água e deixar amolecer até diluir por completo. A quantidade de água deve ser aproximadamente igual à do barro. Podemos seguir os seguintes passos:

1. Deve ser deixada dentro do recipiente, se possível dois a três dias;
2. Mexer³⁴ frequentemente a pasta, durante esses dias;
3. Retirar o excesso de humidade com uma esponja;
4. Passar a barbotina para outro recipiente, através de uma rede fina;
5. Guardar num recipiente que não a deixe secar. Se possível utilizar recipiente que permita vedar. Antes de a utilizar, remexê-la novamente.

³⁴ Existem muitos artesãos, ceramistas que para obterem a barbotina de forma mais rápida, utilizam máquinas: trituradora, misturadora, liquidificadora, para fazer a mistura. Podemos colocar uma a duas colheres de sopa de vinagre, já que este tem a função de acrescentar teor de acidez à borbotina. As substâncias ácidas aumentam a "adesão" entre as partículas de argila, facilitando assim uma melhor colagem.

Anexo 7 - Materiais necessários para trabalhar com Barro

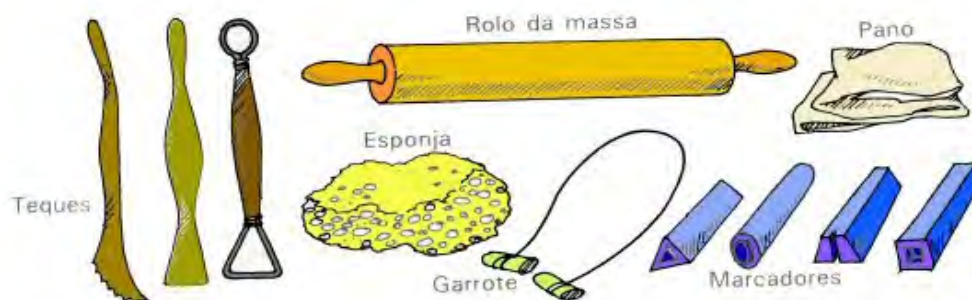
Conjunto de ferramentas adequadas que se tornam auxiliares preciosos, para a realização de qualquer trabalho, quer seja de natureza terapêutica, educacional, pedagógica, de ocupação, recreação e animação. Entre nós, todos os materiais se encontram à venda em casas da especialidade e mesmo em espaços comerciais, com os mais variados preços, podendo alguns deles serem fabricados manualmente por quem os manuseia, exemplo disso é a construção dos teques, basta para tal ter cabos de madeira, furados numa extremidade e arames de duas espessuras.

- Recipiente com água – serve para humedecer o barro sempre que este se encontre um pouco mais duro.
- Recipiente com barbotina – mistura cremosa de água e barro, tem a mesma função que a cola para o papel, serve para unir duas peças de barro.
- Teques³⁵ – ferramentas de plástico, de madeira ou de metal, com extremidades de diversas formas, que servem de auxílio à modelação e à decoração das peças. Servem para unir, alisar, retocar, polir, fazer texturas, etc. Apresentam-se sob várias formas, servindo assim muitas funções. De forma geral, são constituídos por um cabo de madeira ou de plástico e por ganchos metálicos nas duas extremidades. Os teques de arame, de ponta redonda, servem para escavar e retirar bocados de barro em excesso e os de ponta recta e/ou de madeira, são utilizados para alisar a superfície e os fundos e assim dar a forma perfeita. Os teques de aço inox, são mais utilizados na modelação em gesso, devido à sua grande resistência ao desgaste e oxidação.
- Rolo de massa – Instrumento de madeira dura e polida, de forma cilíndrica que serve para estender e alisar o barro. São mais estreitos nas pontas, e recomendamos a existência de diversos rolos de vários tamanhos. São muito úteis para a preparação de placas e tiras.

³⁵ Os teques de madeira, mais utilizados na modelação e que se encontram com mais facilidade no mercado, são os teques de bucho, porque são fáceis de ser construídos e no final possibilitam um óptimo acabamento superficial, imprescindível para a realização de trabalhos em barro. Muitos destes teques, podem ser adaptados na sua forma final através de uma lima Murça para madeira e depois polidos com lixa nº 600 (www.cencal.pt)

- Sediela – Mola de roupa desmontada com um fio de nylon atado às duas metade, que serve para cortar o barro de uma forma mais perfeita.
- Garrote – é constituído por um arame com cabos de madeira. Serve para cortar grandes pedaços de barro.
- Retalhos de lona – bocados de lona que se revelam de grande utilidade para a construção de placas ou tiras de argila, já que o material não se pega à lona.
- Ripas de madeira – tiras de diferentes espessuras, que geralmente se utilizam aos pares. Usam-se com os retalhos de lona e com o rolo de massa.
- Saco plástico – utiliza-se para envolvermos a peça criada sempre que esta fique incompleta de um dia para outro, evitando que esta seque, assim como podemos tapar as mesas ou bancada para não ficarem cheias de barro.
- Prancheta – utiliza-se para ter uma melhor delimitação do espaço e para não sujar a mesa, facilitando assim a presença de uma superfície lisa e resistente sobre o qual se possa trabalhar o barro, por exemplo uma base/placa de madeira.
- Avental ou bata – material bastante útil para trabalhar com barro, protegendo a nossa roupa.
- Rolo de papel, toalhetes – material para assegurar a limpeza do material e pessoal.
- Jornais velhos – para forrar as mesas de trabalho

Como é evidente esta lista refere-se a materias básicos para podermos trabalhar com o barro, caracteriza-se por ser de natureza dinâmica e nunca se encontrará fechada, podendo ser acrescentados outros materiais à medida em que forem sendo necessários, como por exemplo: - Mesa estável, depósito de fibrocimento tipo “*lusalite*” para guardar o barro, espátulas de madeira, pulverizador, panos velhos, plásticos, ocres, estante para secagem das criações, raspador, lixas, caixa para barro seco, baldes, bacias, pincéis, escovas, esponjas, rolos, tabuinhas estreitas de larguras variadas, garfo e faca velhos, canivete, arame de latão, etc...



Retirado de:

Anexo 8 - Glossário de termos e ideias:

- **Adobe** – Argila crua secada no sol. Costuma ser misturada com palha para se tornar mais resistente. Usada nas construções mais primitivas.
- **Amassar** – Processo executado com as mãos e os dedos para homogeneizar a humidade da argila e lhe dar a consistência desejada ao mesmo tempo que se elimina as bolhas de ar.
- **Barbotina ou Lambugem** – Resulta da mistura do barro com água em quantidades iguais, tem o mesmo efeito que a cola e serve para unir duas partes de uma peça de barro, durante a modelagem.
- **Barreiras** – São os locais de onde se extrai o barro.
- **Barro** – É uma matéria argilosa, moldável quando se junta água, que se extrai directamente dos solos e é composto à base de silicatos de alumínio.
- **Barros gordos** – Têm grande plasticidade e retraem muito na secagem.
- **Barros magros** – Têm fraca plasticidade e retraem pouco na secagem.
- **Caulino**³⁶ – Tipo de argila que é a mais pura, é a mais fina e branca. Em Portugal, é explorado principalmente nas regiões Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo, e tem aplicações na Indústria Cerâmica (porcelana e faiança) e do Papel.
- **Cerâmica** – Arte ou técnica para produzir objectos duros e resistentes, moldados com a mistura de argila e água, e logo levados ao forno a uma temperatura de 800°C ou mais. Também chamamos de cerâmica estes mesmos produtos resultantes.
- **Chacota** – Primeira cozedura, aquela que vai até aos 900°.
- **Contração** – Durante a secagem, e devido à perda de humidade, as peças de argila sem queimar sofrem um encolhimento que pode chegar a 20% de seu tamanho original. Posteriormente, na queima, reduzirá ainda um pouco mais.
- **Cozedura** – É a eliminação total da água, dando maior resistência, impermeabilidade e sonoridade às peças.
- **Moldagem** – Processo de execução de formas para reprodução em série.
- **Molde** – Objecto que serve para sustentar a argila, para criar uma forma.
- **Mufla** – Forno eléctrico para cozer barro.

³⁶ Senhora da Hora, é a maior jazido de caulinos existente em Portugal.

- **Plasticidade** – Característica da argila que lhe permite ser modelada e reter a forma, sem deformar.
- **Secagem** – Consiste na eliminação da maior parte da água existente nas peças, por meio da evaporação.
- **Teques** – Instrumentos que servem para trabalhar no barro.
- **Terracota** – Argila vermelha, popularmente conhecida como “barro”. Significa "terra cozida", usa-se frequentemente em esculturas, sem esmalte. Possui grande plasticidade, sendo composta por um ou mais variedades de argilas.
- **Torno** – Roda impulsionada com o pé ou com um motor eléctrico, que faz girar uma determinada quantidade de argila, e que permite que esta possa ser torneada com as mãos. As peças que resultam dos trabalhos no torno, geralmente são redondas ou apresentam corte circular, como por exemplo: copos, jarros, garrafas.
- **Vidragem** – trata-se da segunda cozedura. A primeira chama-se chacota e vai até temperaturas de 900°. A vidragem vai além dos 1000°, o que torna as peças completamente impermeáveis.